

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

ADRIANA MIRITELLO TERAHATA

**O Sentido de Participação:
um estudo com jovens de uma comunidade de
baixa renda**

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

PUC-SP
2004

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

**O Sentido de Participação:
um estudo com jovens de uma comunidade de
baixa renda**

ADRIANA MIRITELLO TERAHATA

Dissertação de Mestrado apresentada
à Banca Examinadora do Programa de
Estudos Pós-Graduados da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de MESTRE em Psicologia da
educação sob a orientação da Prof^a
Dra. Heloisa Szymanski.

**PUC-SP
2004**

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Heloísa Szymanski

Prof.^a Dr.^a Maria da Glória Gohn

Prof.^a Dr.^a Mitsuko A. Makino Antunes

***Dedico este trabalho aos jovens
que foram a inspiração e o motivo
de sua realização.***

'Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer "realidade".'

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai pelo amor e respeito; à minha irmã por todo apoio e compreensão nos momentos difíceis. À minha avó querida que cuidou de mim. A minha mãe que tenho certeza me guiou do céu onde está como estrela.

Ao Arthur, meu grande amor, pela dedicação, pelo apoio, pelo diálogo permanente, otimismo e bom humor. Sem ele este trabalho seria impossível.

A Rejane e ao Marcos, meus pais por afinidade, pela compreensão dos momentos de ausência e pelo incentivo.

À Heloísa, pelo carinho com que acolheu a mim e a minha idéia, pela presença sempre carinhosa, principalmente nos momentos mais difíceis da construção deste trabalho e por ter despertado em mim a paixão pela fenomenologia.

À Mimi, por acompanhar e incentivar meus passos na Universidade desde o início, e pelas contribuições dadas, marcadas pela qualidade acadêmica e pelo bom humor.

À Maria da Glória, pela disponibilidade de se debruçar sobre meu trabalho e por ter contribuído não só com a pesquisa, mas também com a prática com os jovens.

À Stela e aos companheiros do NTC, por terem compartilhado e apoiado meus primeiros passos na PUC.

À Fabíola, a grande amiga do mestrado, jóia rara, companheira de todos os momentos, pelas discussões, pela dedicação e pelo carinho que nunca faltou.

Ao Rafael, pela leitura, pelo carinho, pela esperança e, sempre, pelo bom humor.

À amiga Adriana, pela generosidade, por ter sido a primeira pessoa a me apresentar Hannah Arendt e por ter sempre acreditado em mim.

À Aurora pelo companheirismo, pelas leituras atentas e comentários preciosos e por ter estado por perto sempre com muito carinho e bom humor.

À Rosana, pelo apoio, paciência, carinho e compreensão.

À Beta, por ter sido companheira e sempre ter me incentivado a superar cada um dos meus desafios.

À Nelma, por compreender a minha ausência e por ser um exemplo de garra.

À Helena e Irene pela acolhida no PED e pelo socorro nosso de cada dia.

À Ana e à Virgínia pela disposição e solidariedade, por ter cada uma me socorrido em uma língua diferente.

A todos os amigos que compartilharam do meu esforço final, dando a leveza necessária para o enfrentamento deste desafio – Gisele, Otávio, Thomas, Chulé, D'Alessandro e Pixote.

À amiga Solange, por uma vida em comum e pela compreensão das minhas ausências, por sempre torcer por mim e por morar no meu coração.

Ao Lelo, velho amigo e dindinho querido, pela preocupação e pela alegria que me dá sua companhia, mesmo quando virtual.

Às amigas Ciça, Cinthia e Fernanda pelo apoio, compreensão e pelo incentivo permanente.

Aos jovens do Fórum de Adolescentes pela generosidade e carinho de sempre.

Ao CNPq, pelo apoio.

RESUMO

O que pretendi compreender no presente trabalho foi o sentido de participação para um grupo de jovens residentes em uma comunidade de baixa renda. Essa inquietação surgiu a partir do trabalho que realizei nesta comunidade e da forma inovadora de organização em que atualmente o grupo se encontra - Fórum de Adolescentes.

Escolhi o olhar fenomenológico existencial para compreender o sentido de participação para estes jovens e procurei nas idéias de Hanna Arendt e Paulo Freire subsídios para melhor compreender o fenômeno.

Os dados foram obtidos mediante Entrevista Reflexiva realizada com jovens que freqüentavam o Fórum de Adolescentes e Observação Participante realizada anterior e posteriormente à data da entrevista.

A escuta respeitosa do discurso destes jovens possibilitou desocultar muitos aspectos relativos à participação, como o diálogo, a amizade, a esperança, a existência de espaço público. O grupo compreendeu que existem diversos modos de participar – original ou verdadeira, embalo, interessados e interesseiros, tímidos ou omissos – e diversas situações em que houve participação – eventos, oficinas, jogo de futebol, e o Fórum de Adolescentes. Pude perceber também que o grupo identificou resultados que decorrem da participação (individuais ou coletivas).

Espero com este trabalho aprofundar o sentido de participação para jovens, subsidiar as ações educativas desenvolvidas com estes jovens e poder contribuir com outros educadores que buscam construir suas práticas educativas pautadas na participação.

ABSTRACT

For the purposes of this work, my objective was understanding the meaning of participation for a group of young people living in a low-income community. This concern arose from a work I developed within such community and from the innovative organization currently adopted by the group: Adolescents Forum.

I chose the phenomenological-existencial approach aiming at understanding the meaning of participation for these young people, and searched in Hanna Arendt and Paulo Freire information for better understanding the phenomenon.

Data was gathered by means of Reflexive Interview carried out with the young people assisting the Adolescents Forum and through Participative Observation carried out previously and subsequently to the interview date.

Listening respectfully to these young people's speech allowed me to unveil several aspects relating to participation, such as dialog, friendship, hope, the existence of a public space. The group understood that there are several kinds of participation that can be translated as original or actual, resulting from an *impulse*, deriving from an interest in or driven by ulterior motives, including shy or omissive participants and several situations in which participation was effective: events, workshops, soccer games and the Adolescents Forum. In addition, I could realize that the group identified results deriving from the participation (individual or collective).

My work aims at deepening the feeling of participation in these young people, fostering educational actions targeting the youth, and sharing my experience with other educators who seek to build their educational practices based on participation.

SUMÁRIO

CAMINHOS TRILHADOS: APRESENTAÇÃO	1
I – INTRODUÇÃO	6
1. OBJETIVO	20
II – CONSIDERAÇÕES SOBRE PARTICIPAÇÃO	21
1. ONGs E PARTICIPAÇÃO	31
2. JOVENS E PARTICIPAÇÃO NO BRASIL	33
3. PARTICIPAÇÃO E DIÁLOGO	38
III – METODOLOGIA	49
1. DIRETRIZES METODOLÓGICAS	49
1.1. A Compreensão de sentido para a Fenomenologia-Existencial	50
2. PROCEDIMENTOS	52
2.1. Observação	52
2.2. Entrevista reflexiva	53
3. APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE	55
3.1. Localização do distrito de Itaquera	55
3.2. Aspectos físicos e sociais da região	56
3.3. Descrição da Comunidade	58
3.4. Sobre o Fórum de Adolescentes	60
3.4.1. Apresentação dos Encontros	63
3.5. Participantes da Pesquisa	65
3.5.1. Retrato dos Adolescentes Entrevistados	66
IV – APRESENTAÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE	70
1. ENTREVISTA REFLEXIVA	70
2. FÓRUM APÓS A ENTREVISTA	81
V – ANÁLISE DE DADOS	89
1. ENTREVISTA	91
1.1. Síntese da Análise da Entrevista:	103
2. FÓRUM APÓS A ENTREVISTA	105
2.1. Síntese da Análise do Fórum	109
VI – UM DIÁLOGO COM A TEORIA	111
VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
VIII – BIBLIOGRAFIA	127
ANEXOS	132

CAMINHOS TRILHADOS: APRESENTAÇÃO

"... o pensador que deseje dar a conhecer ao mundo o 'conteúdo' de seus pensamentos deve, antes de mais nada, parar de pensar e rememorar seus pensamentos".

Hannah Arendt

Olho para trás e percebo como é difícil revisitar meu próprio percurso. É um momento em que pessoas e lugares voltam a conversar comigo, mas de um outro jeito. Em que parte dessa história focarei meu olhar? O que revelarei para o leitor, que seja relevante neste momento? São passos cautelosos, mas cheios de vida. Vontade de compartilhar pelo menos alguns desses passos com quem se aventurar comigo nas linhas deste trabalho a que me proponho.

Reconheço como marco em minha história o ingresso na universidade. A PUC/SP foi e ainda é um espaço encantado, cheio de mistérios, conquistas e desafios, que me propus a desvelar desde meu primeiro ano de graduação, em 1990, no curso de Fonoaudiologia.

Foi fazendo essa graduação que entrei em contato, pela primeira vez, com as contradições sociais e com as questões relevantes da época e de outros tempos a respeito da produção de conhecimento. Foi como se tivesse em minhas mãos um caleidoscópio onde, a cada movimento, novas formas iam se configurando e o meu olhar, encantado, quisesse dar conta de tudo.

Já no primeiro ano na aula de Sociologia conheci a realidade dos meninos de rua de São Paulo e decidi que deveria fazer algo para que aquela situação deixasse de existir. Estava indignada e essa indignação me mobilizou para que, junto com outros estudantes de Fonoaudiologia, retomássemos o centro acadêmico, que estava adormecido havia alguns anos. Talvez tenha sido neste movimento que a participação tenha começado a ter um sentido para mim.

Reiniciando as atividades do centro acadêmico, decidimos realizar uma campanha para arrecadação de material que deveria ser destinado aos trabalhos desenvolvidos pela universidade com a população de rua.

A campanha foi um sucesso, mas eu já estava comprometida com a questão da exclusão social e considerava a campanha apenas uma pequena ação. Eu queria trabalhar diretamente com crianças e adolescentes em condições sociais desfavoráveis.

Foi assim que comecei a atuar com crianças e adolescentes no Centro Velho de São Paulo. Nesse trabalho, as questões que me inquietavam, uma vez que cursava Fonoaudiologia, referiam-se à linguagem, sua aquisição e desenvolvimento.

Continuei meu trabalho com crianças e adolescentes junto com outros educadores e, num diálogo constante com a Universidade, participei da fundação do Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC/SP (NTC), cuja coordenadora, Prof^a Dr^a Maria Stella Santos Graciani, havia sido minha professora de Sociologia e desde o momento das aulas até o trabalho direto com as crianças e adolescentes, referência para que minha opção pelo trabalho social fosse cada vez mais se tornando consistente.

Um dia, desenvolvendo atividades com as crianças na Praça da República, em São Paulo, junto com outros educadores, uma criança falou para nós: 'Onde vocês estudam tem algum livro que ensina a acabar com a miséria?'

Sem saber o que dizer, nos olhamos e eu respondi: 'não'. A criança calmamente disse: 'Então, por que vocês estudam tanto?'

Não lembro qual resposta demos, se é que demos alguma. Só lembro que ao final do encontro sentamos, a outra educadora e eu, em um banco da praça e choramos.

Foi, então, a paixão pela linguagem e particularmente a fala dessa criança que promoveram inquietações me mobilizando para a pesquisa. Lembro-me de um trecho de uma poesia de Drummond: *"(...) por tua vez, a pesquisa há de solicitar-te um dia, mensagem perturbadora na brisa. É preciso criar de novo (...)"*.

O primeiro trabalho que apresentei em um congresso foi 'A problemática da comunicação da criança e do adolescente de rua', em que buscava compreender o papel da Fonoaudiologia no atendimento dessa população e o papel da

Universidade na formação desse profissional, que até então, ao meu ver, restringia-se à clínica, escolas, indústrias e instituições de saúde. Desenvolvi também, ao longo da graduação, uma pesquisa de Iniciação Científica com bolsa PIBIC-CNPq.

A pesquisa, intitulada 'Jogos de linguagem, léxico e letramento de crianças e adolescentes de rua', me aproximou do universo da lingüística, descobri autores e pesquisadores fantásticos e pude estudar questões envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

Foram estas questões que, após a conclusão da graduação em 1994, procurei estudar em diferentes programas de pós-graduação em lingüística. Fui aluna do IEL/UNICAMP, LAEL/PUC-SP e USP. Nessa última universidade encontrei uma professora que, em uma conversa franca, orientou-me, dizendo que a lingüística não 'daria conta' das questões que eu gostaria de pesquisar, que essas se relacionavam com aspectos psicológicos, educacionais e políticos da relação ensino-aprendizagem, e não unicamente lingüísticos.

Atuei no NTC até 1998, em diferentes projetos: com crianças e adolescentes trabalhadores de rua e em cortiço, alfabetização de adultos, formação de a gentes da área da saúde, formação de monitores da FEBEM, formação de educadores comunitários em São Paulo e outras cidades do interior de diversos estados brasileiros.

A educação como prática da liberdade, como disse Paulo Freire, se fez presente em minha vida, tanto como um processo de conscientização, que fui ganhando, quanto como um enorme desafio a ser enfrentado ao atuar com crianças e adolescentes em situação sociais desfavoráveis.

Em 1998, saio do NTC e começo a trabalhar no Projeto Casa das Idéias, acompanhando um grupo de adolescentes. Nesse trabalho, desenvolvi atividades de leitura-escrita, bem como trabalhei o envolvimento dos jovens em ações comunitárias que complexificassem suas práticas participativas.

O Projeto Casa das Idéias, assim como as atividades que desenvolvi com os jovens, serão explicados de forma mais aprofundada adiante, tendo em vista sua

importância para o surgimento das inquietações que me motivaram à presente pesquisa.

Essas atividades foram encerradas em 2000 para implantar o Projeto Casa das Idéias em outra comunidade. Nesse mesmo ano inicia-se o Fórum de Adolescentes que venho acompanhando mensalmente como observadora e que se constituiu espaço de ação pedagógica e de reflexão extremamente desafiante.

Uma característica do grupo de educadores envolvido com as ações do Projeto Casa das Idéias é a preocupação constante com o aprimoramento da prática educativa, o que implica na freqüente reflexão a respeito da ação, na ousadia em seu desenvolvimento e na generosidade na partilha dos desafios e descobertas, o que sempre foi um convite constante à pesquisa.

Foi a partir dessa experiência e, ao meu ver, da inovadora forma de organização em que atualmente o grupo de adolescentes se encontrava – Fórum de Adolescentes – que decidi ingressar no mestrado.

Buscando compreender o sentido de participação que os jovens que integram o fórum têm, fui acolhida no Programa de Educação: Psicologia da Educação pela Prof.^a Dr.^a Heloisa Szymanski, que vem ampliando o conceito de Educação e Psicologia ao trabalhar e pesquisar, sistematicamente, em uma comunidade da periferia de São Paulo, numa abordagem fenomenológica existencial, na qual eu estarei me aventurando na pesquisa que proponho.

Empregarei a palavra jovem e/ou adolescente para me referir aos integrantes do grupo com o qual trabalho e que será foco desta pesquisa.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico, no qual se acelerariam o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos.

Já o conceito de juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação dos indivíduos para assumirem o papel adulto na sociedade no plano familiar, profissional etc. Abrange a faixa dos 15 aos 24 anos. A UNESCO e outros órgãos também adotam esta classificação.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece, para efeitos legais, o termo adolescente e este compreende a faixa de 12 a 18 anos.

O que podemos observar é que temos, portanto, diferentes concepções que às vezes se superpõem.

De acordo com Minayo:

Os limites de idade para se definirem adolescência e juventude são variados, pois dependem de parâmetros socioculturais diferenciados e de tratamentos estatísticos diversos, de acordo com as instituições que refletem ou atuam junto a esse segmento da população (1999: 12).

No mesmo sentido para Hannah Arendt:

É impossível determinar mediante uma regra geral onde a linha limítrofe entre a infância e a condição adulta recai, em cada caso. Ela muda freqüentemente, com respeito à idade, de país para país, de uma civilização para outra e também de indivíduo para indivíduo. (2001: 246)

O que pretendo, portanto, é desenvolver uma pesquisa cujo objetivo é revelar o sentido da participação para os componentes do Fórum de Adolescentes da Comunidade Chico Buarque, independentemente de quaisquer categorias ou conceitos estabelecidos *a priori*, o que se faz condizente com uma postura fenomenológica existencial.

Destaco ainda que para preservar os participantes deste trabalho, seus nomes foram substituídos, por questões éticas.

Agora, que já tracei alguns passos de minha trajetória, bem como anunciei a pesquisa à qual me proponho, convido a todos para compartilhar desse universo mágico e desafiador que é o diálogo, seja pela palavra escrita ou falada.

I – INTRODUÇÃO

*“... porque a vida é
mutirão de todos, por todos
remexida e temperada”.*

Guimarães Rosa

O era uma vez desta história começa bem antes mesmo dela se iniciar. Um fenômeno nunca é isolado, ele faz parte de uma trama de significados que é o próprio mundo – seu tempo, seu espaço e suas relações – e é por isso que tentarei, em poucas linhas, revisitar a trama na qual surgiu o Projeto Casa das Idéias, em cujo contexto formou-se o grupo de adolescentes e posteriormente, o Fórum de Adolescentes.

Como não quero entediar o leitor com relatos desde períodos imemoriais, estabeleço como marco a Constituição Federal de 1988, que representou e ainda representa uma conquista no que se refere à democratização do Brasil. Nesse novo Texto Constitucional, verifica-se um destaque aos direitos humanos e à participação popular.

Segundo Gohn:

No Brasil dos anos 80, os movimentos sociais, particularmente os de caráter popular, foram o lume que orientou os tênues avanços democráticos que a sociedade civil obteve. (...) Fizeram-se reconhecer na arena política como interlocutores válidos e necessários (2001a: 52).

É neste período que se percebe um aumento dos grupos que se preocupam com a situação da criança e do adolescente e também surge o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. Juntos conseguiram que esse segmento da população fosse tratado de forma cidadã e seus direitos fossem garantidos pela Constituição através do Art. 227, que rompe com o Código de Menores vigente na época.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Como a Carta Constitucional não era compatível com o Código de Menores então vigente, se fazia necessária uma nova lei, condizente com a nova ordem constitucional. Mais uma vez os setores da sociedade, preocupados com a infância e juventude, fizeram-se presentes e, em 13 de julho de 1990, é promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que passa a vigorar em outubro do mesmo ano.

Segundo Minayo:

A construção coletiva e a promulgação do ECA, o trabalho de mobilização e a pressão exercida pelos movimentos sociais e demais instituições da Sociedade Civil vieram coroar uma nova concepção de direitos. Todo o movimento social da década de 80, voltado para a democratização da sociedade, após longos anos de ditadura, pode-se dizer que teve sua culminância no reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direitos plenos (1999:16).

Neste sentido, dentre o conjunto de inovações e considerações presentes no ECA, temos que:

- As crianças e adolescentes são vistos como sujeito de direitos e devem ter garantidas as condições necessárias para obterem uma vida digna. Os direitos devem ser respeitados na especificidade da sua idade, tendo em vista seu desenvolvimento integral;
- O Art. 4 assegura que a efetivação dos direitos básicos é de responsabilidade da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público;
- O ECA introduz mudanças no que se refere ao atendimento das crianças e adolescentes, passando de uma visão baseada na assistência, proteção e vigilância para uma ação educativa emancipadora.

Impulsionado pelo ECA, em 1993 foi criado, por um grupo de educadores¹, o Projeto Casa das Idéias, realizado na Comunidade Chico Buarque, em Itaquera, Zona Leste de São Paulo. A preocupação com a evasão escolar foi o fator determinante para a criação do projeto e serviu de orientação para a escolha da região que seria foco do trabalho.

¹ O Projeto foi concebido por Adriana T. da Costa, estudante da PUC/SP, e outros ligados ao Movimento Popular. Durante alguns anos o projeto contou com o apoio da Universidade. Em 2001, com o intuito de implantar o projeto em outras comunidades foi criado o Instituto Ambar.

É importante ressaltar que o projeto foi concebido nos anos 90, época essa em que, de acordo com Gohn (2001a: 8), “existe um clima de descrença generalizada na política, nos políticos e nos organismos estatais” e há, de acordo com a mesma autora uma emergência das organizações não-governamentais (ONGs), do denominado Terceiro Setor e da educação não-formal.

Segundo Gohn

O grande destaque que a educação não-formal passou a ter nos anos 90 decorre das mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho. Passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Passou-se ainda a falar de uma nova cultura organizacional que, em geral, exige a aprendizagem de habilidades extra-escolares (2001b: 92).

É nesse contexto que se insere o projeto, com a idéia de criar uma rede de proteção à criança e ao adolescente, em que a escolaridade fosse garantida, bem como todos os direitos assegurados pelo estatuto.

Nessa perspectiva, era preciso envolver não só as crianças e jovens, mas os adultos também. Sob tal ótica, o primeiro direito a ser defendido foi o direito de brincar, iniciando-se o trabalho através de brincadeiras com as crianças e a partir do universo infantil, começar a conversar com o grupo comunitário.

Assim, tendo a criança e o adolescente como foco, o ECA como bússola e o lúdico como tempero mágico, estabeleceram-se os dois objetivos do projeto: a educação para a cidadania e o desenvolvimento comunitário.

Segundo Teixeira e Silva, coordenadoras do projeto, a educação para cidadania é:

Possibilitar, através de todos os materiais disponíveis, a convivência, e, através desta, o exercício e discussão de suas regras sociais; criar situações de aprendizagem que desafiem as capacidades cognitivas das crianças, havendo para isso planejamento e avaliação constantes das práticas pedagógicas, além de formas de intercâmbio entre diferentes comunidades de crianças e educadores, de maneira a permitir a troca de experiências e complexificar as práticas de participação (2001: 8).

E de acordo com as mesmas autoras o desenvolvimento comunitário é entendido como:

Envolver as forças vivas organizadas da favela na discussão e execução do processo educativo; produzir e resgatar conhecimentos e recursos que possibilitem a apropriação crescente dos bens gerados nas interações afetivas e formar educadores comunitários buscando seu compromisso na continuidade do projeto (2001: 8).

O período que se iniciou com a escolha da região, o começo das brincadeiras com as crianças e as conversas com os adultos, consistiu na primeira fase do projeto, denominado pelos educadores de alteridade, que consiste na capacidade de se colocar no lugar do outro, buscando compreender as razões que motivam seus atos. É uma ação de conhecer e dar-se a conhecer.

“A distância entre o olhar e ver correspondia à nossa capacidade de mudar de lugar, sair do nosso cotidiano e nos colocarmos no cotidiano daquela comunidade” (Teixeira; Silva, 2001: 16).

Com a construção de uma brinquedoteca, como projeto comunitário, iniciou-se a segunda fase do projeto. O objetivo era construir um bem comum com a participação de todos, para que, numa terceira fase, se concretizasse sua autogestão.

Os educadores do projeto acreditam que a participação começa a ser exercitada no universo dos jogos, brincadeiras e esportes, uma vez que são nessas atividades que as crianças e jovens demonstram o seu repertório de conhecimento e, na relação significativa com o educador podem, não só demonstrar seus conhecimentos, como ter seu repertório ampliado e agir partindo deste repertório, para ações participativas que serão legitimadas pelo educador.

Na brinquedoteca a participação e a decisão são experienciadas pelas crianças nas pequenas atitudes das negociações das regras, no uso dos brinquedos comuns, e também ao ocupar, em alguns momentos, o lugar do educador, propondo, questionando etc.

Os educadores consideram fundamental o investimento geracional, pois na medida em que as crianças cresciam foi possível avaliar e apresentar novas possibilidades de participação no espaço comum, traduzidas sempre como desafios a serem superados e, quando essas crianças tornaram-se adolescentes, foi possível

transferir a chave da brinquedoteca, que antes ficava sob responsabilidade do educador, para esse grupo que cresceu exercitando a participação.

A apropriação gradativa da brinquedoteca, bem como a transferência da autoridade do educador para a Comunidade, ampliando, dessa forma, o rol de participação, deu início à terceira fase do projeto.

Era empecilho à ação pretendida o ingresso precoce dos jovens no mercado de trabalho, uma vez que este fato significa mais uma possibilidade de contribuir para a renda familiar. Com o objetivo de garantir que os adolescentes permanecessem nas escolas e concluíssem seus estudos, bem como pudessem iniciar a autogestão da brinquedoteca, foi instalado, em 1997, o Programa Renda-mínima² na Comunidade Chico Buarque.

O Programa foi implantado, oferecendo a cada família que tivesse seu filho matriculado a partir da Quinta Série do Ensino Fundamental uma bolsa de estudo, que seria utilizada em uma compra mensal de supermercado.

Para receber a bolsa, as mães deveriam acompanhar a vida escolar de seus filhos e participar das reuniões mensais com os educadores. Após as reuniões, a ida ao supermercado era planejada coletivamente. Esses encontros, realizados inicialmente com o objetivo de organizar as mães para pensar coletivamente o gerenciamento das bolsas e o processo de escolarização dos filhos, deram início ao Fórum de Mães que, após a constituição da Associação Casa das Brincadeiras, representa uma das instâncias deliberativas na comunidade.

Paralelamente a esses encaminhamentos, outra educadora visitava as escolas para que houvesse parceria no acompanhamento dos jovens.

Em 1998, após seis anos de implantação do projeto, iniciei minhas intervenções educativas com os jovens. As atividades eram em grupo, duas vezes por semana e tinham como objetivo trabalhar questões relacionadas à escolarização. Também tinha como objetivo fortalecê-los como um novo grupo que

² O programa foi implantado com a contribuição de pessoas da sociedade civil, sem vínculo com nenhum programa governamental de mesma natureza. Todas as crianças e jovens matriculados no ensino formal recebiam esse recurso. De 1998 a 2002 o programa foi financiado pela AiBi (ONG italiana).

surgia na comunidade – o grupo de adolescentes que, embora brincasse, não se satisfazia mais com as atividades da brinquedoteca.

Nessa intervenção procurei, através de estratégias prioritariamente lúdicas, compreender não só a experiência escolar e, portanto, de relação com o conhecimento, mas também estabelecer uma cultura do diálogo, visando uma apropriação da capacidade de lidar com desafios próprios da juventude por parte do grupo.

A utilização de jogos, brincadeiras e atividades esportivas como mediadoras das relações mostraram-se apropriadas uma vez que, através delas, começaram a emergir comportamentos necessários para uma maior organização interna dos jovens: maior capacidade de concentração, disponibilidade para enfrentar e buscar superar desafios. Evidenciou-se também a constituição de interações mais significativas, dada à leveza das situações, a espontaneidade e presença real que o lúdico favorece.

Segundo Smolka:

(...) o jogo tem uma função fundamental no desenvolvimento das crianças e, como tal, possui um significado, um sentido, no processo de organização das experiências, elaboração de pensamentos, expressão de sentimentos, construção de conhecimentos (1999: 22).

O jogo foi introduzido após perceber uma apatia e falta de envolvimento com as propostas, além de uma sensação de que os jovens estavam sendo *torturados* em nossos encontros. Fiquei muito preocupada, com receio de perder o grupo que estava, até então, progredindo muito e levantei a hipótese de que essa reação estava acontecendo em função de uma exigência, com relação à leitura e a escrita, acima da que eles poderiam responder.

O grupo embora cumprisse as tarefas, apresentava muita dificuldade de concentração, de pensar e discutir. Acredito que estava exigindo muito deles. Tentou-se criar um espaço na vida cotidiana deles em que a leitura e a escrita fossem significativas, diferentemente da escola, porém, percebemos que tal não estava ocorrendo.

Após essas reflexões, dividi com o grupo minhas impressões, propondo uma avaliação dos nossos encontros.

No início, o grupo teve receio em se colocar, ficou no 'tá tudo bom', 'tá legal assim'. Não fiquei satisfeita com as respostas, pois observava em suas expressões o receio em posicionar-se. Insisti nessa avaliação, questionando cada integrante, tranquilizando-os e deixando claro a importância da participação deles para o andamento do grupo.

A primeira a romper com o aparente receio foi uma adolescente que falou:

Patrícia: Tia, realmente aqui tá muito chato!

Educadora: Por que?

Patrícia: Porque tem que pensar muito. A gente pensa, pensa, pensa, escreve, escreve, escreve e só isso! Cansa muito!

Educadora: É verdade, gente, o que a Patrícia tá falando?

Grupo: É sim, tia, cansa muito só escrever!

Ubaldo: A gente só pensa no que vai escrever, tudo que vai colocar...

Educadora: Eu estava achando isso também. O que vocês pensam que a gente pode fazer aqui nos nossos encontros para ele ser mais legal?

Grupo: Não sei

Educadora: Nenhuma sugestão?

Patrícia: Não fazer nada, só ficar conversando.

Educadora: Assim não dá, ninguém vai falar nada. Então amanhã eu vou trazer uma coisa que eu acho que vocês vão gostar.

Grupo: O que é?

Educadora: Surpresa...

Da mesma forma que Smolka (1999) defende a função do jogo no desenvolvimento infantil, acredito que ele também se faz pertinente no trabalho com jovens, pois além de contemplar as habilidades por ela descritas, também é um facilitador na mediação das relações, quer sejam com crianças, jovens ou adultos.

Além disso, a permanente disponibilidade para o diálogo, o estabelecimento de uma rotina que garantia a previsibilidade dos encontros e a confiança de que o educador estava atento às necessidades do grupo foram as bases para a efetiva constituição de um vínculo afetivo.

Esse vínculo e a relação de confiança estabelecida propiciaram avançar na direção de uma relação mais prazerosa com a leitura e a escrita. Estas se tornaram significativas uma vez que partiam de vivências tais como passeios, entrevistas com

a comunidade, atividades, enfim, de interesse do grupo e que geravam pesquisas e finalmente, a produção de um jornal comunitário – A Casa das Idéias.

Ainda de acordo com Smolka:

(...) não são tanto os textos como eles se apresentam, mas o que os textos revelam, o processo de elaboração destes textos, o espaço de troca de idéias e conhecimentos, as alternativas de participação que surgem numa proposta de trabalho, a variedade de formulações possíveis (1999: 89).

A elaboração do jornal foi fundamental para iniciar um processo de construção de novos sentidos para a leitura e a escrita, além de ser forte instrumento pedagógico de articulação e materialização das experiências do grupo de adolescentes, experiências referentes à comunidade e a cidade de São Paulo (passeio-pesquisa).

Ao escreverem sobre os acontecimentos da comunidade, fazem um exercício de memória e registram “*para sempre*” como diziam e, principalmente, não ficam apenas nas recordações carregadas de afetividade e imediatas, mas dão um novo olhar – testemunham – a história vivida por eles.

Em relação aos passeios-pesquisa, os jovens, assim como todos, são ‘bombardeados’ por informações gráficas e na relação com tantas informações, interpretam e compreendem.

Para ir aos locais dos passeios, necessitam saber qual condução pegar, em que estação descer; para alimentarem-se lêem o cardápio ou, quando não lêem são colocados diante de um conflito em que a leitura se faz necessária, como se podem perceber nos seguintes exemplos. (A – adolescente, E – educadora).

Ex1: A: *Tia, em que estação a gente vai descer?*

E: *Na Sé*

A: *Em qual a gente está?*

E: *Lê naquela placa que está mostrando, depois vê lá naquele mapa quantas faltam pra gente descer.*

A: *Ah! Estamos no Brás e faltam duas.*

E: *É isso mesmo.*

Ex.2: A: *Tia, eu quero Fanta uva*

E: *Não tem, escolhe outro.*

A: *O que é que tem?*

E: *Tem que ler lá em cima no cardápio*

A: Aonde?
 E: Lá, ó (indica com o dedo)
 A: Ah, tá, deixa eu ver, tem pouca coisa né?
 E: É, escolhe o que tem.
 A: Uma coca igual a dos outros
 E: Tá bom

Dessa forma, os passeios além de viabilizarem uma outra relação com o conhecimento, se constituíram em uma atividade que propiciou aos jovens uma aproximação da diversidade existente em São Paulo.

Antecedendo os passeios–pesquisa, discutíamos em nossos encontros os lugares: o que seria visto, as expectativas com relação aos locais, a localização dos lugares escolhidos em mapas da cidade, a proximidade ou não do lugar em que moram, meios de transporte, entre outros assuntos.

Nos locais, confirmávamos, ou não, as expectativas levantadas nos encontros; conversávamos sobre o que estava sendo visto e selecionávamos assuntos importantes para serem notícia do jornal.

No início, a elaboração do jornal foi difícil; os jovens tinham muita dificuldade em registrar suas experiências, não liam suas produções, nem outras, apresentavam problemas gramaticais e léxicos incompatíveis com o grau de escolaridade, dificuldade no que se refere à coerência textual e uma forte presença da oralidade na escrita.

Com o desenvolvimento do trabalho, essa relação pode ser trabalhada e demonstraram terem adquirido novos conhecimentos a respeito da escrita desde a elaboração do primeiro jornal.

Nesse processo apareceu a necessidade de saber para quem estavam escrevendo e, por ser algo para outro ler (que desconhecesse a história), a melhor forma que escreveriam.

A1: Tia, esta parte está repetida. Podemos tirar?

A2: Como que os outros vão entender que o ônibus ficava do outro lado da rua e depois veio para o nosso lado? Tem que explicar direito porque eles não tão vendo, eles não conhecem aqui, tem o rio dividindo!

A3: A gente escreveu muito 'com o passar do tempo', fica feio, não tem outra palavra pra por no lugar?

Segundo Gohn:

Um dos supostos básicos da educação não-formal é o de que a aprendizagem se dá por meio da prática social. É a experiência das pessoas em trabalhos coletivos que gera um aprendizado. A produção de conhecimentos ocorre não pela absorção de conteúdos previamente sistematizados, objetivando ser apreendidos, mas o conhecimento é gerado por meio da vivência de certas situações problema (2001b: 103).

Como resultado desse trabalho com os adolescentes, pode-se destacar a efetiva constituição dos jovens como um grupo; o despertar da vontade dos mais novos de pertencer ao mesmo; uma nova relação com a leitura e a escrita, a valorização do diálogo e a participação no planejamento, desenvolvimento e avaliação dos encontros.

Essa etapa uma vez realizada, possibilitou a introdução de uma nova fase, qual seja, a organização destes jovens em um fórum implantado com o propósito da aprendizagem da proposição de projetos condizentes com suas necessidades e de acordo com o recurso financeiro disponibilizado.

Nessa perspectiva, os encontros realizados com o grupo semanalmente, com um caráter pedagógico, no sentido de trabalhar questões relacionadas à escolarização e as dificuldades encontradas nesse processo, foram substituídos por encontros com um caráter político dentro da comunidade, na perspectiva de constituir um novo espaço de decisão coletiva e, portanto de ampliação das práticas de participação e do pertencimento. Iniciou-se assim o Fórum de Adolescentes na comunidade Chico Buarque.

O caráter político atribuído ao Fórum é iluminado pelo significado que Hannah Arendt (1983) confere à Política. Para a autora, o sentido da Política é a liberdade, e esta exige um espaço próprio – o espaço público da palavra e da ação.

De acordo com Arendt (1999:21) “a política baseia-se na pluralidade dos homens (...) a política trata da convivência entre diferentes”. Ela surge no entre-os-homens e, portanto se estabelece como relação.

É importante salientar que ao escrever sobre política, Hannah Arendt estava refletindo sobre o universo adulto, embora tenha analisado em algumas de suas

obras, como em *Entre o Passado e o Futuro*, a educação e o papel do adulto na formação das crianças e jovens.

Uma das características fundamentais do universo adulto é o fato dele se responsabilizar por aquilo que faz e diz publicamente. Embora muitos defendam a responsabilização da juventude, inclusive na atualidade temos a defesa polêmica da redução da idade penal, devemos nos lembrar, como nos ensina o ECA, que os jovens são sujeitos em estado peculiar de desenvolvimento e, portanto, merecem atenção e ainda estão sob responsabilidade dos adultos.

Dessa forma, agiu-se na perspectiva de propiciar aos jovens um novo espaço que pudesse ampliar sua ação e discurso de forma mais propositiva, com maior autonomia, levando em conta que nesse espaço ele está aprendendo a desenvolver-se politicamente.

A autonomia aqui está associada ao que Hannah Arendt compreende por liberdade. Liberdade que corresponde à capacidade de agir dos homens, de tomar iniciativa, de espontaneidade.

De acordo com Gohn, o desenvolvimento de uma cultura de participação exige que não haja condicionantes ou imperativos externos. A liberdade é a sua categoria central.

A participação dos indivíduos deveria ser feita objetivando não apenas obter um bem material imediato, ainda que extremamente necessário, mas também o crescimento daquele ser enquanto indivíduo, estimulando o desabrochar de seu potencial humano, de sua individualidade, aspirações e desejos (2001a: 108).

Esta nova perspectiva apresentada ao grupo de adolescentes é extremamente desafiadora, uma vez que ainda temos uma cultura marcada por traços autoritários, com uma tradição de tutela e de uma inserção no mundo com baixa visão crítica e criativa, mesmo com todos os avanços da democratização no Brasil.

Nesse sentido, ter a possibilidade de acompanhar este grupo de adolescentes, desde 1998 até o presente momento, vem sendo um convite

permanente à reflexão sobre a prática educativa dentro da perspectiva de desenvolvimento comunitário e da educação para cidadania.

Uma das questões que surgiram foi referente às motivações dos jovens em aceitarem nossas propostas. Todas as atividades sempre foram abraçadas pelo grupo quase incondicionalmente. Isso, por um lado nos deixava satisfeitos, mas por outro nos impingia uma grande responsabilidade, pois nós estávamos determinando os rumos que o grupo estava percorrendo e a perspectiva era de provocar o jovem à participação e não trabalhar em uma lógica paternalista e de tutela.

Talvez essa quase incondicionalidade em aceitar nossas propostas esteja relacionada com uma crise na participação que se evidenciou nos anos 90. Segundo Gohn, nos anos 90 “ocorreu uma volta ao passado, ao comportamento político das camadas populares: de passividade, de espera para que outros resolvam seus próprios problemas” (Gohn, 2001a: 105).

Como fundamento dessa crise a autora coloca que:

Enquanto o setor popular, propriamente dito, dos movimentos, esboçou em alguns casos e momentos, uma política **dos** movimentos sociais, enquanto um programa de ação, as assessorias e algumas lideranças gestaram políticas **para** os movimentos sociais (Gohn, 2001a: 106).

Cabe ressaltar novamente a falta de uma cultura participativa como um dos elementos determinantes das ações das próprias assessorias e das lideranças como marca das políticas *para* os movimentos. Entendo que sob este último ponto de vista a leitura feita era baseada nas ‘faltas’ para que essas fossem supridas através das intervenções.

Essa possibilidade muitas vezes foi confirmada, no início do projeto, pelas crianças, jovens e adultos da comunidade, através de perguntas tais como ‘no projeto vai ter lanche?’, ‘tem que pagar para entrar no projeto?’, ‘vai ter cesta básica?’, entre outras falas nas quais a população local demonstrava estar esperando do projeto as mesmas atitudes assistencialistas que marcaram muitos dos projetos sociais.

Outra possibilidade que levantei a respeito, uma vez que quando a proposta do fórum foi feita o projeto já estava se desenvolvendo há oito anos, foi referente ao forte vínculo afetivo existente entre os jovens e a equipe, como aspecto motivacional do grupo.

O aspecto da freqüência chamou atenção, pois as atividades do Fórum acontecem no sábado pela manhã e, normalmente, nesse período os jovens ou estão dormindo por terem saído na noite anterior ou, principalmente no caso dos meninos, estão jogando bola, empinando pipa etc.

Esses jovens também são responsáveis, principalmente as meninas, por afazeres domésticos e, o que poderia ser um 'escape' no dia do fórum, na realidade é um adiamento, na medida em que quando nosso encontro acaba, elas devem voltar para suas residências para ajudar as mães. Outro aspecto é a pontualidade: eles sempre são pontuais e na maioria das vezes não precisamos chamá-los, apenas quando nós chegamos mais cedo.

Além do vínculo com as educadoras, pode-se pensar que há o sentimento de pertença a um grupo, no qual é possível falar das vontades, mostrar fragilidades, propor sonhos...

Pensar sobre o sentimento de pertença, a necessidade de um espaço em que fosse possível agir e falar, fez com que, efetivamente, a análise da participação dentro de uma abordagem fenomenológica existencial se consolidasse como opção e conseqüentemente fez também pensar a participação dos jovens relacionando-a com a condição humana da pluralidade.

Neste sentido, nos aponta Gohn:

Os indivíduos escolhem, optam, posicionam-se, recusam-se, resistem ou alavancam e impulsionam as ações sociais em que estão envolvidos, segundo a cultura que herdaram do passado e na qual estão envolvidos no presente (2001b: 54).

De acordo com Arendt (1983), a política é o resultado desta convivência entre-homens (da ação e do discurso), e o que rege é a liberdade. O cenário necessário para que a ação política aconteça, que segundo a autora é o espaço

público, é a reunião entre-homens, na qual eles se juntam em torno de algumas questões referentes à vida humana.

É importante lembrar que os espaços públicos têm regras próprias, jeitos de funcionar, de se fazerem estabelecer as relações, diferentes do espaço privado do entre-amigos, entre-familiares e, portanto, para que os jovens possam agir publicamente, precisam aprender o que seja público e diferenciá-lo do privado.

Ao pesquisar o tema descobri que muito pouco vem se escrevendo sobre o sentido da participação para o jovem, quer sejam na educação formal quer na não-formal, principalmente em uma perspectiva fenomenológica existencial.

As pesquisas que abordam questões da juventude tratam mais intensamente de temas ligados à cultura e ao comportamento (música, moda, esporte, estilo de vida), a problemas sociais como violência, drogadição, gravidez precoce e DST/AIDS ou medidas que buscam combater tais problemáticas, abordando de forma incipiente a questão da participação.

Segundo Abramo:

A maior parte das reflexões é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes na vida do jovem (...), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações 'problemáticas' para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações (1997: 17).

Análises mais detalhadas sobre ações destinadas aos jovens merecem ainda ser feitas, porém é fundamental também um olhar que perceba o jovem para além dos problemas sociais.

Nesta perspectiva, o Fórum de Adolescentes vem se configurando um espaço propício para tais análises.

Assim, dentre as inúmeras questões que emergiram nesse processo, meu olhar voltou-se prioritariamente ao sentido que os jovens têm sobre a participação.

É com esse compromisso que proponho esta pesquisa, para subsidiar as ações educativas do projeto Casa das Idéias e, principalmente, colaborar para que

os jovens desta comunidade percebam-se como autores, reconhecendo-se como tecelões da trama de significados.

No intenso debate que vem sendo realizado sobre participação, e vem nos iluminando para trilharmos caminhos mais democráticos, está incluído de forma diminuta o jovem como um ator social fundamental para as transformações sociais tão almejadas.

Dessa forma, pretende-se colaborar também com outros educadores que busquem construir seus espaços de intervenção pautados na participação destes atores sociais.

1. OBJETIVO

A experiência apresentada propiciou uma reflexão sobre o lugar que o jovem ocupa na sociedade atual, lugar que se o faz ocupar e que o permitem ocupar.

Em função da complexidade do tema e das limitações do próprio trabalho, como o aspecto temporal e, principalmente em função do fenômeno não se revelar em sua totalidade, mas em uma de suas possibilidades, os objetivos da presente pesquisa são: compreender como se manifesta a experiência de participação para os jovens que freqüentam o Fórum de Adolescentes e qual o sentido de participação para eles.

II – CONSIDERAÇÕES SOBRE PARTICIPAÇÃO

A palavra participação vem sendo cada vez mais utilizada nos cenários políticos e sociais do Brasil. Segundo Gohn o tema participação tem uma longa tradição de estudos e análises, particularmente na ciência política. Ele pode ser observado nas práticas cotidianas da sociedade civil com sentidos e significados distintos e, de acordo com a mesma autora, “o entendimento do que seja participação continua sendo um enigma a decifrar”. (2001c: 13)

Talvez esse enigma seja mesmo indecifrável uma vez que a participação é um modo de relação entre-homens que acontece cotidianamente e, portanto dinâmica, caleidoscópica. Ao invés de procurar decifrar esse enigma, podemos compreendê-lo analisando as diferentes perspectivas pelas quais a questão é tratada.

Comecei a tentar compreender a participação através da definição trazida no dicionário, que apontou ser participação a ação ou o efeito de participar. Desta forma, iniciemos pelo significado da palavra participar:

participar v. (sxiv cf. Fichivpm) 1 t.d.bit. fazer saber; comunicar, informar <p. o novo endereço> <participaram a gravidez aos futuros avós> 2 t.i. tomar parte em; compartilhar <p. das manifestações pela paz> 3 t.i. ter parte em; partilhar <p. dos incentivos fiscais> 4 t.i. associar-se pelo sentimento ou pensamento (da dor, da alegria, do luto etc.) <participou do júbilo pela conquista do campeonato> 5 t.i. apresentar natureza, qualidade ou traço(s) comuns; ser parte de <a obra de Leonardo da Vinci participou da modernidade>. (Instituto Antonio Houaiss, 2001)

A partir das definições apresentadas pelo dicionário, pode-se depreender que a palavra ‘participar’ pode ser empregada por diferentes pessoas para se referirem a uma grande variedade de situações.

Participar pode significar meramente estar ao lado de alguém, assistir a um show, a um espetáculo, não significando que participamos das decisões ou interferimos na realização. Pode também significar que tomamos parte em alguma coisa, que agimos no sentido de influenciar nos encaminhamentos, nas reflexões. Este é um significado mais abrangente do que o de simples espectadores. Um terceiro sentido entende participação como ter parte em algo, o que também não

implica em tomada de decisões. Posso ter parte em um negócio, mas não influenciar em seu andamento.

Feitas estas considerações, passei às teorias sociopolíticas sobre a participação, em cujo contexto merecem destaque as idéias veiculadas nas obras de J.J. Rousseau, J.S. Mill, G.D.H. Cole, a respeito das quais serão apresentadas noções rudimentares colhidas da leitura das ilustrativas obras de Carole Pateman e Maria da Glória Gohn.

Destaca-se Rousseau e Mill devido a serem considerados, por diferentes autores, teóricos clássicos da referida temática (cf. Pateman, 1992 e Gohn, 2001c) e Cole por ter desenvolvido, segundo Pateman (1992), uma teoria da democracia participativa que não apenas incluía e ampliava os seus postulados básicos, mas inseria-se no contexto de uma sociedade moderna, de grande escala e industrializada.

De acordo com Pateman (1992), a idéia de participação veiculada pela teoria de Rousseau apóia-se na participação individual de cada cidadão no processo político de tomada de decisões. A participação é mais do que um complemento protetor de uma série de arranjos institucionais, ela também provoca um efeito psicológico sobre os que participam, assegurando uma inter-relação contínua entre o funcionamento das instituições e as qualidades e atitudes psicológicas dos indivíduos que interagem dentro delas.

Para Rousseau a participação teria como função facilitar que as decisões coletivas fossem aceitas pelo indivíduo e favoreceria a integração, além da função educativa, que seria central, ainda conforme nos ensina Pateman (1992).

Este caráter educativo da participação está relacionado à noção de liberdade do autor, haja vista que “a participação pode aumentar o valor da liberdade para o indivíduo, capacitando-o a ser (e permanecer) seu próprio senhor” (Pateman, 1992: 40). A liberdade em Rousseau é compreendida como “a obediência à lei que alguém prescreve a si mesmo” (idem, ibidem: 39).

Feitas estas considerações sobre as idéias de Rousseau, cabe destacar que o argumento de que a participação tem um caráter educativo também fundamentou

a teoria da democracia participativa de J.S.Mill, de cuja obra passamos a apresentar alguns rudimentos.

Como também apresenta esta autora, para Mill, se o indivíduo não participa das questões públicas, atendo-se apenas aos assuntos privados, sua auto-estima é afetada além das suas capacidades para uma ação pública responsável.

A autora continua expondo que, de acordo com Mill, o melhor lugar para a aprendizagem da participação é o nível local pois, segundo sua teoria, de nada servem o sufrágio universal e a participação no governo nacional, se o indivíduo não foi preparado para essa participação em nível local, pois segundo ele, é nesse nível que ele aprende a se auto-governar e aprende sobre democracia.

Segundo Pateman, “deve-se notar que o nível político local abordado por Mill, crucial do ponto de vista da educação, poderia propiciar a participação direta na tomada de decisões” (1992: 49), pois viabiliza ampliar a hipótese sobre o efeito educativo da participação para outras áreas.

Destacados estes aspectos da teoria de Mill passamos às lições de Cole, que também sustentava que seria apenas pela participação local que o indivíduo poderia aprender democracia.

Ainda em sua época, Cole propôs, segundo Gohn (2001c), uma série de instrumentos de participação em âmbito local e formulou ainda uma proposta de uma estrutura política para desenvolver os processos participativos, que ia da comuna local à comuna nacional, passando pelo nível regional.

Pateman (1992) aponta que Cole sustentava a idéia de que os homens deviam participar na organização e regulamentação de suas associações, não só pela organização material, mas principalmente para auto-expressão, que envolveria auto-governo. O objetivo era transformar sua vontade em ação de um modo que não afetasse sua liberdade individual.

Para Pateman (1992), na teoria de Cole, se o indivíduo quisesse se auto-governar, então ele não só teria de ser capaz de participar da tomada de decisões em todas as associações das quais ele fosse membro, como as próprias

associações teriam de ser livres para controlar seus próprios assuntos, e se elas quisessem se auto-governar nessa direção, teriam de ser basicamente iguais em termos de poder político.

Feitos estes apontamentos sobre a obra dos autores clássicos a respeito da participação, passamos a trazer algumas contribuições de autores contemporâneos a respeito do tema.

Segundo Bordenave, um primeiro aspecto da participação é ser ela uma necessidade fundamental do ser humano, compreendendo a “interação com os demais homens, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros”. (1994: 16)

O autor esclarece também que a temática vem ganhando destaque nos últimos tempos em função do “descontentamento geral com a marginalização do povo dos assuntos que interessam a todos e que são decididos por poucos”. (1994: 12)

Este mesmo destaque também é observado por Patman (1992) ao mencionar que a participação, a partir do final da década de 60, tornou-se parte do vocabulário político popular. Isso aconteceu, segundo a autora, em função da reivindicação dos estudantes para a abertura de novas áreas de participação.

Esta relevância da participação se deu também pela percepção, por parte daqueles que almejavam uma sociedade mais igualitária, de que ela favorecesse uma democracia mais autêntica, pois envolvia um maior número de atores sociais para a resolução de conflitos, proposições, controle de bens públicos, etc., garantindo assim um maior controle sobre as autoridades.

Para Bordenave, a participação tem duas bases complementares “(...) uma base afetiva – participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros – e uma base instrumental – participamos porque fazer coisas com outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos” (1994: 16).

De acordo com o mesmo autor pode-se ter a participação passiva e a ativa, diferenciadas por critérios qualitativos. Essas diferenças dependem, em última análise, do sentido que o sujeito atribui para sua participação, ou seja, uma pessoa pode se considerar extremamente participativa por fazer parte de diferentes grupos, porém não dedicar nenhuma lealdade ou responsabilidade a esses grupos – passiva – e outra participar apenas de um grupo e ser extremamente responsável por este – ativa. “A prova de fogo da participação não é o quanto se toma parte, mas como se toma parte”. (1994: 22)

No que se refere a formas de participação cabe ressaltar outra distinção feita por Bordenave, (1994) que diz respeito aos grupos em que se participa.

Inicialmente participamos de grupos considerados pelo autor como sendo primários, que compreendem a família, os amigos e a vizinhança. Também podemos participar de grupos secundários como associações, sindicatos, empresas e de terciários, que compreenderia a participação em partidos políticos e movimentos de classe.

O autor então distingue estas formas como microparticipação e macroparticipação. A microparticipação compreende a organização de uma ou mais pessoas em uma atividade comum com o intuito de obter benefícios para um conjunto maior de pessoas, o que poderia ser associado à participação local a que os autores clássicos se referem. A macroparticipação compreende “a intervenção das pessoas nos processos dinâmicos que constituem ou modificam a sociedade, quer dizer, na história da sociedade” (1994: 24).

Compreendo que não existe uma forma de participar sem a outra e, mais especificamente, que aprendendo a participar na forma micro, temos a possibilidade de construir conhecimentos para uma participação na esfera macro.

Ainda de acordo com Bordenave:

(...) a participação na família, na escola, no trabalho, no esporte, na comunidade, consistiria a aprendizagem e o caminho para a participação em nível macro numa sociedade onde não existam mais setores ou pessoas marginalizadas. Aos sistemas educativos, formais e não-formais, caberia desenvolver mentalidades participativas pela prática constante e refletida da participação (1994: 25-6).

Esta participação na esfera macro muitas vezes é confundida com a participação em partidos políticos, mas existem outras instâncias, como os movimentos sociais organizados e movimentos populares que também se constituem como esferas participativas da sociedade.

É importante ressaltar ainda que a participação está associada, dependendo da época e da conjuntura histórica, a diversos temas como democracia, representação, organização, conscientização, cidadania, solidariedade, exclusão etc.

Gohn (2001c) faz esse destaque e traz uma contribuição para o que seja participação, analisando-a sobre diferentes aspectos.

Segundo a autora, existe a concepção liberal na qual se encontram J.S. Mill e Cole, em que a participação visa o fortalecimento da sociedade civil para evitar as ingerências do Estado. O princípio é que todos os membros são iguais e a participação seria instrumento para a satisfação das necessidades individuais.

Nessa perspectiva, Pateman (1992) também destaca que para as teorias contemporâneas sobre participação esta poderia abalar o sistema democrático e, portanto deveria restringir-se a uma ação que evitasse os abusos do poder estatal e prejudicasse os indivíduos.

De acordo com essa autora:

A função da participação nessa teoria é apenas de proteção; a proteção do indivíduo contra decisões arbitrárias dos líderes eleitos e a proteção de seus interesses privados (Pateman, 1992: 25).

Derivadas da concepção liberal existem, de acordo com Gohn, a participação corporativa e a comunitária. Segundo a autora:

Ambas entendem a participação como um movimento espontâneo do indivíduo, em que não se colocam as questões das diferenças de classes, raças, etnias etc. (Gohn, 2001c: 17).

Na participação corporativa há um movimento espontâneo dos indivíduos, em que um sentimento de identidade e concordância cria o 'bem comum' que é o articulador desses mesmos indivíduos. Articula-se o processo participativo com a

existência das organizações. 'As organizações existem apenas quando as pessoas participam' (Gohn, 2001c: 16).

Segundo a autora, na participação comunitária pretende-se o fortalecimento da sociedade civil através da integração entre os órgãos representativos da sociedade e os órgãos deliberativos e administrativos do Estado. Caracteriza-se como uma participação institucionalizada.

Existe também a forma autoritária de participação que, segundo Gohn, é orientada para a integração e o controle social e político. Esta forma ocorre em regimes políticos autoritários de direita e de esquerda, ou ainda em regimes democráticos representativos em que a participação é estimulada apenas com o intuito de diluir os conflitos sociais.

Para a autora, outras formas de compreender a participação são as denominadas democráticas, revolucionárias e democráticas radicais. Na concepção democrática a participação é concebida como um fenômeno que se desenvolve tanto na sociedade civil quanto no plano institucional.

Segundo Gohn (2001c), a participação revolucionária estrutura-se em coletivos organizados para lutar contra as relações de dominação e pela divisão do poder político. Poderá realizar-se nos marcos do ordenamento jurídico em vigor, desenvolver-se por canais paralelos ou em ambos, utilizando-se dos canais existentes para reconstruí-los.

Para a autora, a luta tem diferentes arenas: no sistema político e nos aparelhos burocráticos do Estado. O sistema político tem papel fundamental, pois tem a missão de formar os quadros para uma participação qualificada nos espaços citados.

Dentro da concepção democrático-radical, para a autora, a participação tem por objetivo fortalecer a sociedade civil para a construção de uma realidade mais justa e igualitária. O pluralismo é a marca dessa concepção, em que não só os partidos políticos são importantes, mas também os movimentos sociais e outras experiências associativas. A participação articula-se com o tema da cidadania.

A cidadania também é o aspecto que, segundo Gohn (2001a), relaciona os movimentos sociais com a educação.

Para a autora, na ótica liberal, a cidadania está relacionada à noção de direitos do homem e da nação, porém cidadão era considerado apenas aquele que era proprietário, pois, em princípio, seria um interessado na boa gestão do Estado. A classe trabalhadora é considerada como incapaz de pensar politicamente e, portanto não se pode reconhecê-la como cidadã. A educação para cidadania não é, dessa forma, para as classes trabalhadoras. Segundo essa lógica, elas precisam acreditar e não podem saber.

De acordo com a autora, no Séc. XVIII a cidadania se resume a uma questão educativa, no sentido de dar condições e capacidades para ser cidadão (livre e consciente). Nesse período as classes populares são consideradas cidadãs, como sujeitos de direitos e o homem é entendido como sujeito histórico capaz de transformar a realidade.

Para Gohn também no Séc. XIX a cidadania se dirigia a todos, porém com o crescimento do capitalismo, tanto em um período como em outro, a educação era pensada pela classe dominante como instrumento de controle social. A perspectiva era de usar estratégias de persuasão, esclarecimento e moralização para formar cidadãos passivos, obedientes e domesticados para uma convivência social harmoniosa.

Conforme a autora, no Séc. XX a cidadania deixa de ser conquista da sociedade civil para ser uma competência do Estado. Emergia o neoliberalismo comunitário em que as instituições da sociedade civil moderna (escola, empresas...) são consideradas comunidades e o cidadão era aquele que participava de uma comunidade de interesses sendo solidário com seus pares. A educação neste cenário tinha a função de educar para a cooperação geral.

É nesse contexto que, segundo Gohn, surgem os movimentos sociais e uma nova concepção de cidadania: a cidadania coletiva.

Nessa perspectiva a cidadania:

(...) se constrói como processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas (...) se constrói no cotidiano através do processo de identidade político-cultural que as lutas cotidianas geram (2001a: 16-7).

Passando à análise das formas de organização a autora aponta que as principais verificadas no Brasil foram as Associações de Moradores – Sociedade Amigos de Bairro (SABs), as Associações de Favelas e as Associações e Movimentos Comunitários.

Com relação às SABs, Gohn (2001a) destaca que foram as grandes responsáveis pelo planejamento e construção urbana da periferia de São Paulo. Porém, o espaço urbano gerado reproduz a lógica capitalista à medida que não se objetiva nada além da aquisição de bens de consumo que o próprio capitalismo engendra.

Segundo a autora, o resultado apontado acima se relaciona com a falta de desenvolvimento da consciência crítica por parte da liderança, mesmo se considerado o visível aprendizado no que se refere a conhecimentos para o lidar político.

De acordo com a autora, ao longo dos anos 70 as favelas foram se organizando e contaram, ao final da década, com o apoio de setores da Igreja Católica – Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O aspecto positivo dessa organização foi a obtenção de infra-estrutura básica, que esbarrou no problema da posse da terra quando a questão envolveu a melhoria nas habitações. Muitas das lideranças se tornaram funcionários da administração municipal e interlocutores dos movimentos junto aos órgãos públicos e divulgadores das propostas destes últimos junto às favelas.

Para a Gohn (2001a), as Associações e Movimentos Comunitários se desenvolveram a partir da década de 70 impulsionados pela Teologia da Libertação. São organizações que possuem características comuns: toda argumentação das demandas se fez em torno da noção de direitos; a dinâmica interna é marcada pela

participação direta, pelo assembleísmo e pela atuação contínua; a delegação da autoridade é para cada caso.

Para a autora, esses Movimentos são fortes por desmistificar a idéia de superioridade dos oponentes, gerarem consciência coletiva no sentido de fazer as pessoas que participavam dos movimentos acreditarem em si próprios e negarem os modelos clientelísticos. Porém, o produto das ações ainda reproduz o padrão burguês.

Ao analisar todos esses movimentos sociais, a autora destaca o caráter educativo dos mesmos ampliando desta forma o conceito de educação, muitas vezes restrito ao âmbito escolar.

A partir das idéias que apresenta, Gohn (2001a) expõe três diferentes dimensões nas quais a educação se constrói, quais sejam: organização política, cultura política e dimensão espacial-temporal.

No que se refere à primeira dimensão, a autora salienta que a consciência é adquirida progressivamente através do conhecimento dos direitos e deveres e que leva à organização do grupo. Esta consciência se constrói a partir da agregação de informações dispersas, que leva à apropriação destas informações, ao entendimento de como 'as coisas' funcionam e quais os interesses envolvidos.

Segundo Gohn, "A consciência se realiza quando este processo é feito e, a partir do reconhecimento dos diferentes interesses, elaboram-se estratégias de enfrentamento" (2001a: 18).

No que se refere à Cultura Política, assunto também tratado no livro *Educação não-formal e cultura política*, a autora analisa que existe um acúmulo de experiência a partir da participação cotidiana nos movimentos sociais, que revela a importância do passado e do presente para a construção do futuro. Nessas experiências aprende-se diferentes modos de conduta, comportamento etc., que qualificam as estratégias de enfrentamento.

De acordo com Gohn:

A apreensão do processo educativo está associada ao desenvolvimento da cultura política. Juntas, educação e cultura política têm a finalidade de ser instrumento e meio para compreender a realidade e lutar para transformá-la. (2001b: 55)

Nessa perspectiva a autora revela também, duas questões envolvidas: uma educativa, em que os produtos de um processo são alimentos para novos processos e uma pedagógica, que se refere aos instrumentos utilizados no processo. Dentro dessa ótica, não há hábitos, comportamentos e procedimentos preestabelecidos, a construção é coletiva norteadas por princípios assimilados por todo o grupo.

Um último aspecto a que Gohn (2001a) se refere é a dimensão espacial-temporal. Nessa análise a autora revela que com o crescimento do capitalismo, perdeu-se a propriedade do tempo e quem o determina é, como exemplificado no texto, o apito da fábrica. Outro aspecto decorrente é a quase inexistência do espaço público, este se constituindo muito mais como espaço de controle e disciplinamento do que como apropriação coletiva.

Segundo a autora, os anos 80 legaram um grande saldo no que se refere à postura da sociedade civil, mesmo que restrita a alguns segmentos. A grande questão apresentada é que pela falta de tradição em participar, fizeram com que as pessoas copiassem modelos já existentes.

Cabe destacar que a cidadania tem uma dimensão afetiva, educacional articulando, neste sentido, o individual com coletivo. Olhar o indivíduo não significa desconsiderar, em absoluto, o mundo social que o constitui.

Com estes apontamentos entendo ter trazido os elementos da teoria sociopolítica suficientes para apresentar alguns pensamentos que envolvem a participação. Esta teoria revelou-se como uma descoberta que não pode ser aprofundada devido à exigüidade do tempo, mas cuja partilha considerarei necessária.

1. ONGs E PARTICIPAÇÃO

A fim de dar ao leitor uma compreensão mais ampla a respeito do fenômeno da participação, é importante ainda dedicar um trecho deste estudo à sua relação

com as organizações não governamentais – ONGs – visto que são um instrumento bastante atual de participação.

Outro motivo que me leva à incluir estas considerações, que também não serão aprofundadas, é o fato de que o trabalho que desencadeou a inquietação sobre a qual me debrucei para fazer esta pesquisa está vinculado à ação de uma ONG, conforme apontado anteriormente.

Os apontamentos deste item foram elaborados fundamentalmente a partir das obras *Movimentos sociais do início do século XXI* e *Os sem-terra, ONGs e cidadania: antigos e novos atores sociais*, ambos de Maria da Glória Gohn e editados em 2003.

As ONGs são constituídas para a formalização do movimento social, que representa uma força social ou um conjunto de forças sociais, cujas atividades são fonte de criatividade para as relações sociais e a ação em rede implica o empoderamento destes próprios atores sociais.

Desta ação em rede participam associações em todos os níveis, desde aquelas destinadas à melhoria das condições de vida em um bairro até as grandes fundações empresariais, apresentando como consequência, por exemplo, a construção de representações simbólicas, através de discursos e práticas, o que implica a construção de um sentimento de pertença social.

Um dos traços que merece destaque na ação em rede é a manutenção da autonomia das instituições envolvidas, autonomia esta que é representada especialmente pela manutenção da possibilidade de criação de desenvolvimento de atividades independentes bem como pela existência de pessoas que sejam capacitadas a representação da instituição no espaço público, como nos ensina Gohn (2003b).

Para a autora, essa autonomia, que foi utilizada recorrentemente como categoria de análise, também implicava distanciamento do Estado, reputado, no mais das vezes, um espaço de autoritarismo.

Importa ainda, nesse contexto, apontar que as ONGs tenderam, a partir dos anos 90, a desenvolver atividades mais organizativas, propositivas e operativas, com objetivos relacionados aos direitos sociais modernos, em suma, suas ações eram fundamentadas pela Participação Cidadã, que, segundo Gohn:

É lastreada num conceito amplo de cidadania, que não se restringe ao direito ao voto, mas constrói o direito à vida do ser humano como um todo. Por detrás dele há um outro conceito, de cultura cidadã, fundado em valores éticos universais, impessoais. (GOHN, 2003b: 18)

Um outro elemento da participação cidadã que a mesma autora destaca é que esta tem como base a idéia de democracia radical, que implica a construção de uma sociedade mais justa sob todos os aspectos, sem desigualdades e sem exclusão, sem perder de vista que a igualdade não pode perder de vista a diversidade cultural.

Além disso, Gohn (2003a) destaca, que as ações das ONGs podem se dar no campo da filantropia, do desenvolvimentismo ou o da cidadania, sendo a primeira marcada pela distribuição de bens, o segundo pela busca da ampliação do número de pessoas que viviam e produziam de acordo com os padrões urbanos, podendo ainda chegar à tentativa de criação de unidades auto-suficientes, e finalmente, o último campo tem como meta a garantia dos direitos humanos modernos.

De acordo com a autora a maioria das ONGs do Brasil encontra-se entre as filantrópicas, mas as principais encontram-se entre as cidadãs, que são aquelas que, para além das atividades especificamente relacionadas com cada um dos projetos que desenvolvem tem preocupação política.

Deste modo, Gohn (2003a) chega à conclusão de que as ONGs podem ser compreendidas como um instrumento de participação na sociedade brasileira, qualificada pelo pensamento coletivo sem o esquecimento do indivíduo.

2. JOVENS E PARTICIPAÇÃO NO BRASIL

Feitas as considerações anteriores a respeito de participação considerada em seu sentido geral não poderia ser deixada à margem a busca por informações a

respeito de outras experiências de participação de jovens, especificamente considerada.

Atualmente pode-se apontar, sem cometer erro grave, que a necessidade de que os jovens participem é identificada tanto por teóricos do assunto quanto por educadores que compartilham as suas experiências, tendo em vista a concepção de que a opinião dos jovens pode influenciar positivamente o desenvolvimento de suas ações.

Encontrei, entretanto, pouca referência de que existe qualquer participação efetiva da juventude na concepção, implementação ou avaliação das políticas públicas que lhe são destinadas, mesmo se considerarmos os setores organizados da juventude.

Nos espaços que são eventualmente constituídos para a escuta dos jovens não há qualquer poder decisório que seja efetivamente colocado em suas mãos, não há qualquer ação que preconize a gestão da política para os jovens pelos próprios jovens.

Considerando-se estes elementos, é pertinente a indagação feita por Sposito (2003) a respeito de se as políticas que vem sendo construídas para a juventude efetivamente atendem aos seus interesses e anseios ou se são plasmadas de acordo com a perspectiva de uma geração que não é mais jovem, e, portanto, representam os anseios e as perspectivas destas últimas.

Caso seja confirmada a suposição de que as políticas para a juventude são pensadas por quem não é jovem, independentemente da participação dos reais interessados, está se perdendo uma oportunidade de realizar a educação através desta ação.

Para a autora, esse fato contraria um ponto de vista pedagógico bastante importante, qual seja, a necessidade de realização da educação política, tendo em vista que somente a partir de um grau mínimo deste tipo de educação será possível ao jovem ter condição de fazer escolhas e de construir as ações que sejam de seu interesse.

Importa destacar que a participação política não é um tema desinteressante para os jovens, tendo em vista ser representativo o número de jovens que participam de algum grupo local, conforme demonstra pesquisa da Fundação Perseu Abramo (Sposito, 2003b:25-6).

Das experiências de participação relatadas na literatura, merece destaque a participação de jovens em processos de orçamento participativo, como ocorre em Porto Alegre – RS, onde a participação dos jovens recebe tratamento especial através de mecanismos especiais de viabilidade, bem como a existência de Fóruns de Juventude.

A participação dos jovens também pode ocorrer como instrumento de referendo das ações desenvolvidas pelo poder público, sendo ainda raros os casos em que os próprios são gestores de ações.

É necessário, entretanto, desvelar qual o sentido de participação dos jovens que está determinando estas *políticas de participação* das diversas organizações, que começaram em programas e debates promovidos por ONGs e atualmente estão servindo de paradigma para alguns governos municipais (Sposito, 2003b).

Porém, como mencionado na introdução do presente trabalho, ao rever a literatura existente a respeito dos temas abordados na pesquisa constatei que existe um extenso referencial bibliográfico tratando de participação, mas pouca referencia é feita ao sentido que esta tem para os jovens. Não encontrei qualquer trabalho a respeito do tema fundamentado em um referencial fenomenológico existencial.

Realizei uma extensa revisão bibliográfica na PUC-SP, USP, Biblioteca Virtual de Saúde Pública, LILACS, Capes, Scielo, EDUBASE e ACERVUS - UNICAMP, ANDI, ADOLEC, GEO Juvenil, RETS – revista do Terceiro Setor, REBIDIA, Ciranda, dentre outros.

A maioria dos trabalhos trata da necessidade dos profissionais das diferentes áreas conhecerem as leis sobre a criança e o adolescente (ECA) e em alguns trabalhos, o próprio ECA é analisado. De temas como: gravidez, nutrição, drogadição, assim como culturais (movimento hip-hop, capoeira, rap, grafiteagem etc).

Alguns trabalhos, que tratam da participação de maneira específica, remetem a uma relação com processos eleitorais ou política partidária; a partir do conhecimento e atuação dos jovens em Fóruns de Juventude e Grêmios Estudantis e também ao atendimento e preocupação das políticas sociais em relação às crianças e jovens.

Foram pesquisadas também publicações feitas por ONGs e Movimentos Sociais. Nessas publicações, a participação é concebida como elemento primordial para o desenvolvimento das ações educativas. Ela é valorizada na elaboração das propostas – principalmente na forma de consulta – e na avaliação das mesmas. Não abordam, no entanto, o sentido de participação para os jovens dessas organizações ou movimentos.

Apesar de todos estes elementos, identifica-se a entrada dos jovens na cultura política, e Coelho (Apud Gohn, 2001c) aponta que esta parece ocorrer pela cultura e que não existem políticas culturais que caminhem no sentido da tendência societária dos jovens. Gohn (2001c) acrescenta que não há uma política cultural para os jovens nos movimentos populares.

Nesse sentido, entendo que é importante destacar que a questão não é tanto em relação à falta de políticas culturais para os jovens, uma vez que, atualmente existem iniciativas governamentais e não governamentais que têm este objetivo.

Entendo que a questão é de como são feitas estas ações no que se refere à participação dos jovens na elaboração, execução e avaliação das mesmas. Não quero aqui eximir o Estado de pensar políticas culturais nem as organizações não-governamentais, porém acredito que só *dando a voz* efetivamente para este público é que estaremos construindo espaços dos jovens e não para os jovens.

É interessante observar entretanto, que a participação dos jovens no Fórum de Adolescentes não se deu por uma proposta cultural ou esportiva, mas por uma reivindicação de um espaço em que eles pudessem ter suas opiniões, vontades e, ser representativos na Comunidade.

O projeto Casa das Idéias focou suas ações no grupo de crianças e criou espaços para que a participação comunitária fosse incentivada e cada vez mais

complexificada. Essas práticas visaram não só o incentivo à participação, mas procuraram instaurar um novo sentido às práticas participativas e, desta forma, criar condições para uma participação em movimentos já organizados da região e da cidade.

Como observado anteriormente, não é em poucos anos que se modifica uma cultura política e, no que se refere ao projeto Casa das Idéias, foi após quatro anos de trabalho junto à comunidade que se fundou a Associação Casa das Brincadeiras e tanto o grupo de mães como o de adolescentes constituíram-se em fóruns e, mesmo após todos esses anos, ainda encontra-se resistência no que se refere à participação, quer seja na própria comunidade quer em outros espaços, como escolas, posto de saúde e no caso dos jovens nos grêmios estudantis.

Acredito que para o desenvolvimento de uma cultura política as ações coletivas devem ser priorizadas e norteadas por princípios como a tolerância, o respeito e, principalmente pelo diálogo ao invés de ações que mantenham a lógica vigente do capitalismo atual que é a do consumo e do isolamento.

No entanto, essas ações coletivas não devem ser confundidas com homogeneização dos envolvidos. É importante respeitar a individualidade de cada ator social e cada ação ser estudada, analisada e efetivada considerando a pluralidade presente.

Nas relações ensino-aprendizagem, o que percebemos é que concepções pré-estabelecidas determinam o melhor jeito de participar do outro, as melhores intervenções etc. Não necessariamente elas estão equivocadas, porém temos que atentar à necessidade de abertura ao diálogo, relação que não pressupõe superioridade por nenhuma das partes, uma vez que se torna possível rever posições já que o outro é considerado.

A partir do exposto, o que pretendo ressaltar é o fato de que, em todas as abordagens, a participação se refere a um modo de ser no mundo com os outros, atrelada à própria organização sociopolítica de uma época. Ora ela aparece como *perigosa* para quem ocupa espaços de poder, ora como forma de democratização deste mesmo espaço, ora como forma de apenas manter-se informado, ora como

forma de interferir nos rumos da História tomando decisões, ora somente como instrumento para se conseguir algo (individual ou coletivo), ora como possibilidade educativa, etc.

Em virtude da escassa referência bibliográfica tratando do sentido da participação do jovem, sobretudo numa perspectiva fenomenológica existencial, e a partir da minha prática com jovens em comunidades, bem como considerando a importância do tema é que decidi me debruçar sobre as questões desta pesquisa.

3. PARTICIPAÇÃO E DIÁLOGO

Em uma perspectiva fenomenológica existencial, observar essas diferentes abordagens é perceber que o fenômeno da participação tem todas essas possibilidades e que nenhuma se constitui como uma verdade absoluta, o que existe são formas de concebê-la.

Segundo Hannah Arendt, a realidade depende da multiplicidade dos pontos de vista de quem olha e das diferentes possibilidades de falá-la. A realidade se forja na relação; o outro é constitutivo e construído – é necessário que um outro *o devolva* como você é, como a realidade é – e tudo é na co-existência.

Adotando tal perspectiva compreendo a participação como uma possibilidade dialógica, que implica não apenas um estar com os outros para *saber das coisas* ou para *conseguir alguma coisa*, mas como uma forma de revelação da subjetividade de cada envolvido, de priorização do sujeito e não dos possíveis produtos do agir conjunto.

Compreender, então, a participação como uma possibilidade dialógica de revelação do sujeito e sendo este o objetivo da ação participativa, foi possível analisá-la sob a luz dos pensamentos de Hannah Arendt.

Segundo Hannah Arendt, o espaço de revelação do sujeito, de sua subjetividade, onde o próprio sujeito é o que importa, constitui o espaço político. A convivência entre homens tem como produto a política e suas atividades correspondentes são a ação e o discurso.

Essa ação política necessita de um cenário que, segundo a autora, é a própria reunião entre homens. É essa reunião que constitui o espaço público em que os homens se reúnem em torno de alguma questão referente à vida humana.

De acordo com Arendt, esse espaço é um espaço de aparência em que o sujeito ouve e percebe o outro, assim como, é visto e ouvido por outros. O que podemos perceber na atualidade é que nas relações de trabalho, por exemplo, o sujeito pode ser substituído por máquinas ou por outros homens.

Em relação a política, para que ela aconteça, precisa dos sujeitos individuais, depende da singularidade para convencer, influenciar, interferir, opinar nas outras ações. Portanto, para a política existir não é necessário um cenário único como muitas vezes pensamos. O espaço é feito pela reunião e não por delimitações geográficas.

Essa reunião, relação entre-homens, produz acordos em prol de alguma coisa. O que constitui uma comunidade são esses acordos, as convenções que se estabelecem, e que podem acabar para outros e novos acordos se estabelecerem. Tudo aquilo que acreditamos e estabelecemos como verdade nos dá o senso de comunidade e nos possibilita agir juntos.

Entendo, portanto, que para a participação ser possível dentro desta ótica é necessário recuperar um valor fundamental para a relação entre-homens: o diálogo em um cenário 'privilegiado' tanto para sua aprendizagem como para a aprendizagem da participação: a educação.

Segundo Critelli:

O que por primeiro enxergamos na educação é 'o homem-sendo-com-os-outros-homens' de uma maneira particular. Este sermos-uns-com-outros é o que se oferece como a 'oportunidade' da educação (1981: 62).

Um autor que defende tanto a participação quanto o diálogo nas relações entre-homens na educação é Paulo Freire, portanto analisarei estes aspectos a partir de sua compreensão.

Em sua clássica obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), o autor coloca que o diálogo é relacional e ninguém tem iniciativa absoluta, porque parte da premissa que para haver diálogo deve haver reciprocidade, ou seja, ambas as pessoas envolvidas no diálogo têm um saber a ser comunicado.

Na medida em que Paulo Freire nos traz essa idéia, de que cada um é possuidor de um saber, é justamente no diálogo, no ouvir e considerar o outro, assim como no falar a sua palavra, que podemos nos constituir como sujeito.

De acordo com Paulo Freire:

A palavra instaura o mundo do homem, a palavra como comportamento humano significativo do mundo não designa apenas as coisas, transforma-as, não é só pensamento, é práxis (2001: 19)

Dessa forma, quando Freire fala em palavra, não está falando em coisas somente, está falando da palavra como aquilo que viabiliza o comunicar-se. E é na comunicação verdadeira, como coloca o autor, que se pode, efetivamente, entrar em contato com o outro e consigo mesmo.

Assim, é possível atingir a subjetividade do outro por meio da expressão da palavra, assim como o meu saber, que se encontra nas minhas idéias. “A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências em diálogo” (2001:19).

Paulo Freire também coloca que o diálogo é fundamental para que haja a humanização. É no dialogar, na troca com outros, que eu posso me constituir como humano.

De acordo com o autor:

O homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum, só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo (Freire, 2001: 19).

A palavra criadora é um lugar de encontro e de reconhecimento das consciências, também do reencontro e do reconhecimento de si mesmo. Quer dizer, não há outra forma de eu me conhecer a não ser expressando a minha palavra ao outro e ouvindo do outro o que ele pensa sobre isso tudo.

“A palavra viva é diálogo existencial” (2001: 20) e transforma o mundo. Por que transforma? Porque na medida em que a palavra é dita ela tem um efeito, um impacto sobre aquele que ouve e aquele que considera, da mesma forma que isto também cria um impacto naquele que disse, porque ele passa a ter um comprometimento com a palavra, com suas idéias, com sua visão de mundo.

O diálogo implica a ampliação dos conhecimentos de ambos. Quer dizer, se todos temos saberes, na medida em que os comunicamos nós acrescentamos os nossos saberes aos saberes dos outros, e vice versa. Por isso que há troca, o diálogo é fundamentalmente troca.

Para o autor, o diálogo tem que estar sempre presente na constituição do humano, o que varia é o conteúdo deste diálogo, que o conteúdo sim vai ser definido historicamente, vai ser datado.

Ainda de acordo com Paulo Freire (1980) o homem ganha significação por meio do diálogo, o que implica ser o ato do diálogo um ato de criação, com a conquista implícita de que se fazer humano no contexto dialógico, conquistando assim o mundo em conjunto com o outro.

Então, ao contrário do que percebemos nas posturas antidialógicas, quando se tem o autoritarismo, quando se é impositivo, a idéia premente é que se queira conquistar o outro, manter o outro subjugado, enquanto que na dialogicidade é o inverso. A conquista é de todos em relação ao mundo. O que se objetiva é a conquista do mundo.

Paulo Freire também nos ensina, não só na *Pedagogia do Oprimido* como também na obra *Conscientização: teoria e prática da libertação*, o amor pelo mundo e pelos homens é constitutivo do diálogo que “não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens” (1980: 83). E nos revela que este amor, e conseqüentemente o diálogo são inviáveis em uma relação de opressão.

Segundo Paulo Freire:

O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo. Este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação (1980: 83).

Nessa mesma perspectiva, ao falar do amor como fundamental para o diálogo, Paulo Freire (2001) também nos lembra da importância da humildade como condição para o diálogo, porque na medida em que acredito que meu saber vale mais do que outro, a minha tentativa na comunicação é de mostrar ao outro que eu estou certo, portanto, há a perda da humildade. Se eu mantenho a posição consciente de humildade vou saber que o meu olhar é um olhar dentre muitos outros possíveis.

Para Paulo Freire:

(...) o diálogo não pode existir sem humildade... o diálogo como encontro dos homens que têm por tarefa comum aprender e atuar rompe-se se as partes – ou uma delas – carecer de humildade (1980: 83).

Outro aspecto relevante é que não existe, na concepção freiriana, a libertação individual – você só pode conquistar realmente o estado de liberdade, na medida em que você conseguir a libertação com outros.

Entretanto, ninguém desvela o mundo ao outro, é preciso que esses outros se tornem sujeitos do ato de desvelar. Quer dizer, é um grande engodo acharmos que vamos desvelar ou descortinar uma realidade para alguém. Para Freire (1980), só vai haver efetivamente o desvelamento com o outro, nunca de alguém para alguém, mas é sempre em conjunto, é uma comunhão.

Em sua outra obra *Conscientização: teoria e prática da libertação* o autor evidencia que o diálogo é uma prática contínua e que vai se ampliando conforme as relações que estabelecemos; esclarece que o diálogo, ou as práticas dialógicas são fundamentais na sua concepção de homem e conseqüentemente em seu projeto educativo libertador.

Paulo Freire salienta que, a realidade opressora coisifica o homem e que a educação deve, a partir de tudo que constitui a vida do homem, ajudá-lo a ser sujeito. A libertação é um processo de humanização que, tal como a educação, somente pode ser plena em relação social de tal modo que:

A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade na qual o homem está radicado (1980: 34).

Para Freire, é esta verdadeira práxis – ação-reflexão sobre o contexto social no qual o homem está inserido – a sua espacialidade e temporalidade, que devem ser considerados numa prática educativa que efetivamente busque a transformação.

Essa prática, porém não é considerada fácil pelo autor, uma vez que a realidade constitui para o homem uma diversidade de possibilidades para agir e refletir.

Segundo Freire (1980), o diálogo é uma das maneiras que o oprimido tem para se relacionar com o opressor, porém para que o diálogo seja a opção, é necessária uma relação de simpatia e reciprocidade, impossível numa relação de dominação, o que implica um desafio cuja resposta o próprio homem deve criar “... no sentido de obrigá-lo ou, ao menos, convidá-lo ao diálogo, às relações humanas que não sejam de dominação, mas de simpatia e reciprocidade” (Freire, 1980: 38).

Para que tal relação se estabeleça é fundamental que se rompa com a dominação estabelecida e para tanto, no processo de conscientização, se faz necessário que o homem se perceba como autor, sujeito capaz de criar e recriar, junto com outros homens, a cultura, que de acordo com o autor é:

todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens”. (1980: 38).

Ainda de acordo com Paulo Freire, como foi escrito anteriormente, a educação, caso estabeleça uma relação com o contexto da sociedade na qual o homem está radicado, é um instrumento válido para promover a conscientização.

Porém, esta não é transmitida pronta para um sujeito passivo, desprovido de qualquer saber; é construída numa relação significativa com o educador que não pretende a imposição de suas perspectivas e sim uma relação dialógica com o educando, que permita a superação da opressão para uma consciência crítica da realidade. Dessa forma, “o coordenador não exerce as funções de ‘professor’. A condição essencial de sua tarefa é o diálogo: ‘Coordenar, jamais impor sua influência.’” (Freire, 1980: 50).

Segundo Freire, para que o coordenador ajude o homem a realizar sua vocação ontológica (ser sujeito e não objeto), a perceber-se como autor na construção da sociedade, na perspectiva da transformação social, ele precisa utilizar um método que possibilite substituir a captação mágica da realidade por uma captação cada vez mais crítica.

Assim, o coordenador deve proceder:

Utilizando um método ativo de educação, um método de diálogo – crítico e que convide à crítica – modificando o conteúdo dos programas de educação (Freire, 1980: 52).

Como é possível perceber, no desenvolvimento das idéias de Paulo Freire a respeito do processo de conscientização, o diálogo se constitui como sendo fundamental para que tal processo se concretize e efetivamente se dê uma mudança social.

Para Paulo Freire “O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo” (1980: 82).

Traz também o diálogo como uma necessidade existencial do homem “Se ao dizer suas palavras, ao chamar o mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (1980: 82 -83).

Sendo uma necessidade existencial e constituindo-se como caminho para a transformação social, o diálogo não é possível na perspectiva de uma educação bancária é viável apenas em um processo educativo humanizador e, portanto, libertador.

Ou seja:

E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outros (Freire, 1980: 83).

Paulo Freire expõe outras condições necessárias para o diálogo, além do amor e da humildade, como a fé crítica no homem, a confiança e a esperança.

O diálogo exige igualmente uma fé intensa no homem... A fé no homem é uma exigência primordial para o diálogo; 'o homem do diálogo' crê nos outros homens, mesmo antes de encontrar-se frente a frente com eles. Sem dúvida, sua fé não é ingênua. O 'homem de diálogo' é crítico e sabe que embora tenha o poder de criar e transformar tudo, numa situação completa de alienação, pode-se impedir os homens de fazer uso deste poder (1980: 83-84).

Para Freire, faz-se necessário, também, a confiança entre aqueles que estabelecem diálogo. A confiança vai fazendo sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Quer dizer, não é o diálogo para alguém, não é o diálogo de alguém, mas é o diálogo com alguém.

Haveria contradição nos termos se o diálogo – amante, humilde, cheio de fé – não produzisse este clima de confiança mútua que conduz os que dialogam a colaborar sempre mais estreitamente no ato de designar o mundo (1980: 84).

Segundo o autor a esperança também está na base do diálogo. A percepção crítica ao se instaurar na ação desenvolve um clima de confiança e de esperança, que leva os homens a se empenharem na superação das situações limites. Paulo Freire definiu essas situações limites, como aquelas situações que nos desafiam. Então teríamos a princípio duas possibilidades: diante do desafio, se sentir incapaz e impotente, ou de acreditar que você pode superá-lo.

Para Freire é a adesão a essa segunda possibilidade que nos faz críticos, que vai constituir a minha consciência que tem a capacidade de ser mais sempre, não mais que o outro, mas mais do que fui há um minuto atrás.

O autor salienta também que é fundamental a esperança nos resultados que a prática dialógica traz para que esta não seja ilusória e falsa.

O diálogo não pode existir sem esperança (...) O diálogo, como encontro de homens que pretendem ser mais lucidamente humanos, não pode praticar-se num clima carregado de desesperança. Se os que dialogam não esperam nada de seus esforços, seu encontro é vazio, estéril, burocrático, cansativo (1980: 84).

Hannah Arendt e Paulo Freire nos ensinam a ter esperanças no homem quando anunciam o poder renovador que ele traz em suas ações. A criança e o jovem são, nessa medida, as possibilidades de tais renovações se efetivarem. Basta

serem percebidos em sua totalidade, como pessoas inteiras capazes de agir e falar e que nós, educadores façamos nosso papel de garantir tais possibilidades.

Segundo Arendt:

A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos (2001: 234).

É no processo educativo que, de acordo com a autora, os adultos assumem uma responsabilidade pela criança e pelo jovem naquilo que denominamos de desenvolvimento de qualidades, habilidades e talentos pessoais. Isso, para Arendt, é a singularidade que distingue cada ser humano dos demais; a qualidade em virtude da qual ele não é apenas um forasteiro no mundo, mas alguma coisa que jamais esteve aí antes.

Ainda no que se refere à educação, a autora destaca que o educador esta em relação ao jovem como representante de um mundo tal como ele é, pelo qual deve assumir a responsabilidade. O jovem é introduzido por adultos em um mundo em contínua mudança e, de acordo com Arendt:

Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação (2001: 239).

De acordo com a mesma autora, na educação, essa responsabilidade pelo mundo assume a forma de autoridade. Essa autoridade consiste no fato do educador conhecer o mundo e, portanto ser capaz de ensinar outros acerca deste.

O que podemos perceber na atualidade, e Hannah Arendt já alertava em sua época, é que os adultos estão negando sua responsabilidade para com o mundo e, portanto estão recusando a responsabilidade sobre a trama de significações às quais trouxeram as crianças e jovens.

Esta crise da autoridade, segundo Arendt, têm uma relação com a crise na tradição, ou seja, com a nossa atitude frente ao passado. De acordo com a autora é “sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo” (2001: 243-4).

O educador e os adultos de forma geral, na atualidade, refutam a responsabilidade sobre as coisas que criaram, construíram. Não se percebem em co-existência e, portanto não se consideram co-responsáveis pela *configuração* atual do mundo.

Conforme Arendt “O mundo, visto que feito por mortais, se desgasta, e, dado que seus habitantes mudam continuamente, corre o risco de tornar-se mortal como eles” (2001: 243).

A educação deveria ser o cenário para que o mundo fosse apresentado tal como ele é e não um espaço em que se aprende estratégias de *sobrevivência* em um mundo fadado a ruína. Este *apresentar o mundo como ele é* tem um caráter conservador, no sentido de conservar aspectos que são fundamentais para que nos vinculemos a ele, como mencionado anteriormente, as crenças.

É, portanto o fato de acreditarmos nas mesmas coisas, pelos sentidos que essas mesmas coisas provocam e na possibilidade de partilhá-las que reside a possibilidade da educação.

É também pelo fato de acreditarmos sempre na possibilidade do novo, que cada geração aporta, que se configura a viabilidade de, constantemente, irmos “colocando o mundo em ordem”, de forma a preservá-lo de seus criadores e habitantes.

No entanto, como nos alerta Arendt “tudo destruímos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos, possamos ditar sua aparência futura” (2001: 243).

Desse modo, pensar a participação dos jovens dentro de uma perspectiva educativa, implica termos clareza de que somos responsáveis pelo mundo em que vivemos e que, portanto o jovem ser participativo não nos exime da responsabilidade para com ele. A participação do jovem também não implica transferência de autoridade – continuamos no papel de autoridade para apresentar o mundo tal como é, para que o jovem exerça suas ações participativas. E, finalmente, implica a necessidade de atentarmos para não *moldarmos* o jovem de acordo com os nossos

interesses e, desta forma, como mencionou Arendt passarmos “a ditar sua aparência futura”.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. (Arendt, 2001: 247).

III – METODOLOGIA

1. DIRETRIZES METODOLÓGICAS

A fenomenologia se encontra nas raízes dos estudos qualitativos em educação. De acordo com Critelli (1996), a determinação mais básica desse pensamento é a de dirigir-se para o real, identificando nele seu caráter de fenômeno e não de objeto. Esse olhar que objetifica cabe à metafísica, compreendida pela autora como postura epistemológica que fundamenta a ciência e a técnica moderna.

Segundo a autora, a crítica à metafísica não consiste em uma proposta insensata de bani-la, mas na formulação de outros modos de se compreender os fenômenos. A Fenomenologia, se compreende como uma perspectiva dentre outras possíveis para se olhar o fenômeno.

Para Critelli:

O pressuposto de que parte a fenomenologia, nesta discussão, é o de que a perspectiva do conhecer e a verdade que este alcança não podem, senão, ser relativas. (1996: 13)

É importante destacar que novas possibilidades não significam novas verdades, que deverão ser seguidas como se fossem prescrições, padronizações ou generalizações sobre o modo de ser e de fazer.

Para Heidegger (2002), não é o olhar que mede a coisa, mas o horizonte sob o qual a coisa se situa e se revela. Dessa forma, entendo que a participação do jovem não será revelada como um conceito 'puro' e 'abstrato', mas como a experiência vivida em uma rede de significações que a tornaram possíveis ou não de se manifestar.

Para André (1995) o mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas são, portanto, os núcleos de atenção da fenomenologia. Para a fenomenologia existencial, é o sentido dado a essas experiências que constitui a realidade.

1.1. A COMPREENSÃO DE SENTIDO PARA A FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL

Sentido e Significado são palavras comumente tidas como sinônimas e são, dessa forma, utilizadas indiscriminadamente. Entendo que, para o presente trabalho, seja fundamental essa diferenciação, uma vez que o objetivo a que me propus foi o de compreender como se manifestam as experiências de participação e qual o seu **sentido** para os jovens que freqüentam o Fórum de Adolescentes.

Para a fenomenologia, significado é compreendido como um conceito de algo; uma definição a respeito do *que é* e *como é* algo e, portanto, tem uma concretude e uma permanência. Segundo Critelli: “os significados estão aderidos às coisas e são socializados, testemunhados e admitidos por todos nós” (1996: 43).

De acordo com Critelli, para a fenomenologia, sentido não é compreendido como sinônimo para o termo significado, mas como direção, como norte, como destinação. Ao pensarmos sobre o sentido de um fenômeno, estamos buscando compreender o que é e como é o *ser* de algo.

Segundo Critelli, o que distingue uma investigação fenomenológica da metafísica é o que se compreende por *ser*. Isto pode parecer óbvio e evidente. Entretanto, ainda segundo a autora, essa é a questão mais controvertida para o pensamento. É a questão sobre a qual, no decorrer da história de nossa civilização, mais se tentaram acordos e a que mais se mantém em litígio.

A compreensão metafísica do *ser*, de acordo com a autora, parte de uma suposta separação entre *ser* e *ente*³. Para a fenomenologia, que parte da impossibilidade de tal separação, o *ser* de um ente coincide com seu próprio aparecer. Conseqüentemente, a caracterização de uma metodologia de investigação e análise passa, necessariamente, pelo esclarecimento de o que se compreende por “*ser*”.

O *ser* está naquilo que se mostra, na aparência, que é vista como legítima e manifesta-se nos seus modos-de-ser-no-mundo. Portanto, aponta a autora, não há uma busca para se chegar “a uma verdade” e uma investigação fenomenológica

chegará a um lugar muito diferente daquele a que chega uma investigação metafísica.

A questão do ser mereceria mais atenção, pois é algo fundamental na perspectiva fenomenológica. Entretanto, neste trabalho não será possível aprofundá-la. Resumidamente, proponho que se entenda *ser* por o que são e como são as coisas, aquilo que as define enquanto tal.

De acordo com Critelli, “o sentido que ser faz para cada um de nós, em particular, e para nós, em comum, deixa-se ver na trama de relações significativas em que vamos tecendo e estruturando nossa vida cotidiana” (1996: 99).

Por ser singular, um fenômeno tem inúmeros sentidos e nos é impossível compreender todas as suas possibilidades de manifestação, dada a limitação do olhar que vê e da ambigüidade que o fenômeno tem ao mostrar-se.

Segundo Critelli, o desvelamento de um sentido ocorre quando algo sai de seu ocultamento e se revela em uma das suas facetas (possibilidades), em um determinado contexto e em uma determinada época. A coisa sai do ocultamento, não do total de suas possibilidades, mas, totalmente, em uma de suas possibilidades.

Dessa forma, o sentido não se encerra no significado (conceito) em si, ele se estabelece na relação que os homens têm com as coisas, inclusive com os conceitos e, portanto, tem um caráter singular.

Esta singularidade não pode ser compreendida como apenas individual, pois um grupo também pode revelar um sentido para um fenômeno diferente do conceito estabelecido. É importante lembrar que o contrário também é uma possibilidade, isto é, um sentido atribuído pode ser equivalente ao conceito.

Conforme Arendt (1983) singularidade e pluralidade são dimensões correlatas, porque o eu é, simultaneamente, exatamente igual a todos os outros homens e carrega em si tudo o que está presente nos outros homens.

³ Ente, na terminologia filosófica, é tudo o que é, o manifesto. E ser é o que faz com que um ente seja ele mesmo e não outro qualquer. Uma distinção feita, com clareza, desde Aristóteles.

De acordo com Critelli (1996), nenhum olhar é meramente individual, ainda que seja o indivíduo que vê. A coexistência (ou a pluralidade) é o fundamento de toda possibilidade humana de compreender e de todas as suas formas expressas de conhecer, de referir-se ao que é, inclusive a si mesmo.

De acordo com a autora, “o nosso mundo ôntico, em sua organização, na solidez e durabilidade de suas coisas, objetos e artefatos, conserva, segura e comunica nossos gestos e seus significados e, neles, também o *sentido* de nossas existências singulares e de nossa existência comum” (1996: 104).

Ao buscar o sentido de participação, estou procurando compreender como essa experiência aparece para os jovens que freqüentam o Fórum. Não é o seu conceito ou definição de participação e sim o seu sentido, sua compreensão singular do fenômeno de participação.

Realizei essa busca através da observação do Fórum de Adolescentes e da Entrevista Reflexiva, conforme proposta por Szymanski (2002), com alguns de seus participantes.

2. PROCEDIMENTOS

2.1. OBSERVAÇÃO

Optei pela observação como um dos procedimentos metodológicos, por esta possibilitar um contato direto com o fenômeno em seu próprio contexto, no caso, a participação dos jovens no Fórum de Adolescentes.

Segundo Cruz Neto:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (1994: 59-60)

A fenomenologia tem como preocupação central a descrição da realidade, num esforço de encontrar o que realmente é dado na experiência e descrever o que se passa efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação.

Os registros foram feitos de forma *taquigráfica* durante os encontros. Logo após, os mesmos eram complementados, visando captar todas as falas, atitudes e configurações do encontro, desde antes do seu início até o seu término. Procurei fazer uma reprodução mais próxima o possível do que estava observando.

Acompanho o Fórum como observadora e colaboradora desde seu início, em 2001. Em dezembro de 2003, realizou-se o 28º encontro. Iniciei uma observação sistemática, a fim de orientar minha pesquisa, a partir de Setembro⁴ de 2002. Observei, dessa forma, cinco encontros: de Novembro de 2002 e Fevereiro, Março e Abril de 2003.

Os Fóruns são coordenados por uma educadora. Realizei as observações como espectadora, procurando intervir minimamente nos encontros, emitindo opiniões e fazendo comentários apenas quando solicitada por alguns jovens.

Estabeleci alguns focos de observação, a fim de não desviar dos propósitos da pesquisa: a forma como os jovens se dispunham espacialmente; o modo como se marcava o início dos encontros; as temáticas discutidas; quem fazia as proposições, que comportamento manifestavam e, por fim, como participavam do fórum.

Apresentei uma síntese dos cinco encontros a fim de contextualizar o Fórum e analisarei o encontro posterior a entrevista, por ter sido compreendido como devolutiva da Entrevista Reflexiva.

2.2. ENTREVISTA REFLEXIVA

A Entrevista Reflexiva é um procedimento que vem sendo desenvolvido pela Profª Drª Heloisa Szymanski em seus projetos de pesquisa. Segundo a autora:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto a busca de horizontalidade (2002: 14-5).

⁴ Este encontro foi referente a Outubro, pois aconteceu no final do mês (29/09/02).

De acordo com Martins (1994), a entrevista, tida como um recurso da pesquisa qualitativa, é vista como um “encontro social”, no qual todos os envolvidos têm a possibilidade de construir um novo conhecimento. Por ser este encontro, permite correções e esclarecimentos, além do aparecimento de sentimentos subjacentes a uma opinião expressa.

Dessa forma, a entrevista reflexiva, com o seu compromisso de idas e vindas, se traduz como um instrumental facilitador para que o jovem, em um determinado tempo e espaço, revele sua compreensão da experiência de participação.

Segundo Szymanski (2002), na entrevista reflexiva, os objetivos da pesquisa serão a base para a elaboração da questão desencadeadora. Essa questão tem por objetivo trazer à tona uma primeira elaboração do jovem a respeito da temática introduzida.

O sentido de participação para este grupo de jovens foi a base para a formulação da questão desencadeadora. Assim, foquei minha atenção nas seguintes questões:

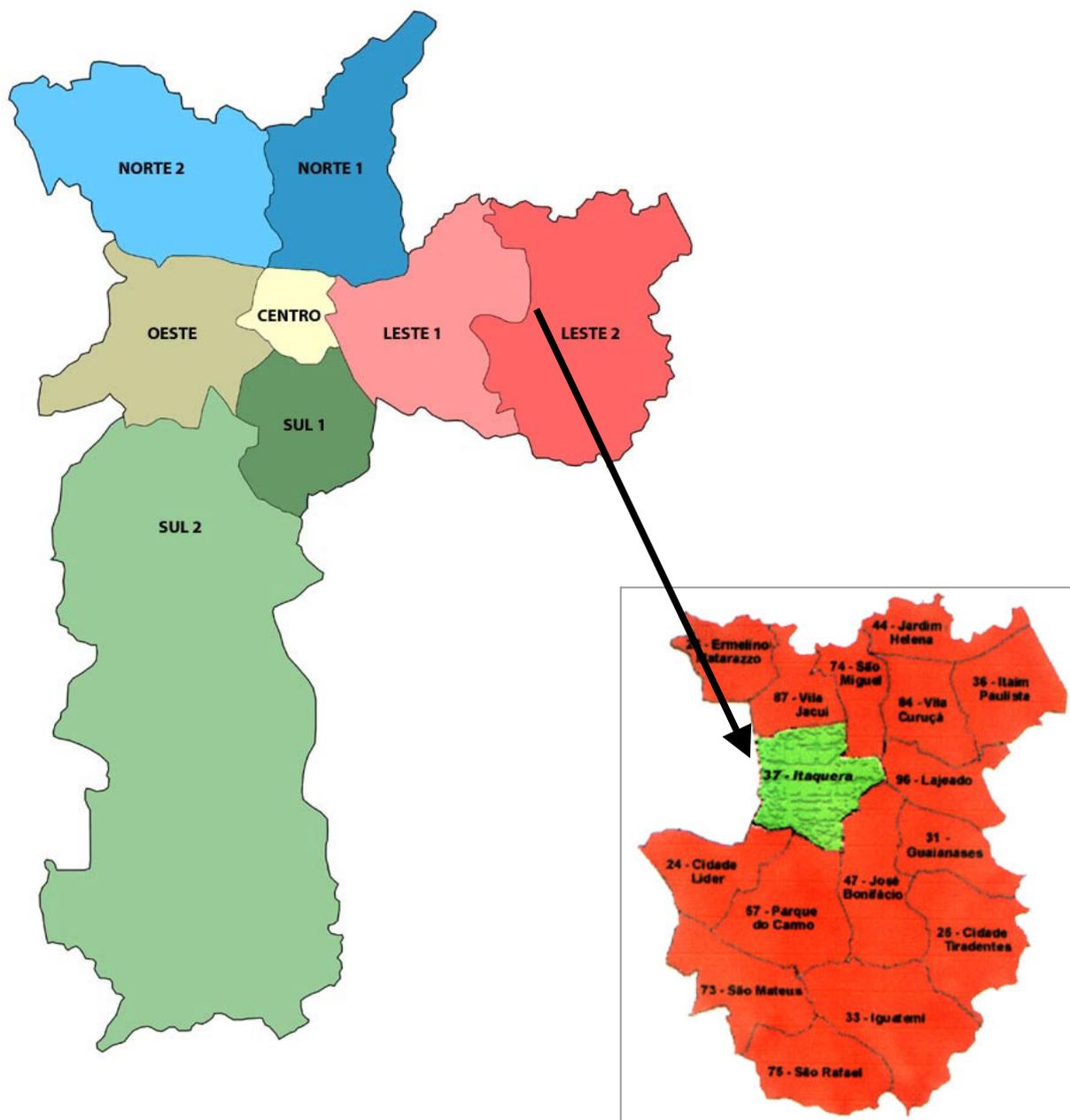
- O que os jovens lembram da primeira reunião do Fórum?
- O que aconteceu desde a primeira reunião?
- Como é para os jovens participar do Fórum?
- O que é participação para os jovens?

Também levei em conta aspectos que pudessem contribuir para a melhor compreensão do ambiente da pesquisa, de forma a contextualizá-lo – onde está situado, quem são os jovens que fazem parte deste espaço – a fim de que pudesse desvelar o sentido que os jovens revelam de participação. Esta contextualização é importante, uma vez que não analisei a participação de jovens teóricos, mas antes de tudo, de personalidades.

Essa contextualização foi composta pelas caracterizações da comunidade Chico Buarque e do Fórum de Adolescentes, retrato dos jovens que participaram da Entrevista Reflexiva e observação dos encontros.

3. APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE

3.1. LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE ITAQUERA



3.2. ASPECTOS FÍSICOS E SOCIAIS DA REGIÃO

A cidade de São Paulo é a maior metrópole do Brasil, contando com uma população de 9,6 milhões de habitantes e sua organização municipal é dividida em 11 regiões e 96 distritos. A região de atuação do projeto é denominada Leste 2 e é a mais oriental do território paulista, contando com um quinto da população citadina (2 milhões de habitantes), com índice de densidade muito elevado.

O trabalho está sendo realizado na comunidade Chico Buarque, uma favela no distrito 36 de Itaquera, com cerca de 180 mil habitantes.

A sociedade paulista, e em particular a população das favelas, é marcada por profunda desigualdade e exclusão, que dão origem a um dramático fenômeno de marginalização social, de frustração e de desrespeito ao direito fundamental da criança e do adolescente.

A distribuição do rendimento familiar é dramática: dos 42 mil núcleos familiares, somente 0,96% (aproximadamente 404) tem um rendimento superior a 20 salários mínimos (01 salário mínimo = 240 reais/mês), 4% (aproximadamente 1.509) não registram nenhuma renda; 19,83% recebem apenas 1,5 salários mínimos.

As condições de habitação são de extrema precariedade. No Município, 7,61% vivem em barracos, favelas ou em acomodações improvisadas, com acesso precário aos serviços públicos de saneamento básico e infra-estrutura; em Itaquera, 3,23% vivem nessas condições.

Com relação à saúde, a situação também é precária: o índice de mortalidade infantil em Itaquera é de 2%, contra 1,63% em São Paulo. Além da falta de saneamento e infra-estrutura, este índice pode estar associado, entre tantos outros, com o fato de existirem na região apenas 02 hospitais, um municipal e outro particular e apenas 08 Unidades de Atendimento Básico à Saúde⁵, contra 378 Unidades de Atendimento Básico à Saúde do Município de São Paulo.

⁵ Fonte: Secretaria Municipal da Saúde - Assessoria de Planejamento ASPLAN/PLAN Secretaria de Estado da Saúde - Centro de Informações de Saúde / CIS

Na educação, a situação não se altera: dos 316 'Espaço Gente Jovem'⁶ que atendem à faixa etária de 06 a 14 anos e 11 meses, existentes no município, apenas 16 estão em Itaquera.

Com relação aos Estabelecimentos de Educação Infantil⁷, temos um total de 1.336 no Município, sendo apenas 12 em Itaquera. No Ensino Fundamental, existiam em São Paulo, em 1999⁸, 980 estabelecimentos estaduais, 401 municipais e 906 particulares, totalizando 2.287. Em Itaquera, temos um total de 38 estabelecimentos, 22 estaduais, 05 municipais e 11 particulares.

Com relação aos estabelecimentos de Ensino Médio, tínhamos no município, em 1999⁹, um total de 2.287 estabelecimentos - 980 estaduais, 401 municipais e 906 particulares. Na mesma época, em Itaquera, tínhamos um total de 15 estabelecimentos - 11 estaduais, nenhum municipal e 04 particulares.

Podemos verificar, a partir da observação dos dados acima apontados, uma grande carência na oferta de serviços públicos fundamentais para a população da região. Sem dúvida, questões relativas à saúde ou à educação não são problemas específicos de Itaquera, porém, ao desenvolver o trabalho no projeto Casa das Idéias, tornou-se para mim muito evidente a fragilidade das instituições em garantir a saúde e a educação como direitos básicos.

No que se refere especificamente à escolarização, temos conseguido que todas as crianças estivessem matriculadas e freqüentassem a escola, mas a permanência ainda é uma conquista ameaçada pelo cotidiano.

Ir a escola envolve muito mais do que caminhar uma longa distância da residência ao portão de ferro da entrada. Situações que vão desde a necessidade de ajudar a família na sobrevivência diária, quer seja no trabalho doméstico informal, até a vivência de experiências anteriores que ficaram marcadas pelo sentimento de humilhação e impotência (Teixeira; Silva, 2001: 79-80).

⁶ Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social - SAS/SGPC/DTDI, dezembro/2001.

⁷ De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB (Lei Federal n. ° 9394, de 20/12/96), a Educação Infantil inclui creches e pré-escolas. Fonte: Secretaria de Estado da Educação /SE – Centro de Informações Educacionais / CIE. Secretaria Municipal de Planejamento/ Sempla – Departamento de Informações/Deinfo.

⁸ Fonte: Secretaria de Estado da Educação /SE – Centro de Informações Educacionais / CIE. Secretaria Municipal de Planejamento/ Sempla – Departamento de Informações/Deinfo.

⁹ Idem

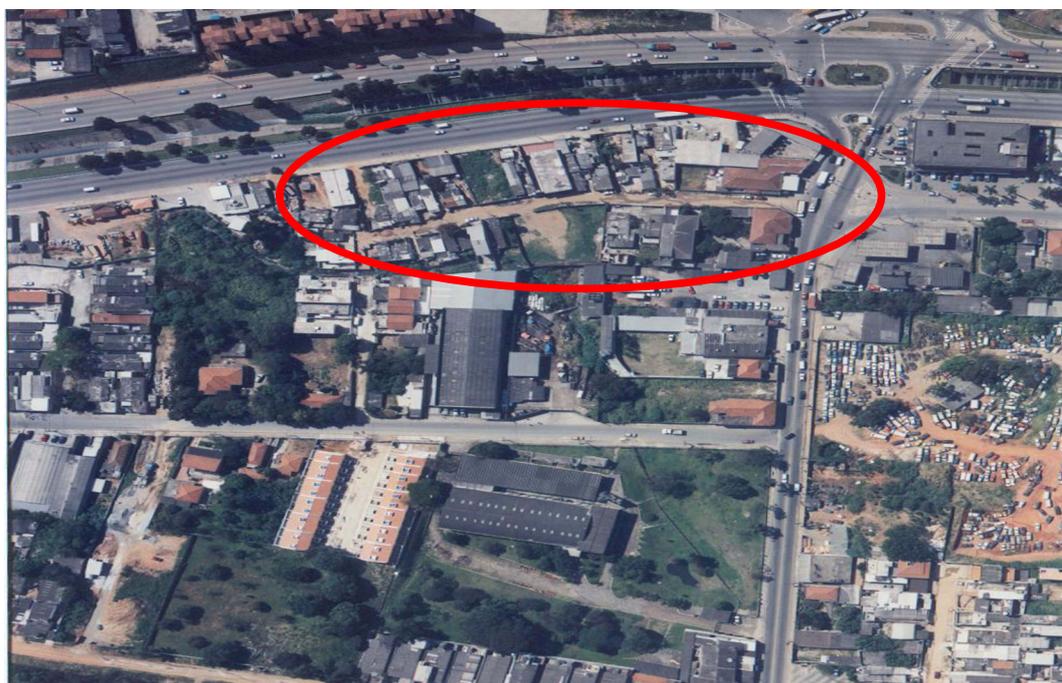
3.3. DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE

“Da janela da Casa das Crianças se avista uma árvore que sempre floresce, dando flores avermelhadas que enchem de alegria o olhar. O colorido da árvore se destaca na paisagem de cimento, madeira e barro”.

Adriana T. da Costa e Rosana Padial

O terreno onde se encontra a Vila Chico Buarque foi ocupado, em larga medida, em meados dos anos oitenta, de acordo com informações dos moradores da área. Trata-se, nesse sentido, de área ocupada já há aproximadamente quinze anos. Ela é uma travessa de uma grande avenida, esta pavimentada, contando com rede de esgoto, eletricidade e dispondendo de amplo comércio.

Vista aérea da Comunidade



A comunidade apresenta ainda muitos problemas: tem sua rua de terra, não conta com saneamento básico, iluminação pública e as moradias eram, até 2001, em sua maioria, de extrema precariedade, isto é, construídas parcial ou totalmente em madeira, com deficiência nas instalações elétricas e ausência de instalações sanitárias.

Em relação às enchentes, para embasar a implantação da rede de drenagem e pavimentação semipermeável na via local, clara necessidade, era necessário estudo minucioso da contribuição de águas pluviais, já que, pelos relatos dos moradores, a área parecia se encontrar em cota inferior à das ruas do entorno, concentrando e represando as águas em períodos de chuvas intensas. Há ainda uma galeria ligada ao rio canalizado, que tem sérios problemas de manutenção e não recebe adequadamente as águas da rua da comunidade.

No que se refere à rede de esgotos, além da ausência de rede na rua e do problema de dispersão direta e sem tratamento no córrego, há sérios problemas de funcionamento de uma rede construída pela SABESP à época da abertura de uma avenida próxima, em meio a um conjunto de moradias, onde as caixas de passagem encontram-se sujas e entupidas, além de trecho de esgoto a céu aberto.

“Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava, ladrilhar...”.

A situação da rua permanece; o que foi modificando com o decorrer do tempo, foi a estrutura das casas, principalmente após a implantação do programa renda-mínima, que possibilitava que as pessoas investissem parte do recurso na melhoria de sua moradia, além do estabelecimento de uma política de micro-crédito¹⁰, em que as famílias apresentam projetos de melhoria para as residências e, em mutirão, as obras são realizadas.

A comunidade é composta por 55 famílias, somando um total de 326 pessoas. A maioria das crianças e jovens está matriculada no ensino formal, concentrando-se em duas escolas estaduais que são próximas às suas residências.

¹⁰ O Programa Renda-mínima e de micro-crédito foram financiados pela AiBi (ONG Italiana), de 1998 à 2002. Micro-crédito é uma forma de empréstimo de valores baixos em relação ao padrão do sistema financeiro que inclui alguns procedimentos que não são adotados tradicionalmente, tais como a utilização mínima indispensável de burocracia e a flexibilidade quanto às garantias.

Os moradores têm o hábito de se reunir à noite ao redor de uma fogueira para conversar e contar histórias, após a introdução das mesmas na reunião das mães; outra forma de lazer comum na comunidade é o jogo de futebol, que ocorre em um espaço conhecido como campinho, onde também se realiza as festas da comunidade.

Desde 1995 a comunidade conta com uma Brinquedoteca para as crianças, atualmente sob a responsabilidade de jovens educadoras que residem na própria rua. Posteriormente, em 2001, foi criada uma Sala de Estudo sob a responsabilidade de uma educadora externa¹¹, que desenvolve atividades como o jornal comunitário e teatro, com crianças e adolescentes e, finalmente, o Ateliê que produz camisetas e painéis para obtenção de recursos.

Outro espaço administrado pela comunidade é uma loja que vende os produtos do ateliê bem como outros produtos que sejam recebidos em doação a fim de possibilitar a ampliação da captação de recursos.

Ao longo do desenvolvimento do projeto foram parceiros Ashoka, Instituto C&A, AiBi, Nestlé e Ludi Consultoria, todas organizações privadas, sendo as três primeiras sem finalidade lucrativa.

3.4. SOBRE O FÓRUM DE ADOLESCENTES

Em 2001, as mães da comunidade se encontravam organizadas em um fórum, que discutia e deliberava a respeito de tudo que acontecia na comunidade. Ao mesmo tempo, a Associação, cuja primeira diretoria foi composta por educadores e moradores da comunidade, estava se preparando para uma nova composição: apenas moradores fariam parte da diretoria e os educadores seriam conselheiros.

Nesse período, os adolescentes participavam do Fórum de Mães levando demandas próprias – fazendo reclamações e propondo atividades do próprio interesse. Concomitantemente, eu estava encerrando minhas atividades com o grupo para implantar o projeto em outra comunidade e os jovens desejavam e pediam para que elas continuassem.

¹¹ Educadora vinculada ao Instituto Ambar.

Foi nesse contexto que surgiu o Fórum de Adolescentes, como uma possibilidade de criar um espaço que promovesse uma maior participação do jovem. Os educadores entendiam que o fórum coincidia com o investimento geracional pretendido pelo projeto para sustentar sua auto-gestão e conquistar o desenvolvimento comunitário.

O Fórum foi organizado como um espaço onde o jovem pudesse falar de suas vontades, pensar nas formas de viabilizá-las coletivamente e, assim, exercitar conhecimentos fundamentais para a organização comunitária, tais como a decisão coletiva, a elaboração de projetos, entre outras que implicassem a escuta, a argumentação e um pensamento no bem comum ou público.

Para a realização do Fórum com tais objetivos, foi destinado ao grupo um recurso financeiro mensal¹² que deveria ser administrado pelos jovens e colocou-se a necessidade de captação de outros recursos para sua continuidade. As reuniões do Fórum acontecem mensalmente, nos finais de semana, com duas horas de duração.

O Fórum de Adolescentes teve seu início em 20 de janeiro de 2001. Começou com a apresentação de sua proposta e rotina, tendo como pauta a decisão de quem iria representar o grupo no primeiro Fórum Social Mundial e o que poderia ser feito para utilização do recurso financeiro destinado ao grupo.

Como deliberações deste encontro, os jovens decidiram que iriam para o Fórum Social Mundial aqueles que estavam trabalhando como educadores na brinquedoteca e que após a viagem, eles deveriam fazer uma apresentação sobre o evento. Escolheram um grupo de substitutos para que as atividades com as crianças não fossem interrompidas e, com relação ao recurso destinado ao grupo, deliberaram fazer uma festa de 'despedida' para mim e uma poupança para, no final do ano, realizar um passeio na praia.

¹² Foi destinada ao grupo uma renda mensal de R\$800, 00, financiada pela Nestlé e posteriormente pela venda do livro *Ludicidade*.

Nessa reunião, elegeu-se um grupo de apoio¹³, que seria responsável por organizar as idéias trazidas por todos, pensar possibilidades de viabilização dos planos e realizar a pauta dos encontros.

Na reunião subsequente, o grupo de apoio apresentava a pauta e, sob a forma de proposta, a organização dos assuntos que haviam sido discutidos na reunião anterior.

Em seguida, as propostas apresentadas eram discutidas, analisando-se a existência ou não de orçamento, como fariam, quem colaboraria, entre outros elementos, para que, após esse processo, as propostas fossem votadas e as vencedoras efetivadas.

Para a operacionalização das propostas eleitas, os jovens candidatavam-se para assumir determinadas responsabilidades e eram eleitos por todos. Os eleitos comprometiam-se com o grupo a cumprir as tarefas determinadas para que a proposta se tornasse efetiva.

O objetivo da organização do fórum prever uma pauta, um livro ata e uma lista de presenças nunca foi o de burocratizá-lo. Muitos espaços públicos como o do Conselho Municipal da Juventude ou do Movimento Nacional de Adolescentes do Brasil, dentre outros, possuem uma organização própria e, muitos jovens – marcados por uma tradição oral, pelo desconhecimento em falar em um microfone ou encaminhar perguntas por escrito ou de organizar um livro ata – teriam dificuldades de participar, pois se assustariam com essas práticas. A intenção era, portanto, a de ampliar o rol de conhecimentos, tornando-os uma prática concreta e rotineira.

A perspectiva do Fórum era a de que os jovens iriam, inicialmente, organizar suas vontades, elaborar propostas a partir dessa organização e, finalmente, após um trabalho sobre as propostas, aprender a fazer projetos para os jovens e/ou comunidade.

¹³ No segundo semestre de 2002, não houve mais reuniões do grupo de apoio. Decidiu-se que a cada atividade apresentada pelos jovens no Fórum, seriam escolhidos os responsáveis.

Foi estabelecido como critério para freqüentar o Fórum de Adolescentes, que o jovem estivesse matriculado na escola a partir da Quinta Série do Ensino Fundamental. No entanto, existe um adolescente de 16 anos, que parou de estudar na Terceira Série do Ensino Fundamental, mas pediu para freqüentar o Fórum e o grupo permitiu.

Desde que o Fórum começou em 2001, até Dezembro de 2002, passaram por ele setenta pessoas, entre jovens, adultos e crianças. Embora um número grande de jovens tenha freqüentado o Fórum, muito deles foram esporadicamente aos encontros, pois a média de presença dos encontros foi de vinte e dois adolescentes.

3.4.1. Apresentação dos Encontros

Os cinco encontros que foram observados serão apresentados de forma resumida¹⁴. Referem-se aos Fóruns de Outubro e Novembro de 2002 e Fevereiro, Março e Abril de 2003. Após as primeiras leituras dos registros de observação, percebi alguns aspectos que se repetiam e algumas particularidades que escolhi para esta síntese.

A pontualidade do grupo sempre foi uma característica em todos os encontros. Antes de iniciar a reunião, a maioria dos jovens já estava reunida esperando a sala ser aberta. Os que ainda não estavam no local chegavam com, no máximo, dez minutos de atraso.

Outro aspecto que chamou a atenção foi a disposição do grupo. Logo após a sala ser aberta, os meninos se sentavam de um lado e as meninas do outro, nunca se misturaram. Em nenhum encontro houve interferência da coordenação para essa disposição de lugares ou para uma alteração da mesma.

Após todos estarem acomodados, os encontros tinham seu início marcado pelo questionamento por parte da coordenação, sobre a pauta do dia. As pautas eram sugeridas ou pela coordenadora ou pelos meninos. Em apenas um encontro as meninas fizeram sugestões.

¹⁴ A apresentação integral dos Registros de Observação estão em anexo.

Nas reuniões observadas, a maioria das propostas de atividades partiu da coordenação, que sugeriu curso, evento e um desafio para os meninos conquistarem o uniforme do time. Também foi proposto pela coordenação um desafio para as meninas, porém, neste caso, não havia nenhuma vontade manifesta por parte delas em conquistar algo específico como na situação dos meninos.

Os assuntos sugeridos pelos meninos, na maioria dos encontros, referiam-se a atividades que eles desenvolvem ou desejam desenvolver na comunidade como futebol, grupo de teatro ou do projeto como eventos, passeios e visitas. Um tema que apareceu nos cinco encontros foi o futebol, especificamente a reforma do campo e a conquista dos uniformes para o time.

Os temas apresentados pela coordenação do Fórum também foram relativos às atividades em que os jovens estavam envolvidos ou desejariam desenvolver, tanto na comunidade quanto fora dela. As atividades externas que eles poderiam desenvolver como passeios, eventos, cursos, entre outras, eram divulgadas e sugeridas pela coordenação.

Nesses encontros observados, todos os jovens que foram entrevistados opinaram, fizeram sugestões, questionaram e debateram sobre os assuntos apresentados, principalmente os meninos. As meninas apareceram encaminhando uma proposta de dança para seu grupo e também apresentaram demandas de outros espaços da comunidade (Sala de Estudo e Fórum de Coordenação).

Os debates que me pareceram envolver mais os jovens foram a conquista do uniforme, que esteve presente nos cinco encontros; a discussão de critérios para passeio que demonstraram uma disputa entre meninos e meninas e a apresentação dos desafios concluídos.

A conclusão dos desafios pareceu revelar-se como uma conquista coletiva, tanto dos meninos quanto das meninas, pois elas demonstravam torcer por eles durante a apresentação. Tudo foi feito em um clima de muita descontração e ao final todos comemoraram muito a conquista.

3.5. PARTICIPANTES DA PESQUISA

“Os grupos não são ‘espontâneos’, são selecionados pelo pesquisador e devem ser compostos por indivíduos que possuam características que os façam ser reconhecidos, pelo menos potencialmente, como ‘grupo’ para o problema que se deseja analisar”.

Minayo

No Fórum de Outubro de 2003, esclareci os jovens sobre minha pesquisa e seu objetivo – o sentido de participação para eles – e solicitei sua cooperação. Para esse esclarecimento e escolha dos entrevistados, pedi para que os jovens colocassem na pauta do Fórum minha pesquisa.

Após o esclarecimento, falei que gostaria de escolher alguns deles para conversar comigo após o encontro. Pedi que essa escolha fosse pautada nos seguintes critérios:

- Jovens que estivessem desde a implantação no projeto e que atualmente fossem responsáveis por algumas atividades no Fórum e na comunidade;
- Jovens que se aproximaram dos mais antigos e que se dispunham a assumir algumas responsabilidades delegadas pelo Fórum ou na comunidade;
- Jovens que freqüentavam o Fórum, mas nunca haviam assumido uma atividade do Fórum.

Perguntei a eles quem, com essas características, gostaria de conversar comigo e informei que a conversa seria gravada. Alguns lembraram que era importante não ser tímido, pois precisariam ser pessoas que falassem bastante, no que concordei. Um jovem se propôs a participar, mas lembrou que não ‘falava muito’ e, portanto, não colaboraria. Outro adolescente lembrou de alguns que não estavam no encontro e que seria interessante que participassem, mas eu esclareci que, como não estavam presentes, não poderíamos contar com eles; outros se candidataram prontamente.

Pelos critérios apresentados e pela necessidade de serem falantes, escolhemos sete jovens. Concordei, mesmo tendo definido anteriormente que seriam seis, em função do processo de escolha conjunta, que foi muito rico.

Após definirmos o grupo de entrevistados, perguntei quando poderíamos realizar a entrevista e eles se disponibilizaram para esse mesmo dia. Porém, após essa definição, uma das adolescentes foi chamada pela mãe e não pode estar na entrevista.

A partir desse processo de escolha, o grupo ficou com duas meninas e quatro meninos. Todos os escolhidos tiveram uma frequência significativa no Fórum: do total de vinte e oito encontros, realizados até o encontro posterior ao da entrevista, a maioria teve no máximo duas ausências por ano.

3.5.1. Retrato dos Adolescentes Entrevistados

A fim de apresentar os adolescentes que foram entrevistados, elaborei o retrato de cada um a partir de algumas informações contidas em um cadastro do projeto e, principalmente, das minhas observações feitas nos encontros do Fórum.

Mirela

Tem 14 anos, é a terceira filha do casal, tendo ainda duas irmãs mais novas. Desde que o trabalho começou na comunidade está estudando e nunca parou. Atualmente está na Sexta Série do Ensino Fundamental, recebe a bolsa-escola pelo projeto e também é sustentada pelo pai que é trabalhador da construção civil. Atualmente vive com a mãe.

Desde que começou a frequentar os encontros em 2002, despontou como uma referência para outros jovens. Tem muita amizade com algumas meninas que, assim como ela, também fazem parte de uma geração mais nova do projeto e do fórum. Representa um papel central neste subgrupo, tentando sempre articular suas propostas primeiro com ele para depois se colocar no grupo todo.

Além do Fórum, Mirela tem uma atuação em outras atividades que acontecem na comunidade, como a Sala de Estudo e a Brinquedoteca.

Liderou uma iniciativa de elaboração do jornal comunitário sem a presença do educador, o qual avaliou não ser um bom educador. Conseguiu organizar o grupo do

jornal e responder ao que se comprometeu e embora a qualidade em termos de conteúdo tenha diminuído, a comunidade avaliou positivamente a iniciativa.

Ubaldo

Tem 18 anos, é o segundo filho e o mais novo da família. Continuou morando com a família mesmo após ter tido sua primeira filha (1º semestre 2002). Concluiu a Terceira Série do Ensino Médio e trabalha como ajudante geral, o modo como obtém sua renda.

Do grupo de jovens, Ubaldo faz parte da geração mais antiga do projeto. Nos encontros, é extremamente colaborativo, auxilia os outros participantes e dá diversas sugestões para o grupo. Em todas as vezes que se necessitou de um representante do Fórum, o grupo sempre sugeriu o seu nome e ele sempre foi eleito.

Nas apresentações externas do grupo (em eventos), na maioria das vezes ele também representou o grupo. Por ser pai, também frequenta as reuniões do Fórum de Mães.

Patrícia

Patrícia é a mais velha de quatro irmãos, irmã de Mirela, tem 17 anos e está cursando o Terceiro Colegial. Atualmente mora com a mãe e visita o pai regularmente, pois os pais são separados.

Sempre se envolveu com as atividades da comunidade, foi educadora da brinquedoteca, participou de atividades do grupo de adolescentes, sempre de forma colaborativa e continuou no fórum com a mesma postura.

Patrícia embora quieta no grupo, sempre foi mencionada como referência para outros jovens, por ser mais 'antiga' e, normalmente, é escolhida para alguma atividade.

Quando existia o grupo de apoio do fórum, ela era uma das representantes. Geralmente é ela quem faz as anotações no livro ata e procura organizar o grupo nas comissões.

Atualmente, o fórum é o único espaço na comunidade em que ela está presente. Mesmo não participando de outras atividades na comunidade, sua representação no fórum é muito grande. Sempre que é necessário escolher um representante, ela é solicitada, mesmo quando não se candidata. Quando questionados pelos motivos da escolha, o grupo argumenta que Patrícia é mais experiente, fala bem e é atenciosa às necessidades do grupo.

Ezequiel

Tem 16 anos e é o quarto filho, de oito do casal. Está na Oitava série do Ensino Médio e raramente falta à escola. É sustentado pela bolsa-escola, pois nem o pai, nem a mãe estão trabalhando.

Ezequiel é muito participativo no grupo. Quando uma questão é levantada, ele é sempre o primeiro a se colocar e dificilmente se nega a fazer algo. Ele demonstra saber que suas colocações são pertinentes e que muitas vezes é o único a se colocar.

Ele normalmente representa o grupo em atividades internas (na comunidade) e externas (eventos). No ano passado, por exemplo, viajou a Petrópolis junto com duas educadoras com o intuito de vender o livro *Ludicidade*, cuja renda é revertida para o Fórum. Também começou um curso de vídeo com adolescentes de uma ONG (Gol de Letra) na Zona Norte de São Paulo e até o presente momento continua fazendo o curso.

Com esta nova aprendizagem, ele está registrando todas as 'novidades' e eventos importantes em vídeo. Uma das filmagens que fez foi no fórum, quando os meninos ganharam, após um ano, os uniformes para o time de futebol.

Aldo

Aldo tem 16 anos, parou de estudar na Terceira Série do Ensino Fundamental, mas esse fato não o impede de participar das atividades realizadas na comunidade. Todos os anos há um esforço por parte dos educadores para que ele

volte a estudar, porém, após alguns meses na escola, ele abandona, cada vez com uma justificativa diferente. Atualmente fez a matrícula em um curso supletivo.

É muito amigo de Ezequiel e isso faz com que, juntos, realizem diferentes atividades. É muito querido por todos e tem uma presença marcante nos grupos em que participa, em função das observações, comentários e sugestões que apresenta, sempre muito pertinentes.

No fórum de adolescentes sua presença é uma referência. Sempre se candidata para as comissões de trabalho, é solícito às necessidades do grupo, emite suas opiniões e tem uma boa argumentação, o que faz com que normalmente suas propostas sejam aceitas pelo restante do grupo.

Vagner

Vagner tem 16 anos e é o primeiro filho, de dois do casal. Quem assumiu sua educação, bem como de sua irmã, foram sua tia e sua avó. Está cursando o Primeiro Colegial.

Vagner me parece um jovem quieto, não fala muito, mas sempre está disposto a ajudar os outros nas atividades do fórum. Normalmente se candidata para ser representante do grupo em uma atividade fora da comunidade.

Sempre que o grupo do fórum é convidado para alguma atividade – uma festa, exposição, um evento – ele se candidata e, normalmente é escolhido. Uma atividade que vem ajudando a superar sua timidez é o grupo de teatro organizado na sala de estudo da comunidade.

Embora quieto, tem facilidade em fazer amizades e criar vínculo com outros jovens fora da comunidade, o que o diferencia dos demais, pois a maioria se comporta de forma extremamente tímida frente a outros jovens. Foi assim no Encontro Nacional de Adolescentes do Brasil (ENA), em que fez amizade e trocou experiência com jovens de outros lugares, inclusive de outros estados brasileiros. Também em um intercâmbio recente entre jovens de seis ONGs de São Paulo, foi um dos poucos que rompeu com a timidez e buscou conhecer outras pessoas.

IV – APRESENTAÇÃO DOS DADOS PARA ANÁLISE

As falas apresentadas são transcrições fidedignas da entrevista. Utilizei cores para cada um dos jovens entrevistados para tentar demonstrar o dinamismo de nossa conversa. Muitas vezes eles complementavam, outras se interrompiam e outras, as mais difíceis, falavam ao mesmo tempo. Usei as seguintes notações:

Os participantes:

- Mirela
- Patrícia
- Ezequiel
- Vagner
- Aldo
- Ubaldo
- Pesquisadora
- **OS ENTREVISTADOS FALANDO AO MESMO TEMPO**

Segmentos interrompidos – (...) na cor da última pessoa que estava falando.

Após a apresentação da Entrevista Reflexiva, trago o Registro de Observação do encontro do Fórum subsequente a entrevista, que também foi analisado.

1. ENTREVISTA REFLEXIVA¹⁵

Encontro dia 04/10/2003 das 11h às 13h

A Entrevista foi realizada depois do encontro do Fórum de novembro de 2003. Após decidirmos quem participaria da entrevista, fomos para a Sala de Estudo onde seria mais tranqüila nossa conversa. A sala estava insuportavelmente quente, abri as janelas e arrumei a mesa sob o ventilador para dissipar o calor e dispus os bancos para que todos pudessem ficar próximos, levei lanche e refrigerante para tornar o 'clima' mais descontraído.

Após todos sentarem, falei novamente do objetivo do meu trabalho e agradei a colaboração do grupo. Pedi para que se apresentassem para que eu reconhecesse a voz deles na gravação, facilitando o processo de transcrição. Todos começaram a comer, enquanto cada um se apresentou, falando nome e idade.

¹⁵ A transcrição literal da entrevista está em anexo.

Em seguida perguntei aos jovens o que lembravam da primeira reunião. Em um primeiro momento os jovens demonstraram não recordar. Depois foram lembrando de algumas coisas que aconteceram e o que tinha sido apresentado nesse encontro.

“Que dia a gente ia se reunir, uma vez por mês, e que a gente tinha uma verba de oitocentos reais, que você trabalhava com nós aí teve que ir para outra comunidade Infelizmente. E essa verba a gente tinha que discutir pra ver o que a gente ia fazer com essa verba”.

Falaram que a verba destinada ao grupo poderia ser utilizada se entregassem propostas e depois projetos. Tiveram dificuldade em explicar-me o que seria uma proposta e um projeto e disseram que isso tinha gerado muita confusão no Fórum. Pedi que me dessem exemplos de projetos apresentados nos encontros e eles relataram sobre o passeio para praia, futebol, curso de dança e bijuteria.

Quis saber que projetos fizeram para apresentar ao Fórum. Nos exemplos dados, relataram que faziam o orçamento, verificavam os horários e, para o passeio para a praia, a divisão de tarefas. Depois desses levantamentos, apresentavam os mesmos no Fórum para que este aprovasse ou não. Segundo relataram, o Fórum é o lugar em que as decisões são tomadas.

“Aí a gente apresentava no fórum de adolescentes, a gente levava no fórum de adolescente levava o orçamento já feito né? É, o fórum aprovava, desaprovava, opinava. Tudo tem que ter a aprovação do fórum. A gente levantava, não levantava as idéias, a gente corria atrás do que fosse necessário, mas a gente não definia nada, quem definia era o fórum em geral”.

O relato sobre o que era o Fórum, o que os jovens faziam nele, o que apresentavam nos encontros e as explicações tomaram o primeiro momento da entrevista. Os jovens demonstraram nesse período descontração e animação ao me contarem essas experiências, davam risadas ao lembrarem de alguns fatos, complementavam as falas uns dos outros.

Procurei saber o que havia mudado desde a primeira reunião até aquele momento em que estávamos conversando. Disseram que as reuniões do Fórum eram antes em uma escola pública próxima e que, atualmente, elas aconteciam na Sala de Estudo da comunidade.

Com relação aos projetos por eles apresentados, relataram que os únicos que tinham permanecido eram o do futebol e o do passeio para a praia. Sobre a bijuteria e a dança disseram que não houve mais interesse por parte das meninas e, por isso, não aconteciam mais. Em relação à dança falaram também *“Era só pressão no começo. Todo mundo queria fazer... Por causa da dor de cotovelo que os meninos queriam o uniforme”*.

Ainda sobre as mudanças, os jovens relataram que os encontros do Fórum, atualmente, não eram como no seu início.

“O fórum foi decaindo as idéias. Foi decaindo as idéias? É, o pessoal foi parando de ter idéia. Não sei, porque quando era idéia, proposta até que saia bastante. Aí quando veio essa idéia de projeto, que a Mariana falou que queria projeto, acho que aí o pessoal confundiu o pessoal, projeto o pessoal não conseguiu muito, entende. Aí ela falou pra voltar idéia, proposta. Mas faz um tempão que não rola umas idéias nesse fórum. O fórum acontece, a gente discute algumas coisas, mas proposta, idéia, alguma coisa desse tipo não”.

Outra mudança que lembraram foi referente à verba destinada ao grupo. Segundo disseram, essa verba havia acabado e, desde o início de 2003, eles tiveram que *‘batalhar pro fórum continuar’*.

“Pro fórum continuar tendo um caixa, pros adolescentes, nós começamos a vender o livro, da nossa comunidade, em escolas, fomos em alguns lugares vender livro, pro fórum ter um caixa, ter uma certa verba, através do livro”.

Após relatarem estas mudanças, falaram da importância do Fórum, o porquê freqüentavam e quais as diferenças que eles percebiam entre conversar na rua (porque são vizinhos e convivem cotidianamente) e no Fórum.

Continuaram relatando quais as motivações que os levavam a se reunir mesmo considerando que o Fórum ‘estava caindo das idéias’. Inclusive, quando questionados se poderiam fazer outras coisas ao invés de irem ao Fórum, pareceram-me indignados e responderam juntos um sonoro NÃO! Complementaram dizendo:

“No momento do fórum é um momento reservado. É um momento reservado? É, o fórum é um momento de surgir idéias. É um momento único”.

“A gente fica mais junto assim, porque às vezes as meninas não gostam de ficar com os meninos, lá no fórum que a gente conversa mais. É um momento de

união. É, é um momento de união. É um momento em você pode encontrar todo mundo, você conversa, você tem diálogo. É”.

“(...) é um espaço pra gente pensar em um projeto, hoje não saiu, mas quem sabe o outro pode surgir um projeto e aí, se não tiver, como a gente vai poder saber? A o Fórum é um bem que você pode conversar coisa que vai interessar pra comunidade, um assunto que você fez, uma coisa que você fez, não uma conversa, conversa particular de amigo no meio da rua”.

Com relação às conversas na rua, relataram que quando se encontram na rua, não existe interesse em ouvir as histórias uns dos outros. Também aparece nos relatos a existência de assuntos de meninas e assuntos de meninos e que, na rua os assuntos são particulares. Ouvindo-os, pareceu-me que no Fórum os assuntos debatidos são de interesses gerais.

“Ah, eu comento bastante com o Aldo na rua, quando eu saio assim vou numa festa eu comento com o Aldo. Mas você comenta entre amigo. É entre amigo. Você comenta com ele, você conversa com ele, você vai vir pra mim e falar ‘olha meu eu fui lá na Gol de Letra nossa, foi maravilhoso. Eu lá vou querer saber da sua saída? (RISADAS) E no fórum não, no fórum eu vou estar interessada no que você está falando. É. É e no fórum também. Aparece o interesse. No fórum também, tipo, quando tem um lugar pra gente ir, não vai todos os adolescentes, vai alguns, aí quando chega no fórum a gente tem que explicar o que aconteceu, pra eles ficar a par das idéias.”

“É que ele está falando pra Patrícia, não pra todo mundo. No fórum não. Uma vez por mês você já está ciente, a gente vai ouvir aquela pessoa, que ela tem o que falar pra nós todos. Sei lá, na rua é diferente”.

“No fórum é mais importante do que ficar sabendo do que as meninas acham bonito, se acham o cara bonito, não é importante, é uma coisa pessoal. No fórum tem que ser útil pra todo mundo”.

Após esta discussão, pareceu-me que o que marcava mesmo a diferença era, além das apresentadas, o interesse dos jovens que freqüentam o Fórum.

Sobre esta diferença, relataram que existiam jovens que freqüentavam o Fórum por estarem interessados nos assuntos que seriam debatidos e outros que só iam, porque queriam marcar presença e ir ao passeio de final do ano. A respeito deste critério para ir passear, relataram que foram eles que haviam estabelecido a presença como critério para o passeio e, só naquele momento da entrevista, estavam pensando sobre o assunto. Também falaram que existiam jovens que, ao vê-los reunidos, sentiam vontade de participar do Fórum.

“Mas tem gente ali que vai interessada, tipo assim, por que sempre no final do ano tem o passeio, tem gente que está mais interessada no passeio. É se eu faltar eu não vou no passeio”.

“Nós mesmos adolescentes. Nós mesmos colocamos essa regra. Só que agora que a gente tá pensando isso né? Que muita gente vai pro fórum por causa do passeio. Mas é a pura verdade. Vocês não pensaram nisso? Estamos pensando agora (RISADAS) e também tem muita gente que vai, que vê a gente reunido e vai lá pra participar, tá ‘todo mundo lá e eu tô aqui fora, deixa eu ir lá também’”

Um dos jovens relata que as pessoas sentiam essa vontade, pois a rua estava diferente do tempo em que eram crianças; que antes brincavam mais. Todos concordaram.

“A rua tá morta meu! A rua mudou pra porra! Tá morta como? Sei lá, você vai pra rua e não vê ninguém. Não tem nada pra fazer. Fica dentro de casa (...) no meu tempo viche! É no meu tempo não tinha isso não (RISADAS). É que a maioria agora casou, tem filho. É né, agora sei lá, adolescência foi”.

Com relação às brincadeiras, no entanto, um jovem discordou e disse que, além do futebol, ainda brincavam de baralho, dominó, e, de vez em quando, bolinha de gude. Nesse momento da entrevista, voltaram a falar sobre como o Fórum era e sobre os assuntos discutidos nele. Disseram que os assuntos do Fórum eram sérios e que nem sempre foi assim. Concluíram, relatando a experiência do Grupo de Apoio que, em suas opiniões, fazia com que o Fórum tivesse mais ‘troca de idéias’.

Quatro dos entrevistados participaram do Grupo de Apoio e explicaram o que ele era, o que fazia e justificaram o declínio do Fórum em função deste grupo ter acabado. Falaram que sentiam falta do grupo.

“E tinha também o grupo da Vitória. Antes da reunião do fórum acontecer tinha o grupo da Vitória. É, que era pra coordenar o fórum”.

“A gente fazia a pauta, levava bastante idéia, proposta, que isso era bem no começo, quando a gente que falava (...) Sabe, o fórum sente falta, eu acho que sente bastante falta da coordenação, do fórum, do pessoal da coordenação, de quando tinha o grupo de coordenação”.

“(...) ali é o momento de todo mundo falar, aí não tem ninguém, o pessoal não falava, o pessoal só aprovava a gente, não abria a boca pra falar isso aquilo, o pessoal só falava sim, não, vamos votar, mas quem levava mesmo as idéias era esse grupo e quando esse grupo quebrou acabou o fórum também”

“Depois que acabou esse grupo é que o fórum tá meio parado. Porque querendo ou não era esse grupo que levava as idéias, as propostas, era ele. É”.

Como justificativa para esse grupo acabar, falaram da saída da educadora responsável e, questionando o motivo de não terem expressado a vontade de que ele voltasse, disseram que, assim como os critérios para o passeio, também não tinham pensado sobre isso. Que apenas no momento da entrevista percebiam que sentiam falta do grupo de apoio.

Outro aspecto que levantaram foi à necessidade de um adulto responsável pela organização deste grupo. Segundo eles, poderia ser alguém da própria comunidade, mas alguém que os adolescentes respeitassem. Citam o exemplo de uma mãe.

“Eu acho que ninguém respeita, tem que ter um responsável. Tem que ter um mais velho. Alguém que fala mais alto, alguém que fala, ‘para’, ‘não fala isso’. Não que a gente não respeite um ao outro, mas alguém que a gente respeitasse mais, tipo. Porque da mesma idade é difícil”.

Após essa discussão, voltaram a falar dos diferentes modos que os jovens do Fórum tinham de participar. Uns eram tímidos, mas prestavam atenção; outros não, só iam para marcar presença. Citaram alguns exemplos.

A respeito da timidez, um jovem fala da diferença de comportamento em grupos grandes ou pequenos. *“Tem pessoas que é tímida num meio de vinte adolescentes, mas se solta em cinco”.*

Depois deste momento, fiz uma síntese do que disseram até o momento e perguntei o que era participação. Segundo relataram, a participação para eles envolvia o falar, o ouvir, dar opinião no Fórum e todos que estavam na entrevista participavam.

“O que é pra vocês a participação? Ir lá e não ficar sentado calado, ir lá e participar, dar opinião, falar... “Falar isso, aquilo, isso tá errado explicar, pode fazer isso, não pode fazer aquilo” Participar é você interagir com o grupo, falar, escutar o que o pessoal tá falando pra você e você também escutar”.

*“Dar idéia. Dizer o que acha. Falar o que pensa. Falar o que pensa no grupo. Vocês participam do Fórum pelo que vocês estão falando? Eu acho que eu participo. **EU PARTICIPO!**”.*

Com relação aos tímidos, em suas opiniões, eles participavam porque prestavam atenção, falavam suas idéias para pessoas que poderiam dizê-las ao grupo.

“Eu acho que ele participa com a pessoa do lado. Eu acho que ele participa porque ele presta atenção. Ele participa porque ele fala pra pessoa do lado e aí a pessoa vai lá e fala. É, a pessoa que tá do lado fala, porque normalmente quem senta do lado dele num tem tanta vergonha. Ele dá a opinião dele. Ele fala o que tá pensando”.

Pareceu-me que todos entram em acordo com relação a quem não dizia sua opinião no grupo, mas após o término do encontro, falava o que pensavam. Todos falaram que este modo de agir não era participar.

“Tem gente que não fala no Fórum, mas fala depois ‘ah eu não achei isso certo’. No Fórum tem a possibilidade de falar e não fala. Pelo menos falando assim, porque não é todo mundo que concorda com as idéias, pelo menos fala, tá colocando suas idéias. Claro, tem que falar. Eu vou guardar pra mim que eu não concordo, depois que acabar o fórum eu vou lá e falo ‘Ubaldo eu não concordei’, mas eu tinha que falar no fórum que eu não concordei”.

Outro aspecto que apareceu, relacionado à participação, e que também se relaciona com os modos de agir das pessoas, diz respeito ao que os jovens denominaram de ‘embalo’.

Segundo suas opiniões, existiam muitas pessoas no Fórum que não pensavam sobre o que estava sendo dito, que seguiam a opinião de quem, conforme denominação deles, eram os ‘linha de frente’. Sobre estes, relataram que eram jovens que ao votarem ou emitirem uma opinião, influenciavam a opinião dos outros.

“A Mirela é uma linha de frente, ela levanta a mão e muitas meninas vai na dela (...) Se ela concordar eu vou concordar também. O que é bom pra ela é bom pra mim. O que ela decidir é bom pra mim. Tem muitas linhas de frente”.

Essa postura, segundo eles, não acontecia apenas no Fórum, muitas pessoas votavam (na cidade) por ‘seguir o discurso’, não porque pensavam no que era dito.

“(...) tem muita gente que vai pelo discurso. Vota por votar, tipo foda-se, não vai mudar mesmo, independente de escolher esse ou aquele (...)”.

No entanto, eles fizeram, no decorrer da entrevista, uma diferenciação: quem tinha essa postura no Fórum, não estava participando e, nas eleições na Cidade, estava, mas que essa participação não era ‘original’ ou ‘verdadeira’.

“Pensando nessas pessoas que estão votando só por votar, ou vota pra conseguir uma coisa só pra si, também é um jeito de participar? É! É né. Participar participa, mas não é uma participação original. É tipo não é uma participação verdadeira”.

Procurei compreender o que estavam falando sobre a participação verdadeira ou original e este movimento provocou um impacto no grupo. Todos ficaram quietos com a pergunta, se entreolhavam, pareceram-me perplexos diante da questão.

“O que seria essa participação e eu queria ouvir todos vocês. Hi, agora você pegou! Aí eu peguei? (SILÊNCIO). O que é essa verdadeira participação, essa participação original? (SILÊNCIO)”.

Após uns momentos de silêncio, um jovem começou repetir a pergunta em voz alta, parecendo-me pensar sobre a questão. Depois de uns instantes, falou que existiam diferentes modos de participar; não havia uma única maneira e citou alguns exemplos. Enquanto isso, o restante do grupo permanecia calado.

“Tipo, não tem um modo de participação, acho que não tem, participação é de várias maneiras, tipo dependendo do que você tá participando você, tipo política é um modo de participar, na minha comunidade é de outro jeito, fora daqui é de outro jeito, acho que não existe um foco ‘ah eu tô fazendo isso eu tô participando’ tipo, isso é participação, acho que não tem isso”.

Ao final da fala deste jovem, os outros deram alguns exemplos de jeitos de participar. Citaram a colaboração deles com o meu trabalho e o jogo de futebol no campinho da comunidade.

No decorrer da entrevista, relataram experiências de participação que não acontecia na comunidade. Em todos os relatos de participação externa, esta me pareceu como sendo, para eles, uma possibilidade de estar em uma atividade e avaliá-la, emitindo uma opinião ou uma sugestão. Com exceção de um jovem, para o qual a apresentação em outros lugares do trabalho desenvolvido na comunidade era um modo de participar.

“Eu participei de uma aula sobre o corpo, de dança, do Ballet Stagiun. E lá você dava sua opinião, você falava... todo final da aula tinha que dar opinião, o que você gostou, o que não gostou, o que você achou. Isso acontece na oficina de vídeo que eu faço lá na Gol de Letra, chega no final da aula você fica no meio da roda, no meio do grupo, você senta lá e o pessoal começa a fazer um monte de pergunta, em relação o que você achou, o que gostou, o que não gostou, porque gostou, porque não gostou, fazem maior interrogatório, mas não é aquele interrogatório tipo pra pressionar, tipo é pra melhorar, é tipo crítica construtiva”.

“Participei da Gol de Letra, lá eu fiz a oficina de vídeo, mas eu tive uns problemas e parei, lá eu dava minha opinião sobre o que a gente ia fazer, porque tinha que fazer o roteiro, aí eu dava minha opinião sobre o que eu achava que ia dar certo, o que ia ficar legal”

“Eu participei do ENA¹⁶. O que você fez no ENA? Lá é como se fosse um congresso, congresso não, como se fosse um fórum de adolescentes, mas com adolescentes de toda cidade de São Paulo e fora de São Paulo, aí teve várias oficinas, eu participei de algumas e eu tinha que dar minha opinião sobre as oficinas, e tudo era anotado, gravado em fita e tal”.

“Eu participei do negócio da Lia com a AiBi, foi eu o Ezequiel e o Aldo. Que negócio foi esse? A gente foi conhecer a Praça da Sé, a Lia sempre levava para conhecer lugar novo, assim”.

“A gente vai em faculdades, em colégio, como o Santa Maria lá em Interlagos, a gente foi falar pra outros adolescentes o que a gente pensa na periferia, que a nossa comunidade é de periferia”.

Outros dois aspectos foram relatados no que diz respeito à participação: um se refere aos resultados e outro às mudanças que podem ocorrer.

Com relação aos resultados, segundo relataram, elas poderiam ser individuais, coletivos ou também não ocorrerem. Sobre esta última possibilidade, eles disseram que existiam formas de participar em que a pessoa não quer nada, participava por participar, e citaram como exemplo a entrevista que estavam realizando e o jogo de futebol.

Sobre os resultados individuais, surgiram dois exemplos. Um, em que citam uma mãe da comunidade, que votou nas eleições municipais num candidato só para obter benefícios próprios e outro, em que uma das entrevistadas lembrou das leituras que fazia com a educadora da Sala de Estudo e que, em sua opinião, a estava ajudando muito. Resultados coletivos citam o Fórum.

“(...) quando a gente participa do Fórum, mas não é só pra gente, a gente ganha coisa pra comunidade, não só pra um, mas pra todo mundo”.

As mudanças apareceram como sendo àquelas provocadas por um pensar coletivo - em todo mundo e não apenas em benefício próprio.

“É tipo quando você não pensa só ‘pra mim, pra minha família’ mas pensa que vai tá ajudando uma galera”.

¹⁶ Encontro Nacional de Adolescentes

Citam como exemplos os programas governamentais Bom Prato e Fome Zero e, como exemplos comunitários, a venda do livro e a reforma no campo de futebol.

“Quando a gente foi vender o livro, tipo assim, a gente foi uma vez vender pra gente que tava fazendo tipo, um curso, tipo, de como cuidar de criança, ajudou a gente e a gente ajudou eles. Lendo livro eles iam ter uma idéia de como cuidar de criança. De como começar uma comunidade. É eles ajudaram comprando livro e nós ajudamos eles com o livro. Tem o campinho também, com aquele fedor, ajudou o time de futebol, mas ajudou todo mundo que sentia o cheiro”.

A entrevista transcorreu de forma tranqüila, descontraída, com momentos de muita animação e outros de silêncio. Muitos temas iam e vinham de forma dinâmica, afinal, eram seis jovens falando, muitas vezes ao mesmo tempo. Procurei trazer para esta síntese alguns trechos em que ficaram mais explícitas as opiniões, idéias, pensamentos destes jovens sobre participação e o que a envolve. Não poderia, no entanto, fechar os olhos e deixar de trazer duas temáticas que *incendiaram* nosso encontro.

A primeira diz respeito à questão de gênero. No decorrer da entrevista os jovens falaram constantemente de uma disputa entre meninas e meninos. Logo no início, relataram que as meninas queriam fazer dança apenas porque os meninos pediam ao Fórum os uniformes do time. Depois, ao falarem da diferença entre os assuntos debatidos nos encontros e os que conversavam na rua, voltaram a uma diferenciação – tem assunto de menina e de menino. E, ao final da entrevista, a primeira sugestão que surge para o Fórum melhorar, é acabar com a briga entre meninas e meninos.

“Aí deu a maior briga que as meninas queriam aula de dança porque os meninos queriam o uniforme...”

“Em Primeiro lugar eu acho que tem um problema de mili, mili ano que aí o que acontece, tipo os moleques e as meninas se entenderem melhor, porque tipo o moleque defende o que ele quer a menina o que ela quer. O que vocês acham que acontece? Isso acontece a muitos anos mesmo, desde quando começou o fórum, menina defende o que ela quer e nós defende o que a gente quer, se as meninas faz alguma a gente faz alguma outra coisa também porque tipo ‘só elas vão sair ganhando’”.

Quando discutiram sobre essa disputa, relataram que atualmente já não existia tanta briga; levantaram algumas hipóteses, mas no decorrer do discurso, mostraram-se descrentes na existência de uma possibilidade de acabar com ela.

“Eu acho que isso não tem jeito. É, eu acho que ia melhorar muito se interagisse melhor, mas isso vem desde quando começou. Num tem jeito. É, sempre rivalidade”.

Mesmo parecendo não acreditar em mudanças, o grupo fez algumas sugestões para que a disputa não ocorresse.

“Fazer uma coisa que agrada os meninos e as meninas. Eu acho que não, acho que os meninos e as meninas devem se interagir melhor. É porque normalmente as meninas levam coisas que agradam elas e os moleques que agradam eles”.

A segunda temática que pareceu animar os jovens diz respeito a propostas de mudanças no Fórum. Pareceu-me que a entrevista promoveu várias reflexões que os jovens antes não tinham feito e que estas solicitaram uma ação quase que imediata por parte dos jovens.

Quando os jovens me pareceram cansados procurei encerrar a entrevista, porém, em um rompante, um jovem falou que o Fórum precisava mudar. Eu pedi para que fizessem as sugestões, que conversássemos a este respeito. Todos pareceram acordar e começaram a falar freneticamente. A primeira proposta foi a volta do grupo de apoio, por eles denominado grupo de coordenação.

“Eu acho que o que tinha que voltar mesmo pra isso acabar com isso que tá acontecendo era o fórum de coordenação de adolescente. Que ajudava bastante (...) Não tem nada, vamos fazer uma brincadeira, vamos inventar alguma coisa. Vamos pintar os postes da rua. Vamos dar uma cara nova pra rua, vamos se reunir pra organizar essas coisas.(...) No próximo fórum levar a proposta de voltar o grupo de coordenação. Essa reunião tinha que ter acontecido sábado passado, tinha que ter sido antes do fórum (...) A gente agora tem um objetivo. Vocês têm um objetivo? Tem, de voltar... A coordenação fazer voltar o fórum ser um fórum (...) Porque se não tem uma proposta, a proposta é fazer uma brincadeira, todo mundo brincar. Isso! A gente faz uma ciranda, é legal todo mundo canta. E só assina o livro depois que participar da brincadeira”.

Segundo eles, iniciar os encontros com uma brincadeira poderia ajudar os tímidos, porque ela ‘quebra o gelo’.

“Você fala pro grupo todo, se o seu colega quer falar alguma coisa, você vai e fala pra todo mundo, ‘foi ele que disse’. E tem a brincadeira que já vai quebrar o gelo. É já era, vai quebrar o gelo”.

Na opinião deles, o Grupo de Coordenação faria um rodízio para que um maior número de jovens pudesse participar. Este grupo ficaria encarregado de observar quem estava participando ou não e, caso percebessem alguém pouco participativo, convidariam e incentivariam o mesmo a participar. Estariam participando aqueles que propusessem uma brincadeira, emitissem opiniões e sugestões no Fórum. Encaminhariam também a proposta de ser a participação o novo critério para o passeio no final do ano.

“Não tem o fórum de coordenação, o fórum vai estar observando quem está participando. E todo mês muda o fórum de coordenação (...) É, se você acha que você tá participando, não demais, mas que você tá legal na participação, e tem um que não tá, fala ‘o, vai lá no meu lugar lá, vai lá levar suas idéias, eu tô meio sem idéia, preciso ficar um pouco parado pra voltar as minhas idéias, vai lá.(...) Tipo nessa reunião veio tal e tal, na próxima vai vocês três e marca aí vai todo mundo. Vai ficar um fórum mais participativo. E todo mundo vai participar do fórum”.

Saímos da reunião com várias propostas que seriam feitas por eles na próxima reunião do Fórum. Esperei ansiosamente este encontro...

2. FÓRUM APÓS A ENTREVISTA

O processo de transcrição foi demorado. Seis jovens falando ao mesmo tempo, estava difícil compreender. Quando estava terminando esse processo e, eu, organizando a devolutiva, foi marcada a data do Fórum. Estava aguardando ansiosamente este encontro, pois desejava observar o encaminhamento das propostas que os jovens haviam feito na entrevista.

Fui ao encontro sem a devolutiva pronta, mas não esqueci meu caderno. Ainda bem! O grupo de jovens entrevistados fez a síntese de sua compreensão de participação na primeira entrevista.

Decidimos, minha orientadora e eu, que este fórum teve um caráter de devolutiva da Entrevista Reflexiva. Foi compreendido como tal, pois os adolescentes entrevistados levaram para o encontro o que haviam conversado comigo sobre

participação e, principalmente, demonstraram através de suas proposições, sugestões, observações e atitudes o que 'tinha ficado' para eles de nossa entrevista. Após as primeiras leituras do registro de observação, foi possível identificar esses aspectos que foram relatados na entrevista.

Trago o registro de observação na íntegra, dada a riqueza de informações que contém. Ao final do relato, recuperei alguns desdobramentos do encontro que os jovens e a coordenadora do grupo me informaram.

Encontro dia 08/11/2003 das 10h às 12h

O encontro desse dia foi realizado na frente da brinquedoteca, pois estava muito calor e havia muitos jovens presentes. Na sala de estudo o calor seria insuportável, bem como não caberiam todos de forma minimamente confortável.

Às 10h, como nos outros encontros, já estava presente a maioria dos jovens. Antes da coordenadora iniciar o fórum, alguns jovens, que fizeram a entrevista comigo, Mirela, Patrícia, Aldo e Ezequiel, sugeriram que o encontro começasse com uma brincadeira: “a gente se reuniu com a tia Adriana e a gente acha que vai ser mais legal se antes de começar o fórum fazer uma brincadeira pra desinibir o grupo”. A coordenadora concordou com a sugestão e perguntou se haviam pensado em uma brincadeira. Responderam que não e perguntaram se ela conhecia alguma para ensiná-los.

A coordenadora aceitou a sugestão e propôs uma brincadeira – Jererecajjocanipocanina – que todos fizeram de forma bem animada (deram muita risada, cantaram) não teve ninguém que não quis participar.

Após todos terem brincado demonstrando muito entusiasmo, Mirela e Patrícia falaram que nos próximos fóruns os outros poderiam trazer uma brincadeira diferente, o que todos concordaram. Depois todos sentaram e a coordenadora falou que não tinha estado no fórum anterior, aquele que Patrícia havia coordenado, anotando tudo no livro ata. E perguntou se ela assumiria esse papel novamente. Patrícia deu uma risada e falou que poderia fazer as anotações. A coordenadora passou o livro ata para a Patrícia e perguntou sobre a pauta do dia. O grupo ficou em silêncio se entreolhando e a coordenadora falou “se não há nenhum assunto que

vocês queiram discutir, então eu tenho um assunto para a pauta, precisamos falar sobre o passeio de final do ano”. O grupo reagiu dando risadas, comentando entre si sobre o passeio.

Nesse momento, o grupo que participou da entrevista se entreolhou e Ezequiel falou que gostaria de colocar um outro assunto na pauta: “eu, a Patrícia, o Aldo, a Mirela, o Ubaldo e o Vagner fizemos uma reunião com a tia Adriana e a gente pensou bastante e queria discutir aqui a volta da reunião de coordenação”.

A coordenadora pediu que explicassem melhor e Ezequiel continuou falando com todo grupo, demonstrando muita atenção. Disse que na reunião que tiveram comigo chegaram à conclusão de que o fórum estava muito sem idéias, sem propostas e que estava muito sem graça. E, em suas opiniões, se voltasse o grupo de coordenação, isso mudaria. Falou também que tinham pensado que o grupo que tinha se reunido comigo era o ‘grupo de coordenação inicial’. Mas depois, discutiram que não podiam decidir isso, pois o fórum não os tinha escolhido. E que primeiro tinham que ter uma discussão para avaliar se era importante esse grupo voltar ou não a existir. E que, somente depois o grupo teria que escolher quem seriam os representantes.

O grupo aprovou a idéia somente gesticulando com a cabeça e sorrindo, mas o Ezequiel falou que todos deveriam manifestar a própria opinião. A coordenadora concordou e pediu para que cada um falasse sobre a proposta que o Ezequiel estava trazendo. Foi feita uma “rodada” para que todos falassem. Todos falaram, mas apenas disseram: ‘eu acho que deve voltar o grupo’. Não houve argumentação.

Nesse momento, a Patrícia falou que era importante que todos dessem sua opinião ‘de verdade’; que outra coisa que eles tinham discutido na entrevista tinha sido sobre o critério para o passeio. Afirmou que muitos estavam no fórum só por causa do passeio e que isso deveria mudar, pois o critério deveria ser a participação de todos.

A coordenadora falou que havia dois assuntos para serem discutidos nesse encontro, o primeiro sobre a volta do grupo de coordenação e outro sobre a participação no fórum. Sobre esse último assunto, ela criou uma grande inquietação

no grupo quando disse que em sua opinião nenhum jovem havia participado do fórum e que, portanto, o passeio não deveria acontecer. Os jovens mexeram-se nos bancos, riram, e alguns que começaram a freqüentar o fórum recentemente, ficaram com uma fisionomia de espanto com o burburinho.

Ezequiel falou que não concordava com o que a coordenadora estava falando, pois na reunião que teve comigo tinha chegado à conclusão de que existem muitos jeitos de participar; que na sua opinião ele havia participado - 'eu vim em todos os fóruns, só não tive idéia nem proposta' - e que esse poderia não ser o 'jeito' que a coordenadora pensava de participação.

A coordenadora deu risada e demonstrou estar animada com a discussão que estava acontecendo. Explicou que o fórum era um espaço de trabalho e que eles não estavam trabalhando, por isso achava que não havia participação.

O grupo demonstrou não ter entendido o que ela falou e ela voltou a explicar: 'o fórum é um lugar em que vocês podem falar do que vocês têm vontade de fazer; de fazer as idéias amadurecerem e de realizar coisas para vocês. Às vezes o que um quer, outros também querem, e aí é possível fazer para o grupo. Agora, é preciso correr atrás, não ficar parado, encarar como trabalho'.

Ela lembrou de uma ocasião em que o Teatro Escola Brincante havia dado dez vagas para jovens que tivessem interesse em fazer percussão e danças brasileiras. Naquela época, colocou isso para o grupo e vários deram o nome demonstrando interesse, porém no dia em que eles deveriam conhecer o espaço, nenhum jovem foi e eles perderam as vagas. Para a coordenadora, isso não estava certo, pois não 'correram atrás' de uma coisa sobre a qual eles mesmos tinham manifestado interesse e que com essa postura estavam fechando oportunidades, 'queimando o filme' com outras pessoas.

O grupo concordou com a cabeça e o Ezequiel falou que isso poderia mudar com o grupo de coordenação, que este poderia organizar mais as idéias. Ela falou que isso poderia acontecer, mas que eles 'deveriam se mexer', 'correr atrás' das vontades deles, colocando as idéias no fórum, discutindo o que precisaria ser feito e fazer 'de verdade'.

Voltaram para a discussão sobre o grupo de coordenação, se teria ou não. Todos falaram que sim, então a coordenadora propôs uma eleição. O Ezequiel falou que todos deveriam dar sua opinião sobre os candidatos e não apenas votar. A coordenadora concordou e propôs que cada um escolhesse um representante e falasse de uma qualidade importante que ele teria para fazer parte do grupo de coordenação e os mais votados seriam os eleitos.

Antes de iniciar a votação decidiram que o grupo de coordenação teria seis integrantes. Os candidatos foram Patrícia, Maria, Lidiane, Ane, Mirela, Amanda, Ezequiel, Aldo, Vagner e o Nenê.

Novamente o Ezequiel colocou que, na reunião comigo, tinham levantado que outro problema do fórum era a rivalidade entre meninos e meninas. Para isso acabar, o grupo de coordenação poderia ser composto meio a meio. Todos concordaram e, como só havia três candidatos masculinos, todos foram eleitos por aclamação, porém antes cada um falou sobre o porquê estava se candidatando e o que pensava sobre o grupo de coordenação. O Nenê, por ser mais novo e freqüentar o fórum de crianças, não foi eleito como representante, mas o grupo colocou-o como ajudante.

Na medida em que as pessoas foram falando sobre as qualidades de seus representantes e votando, todos aplaudiam e vibravam muito.

Daqueles que não estavam sendo escolhidos, quem teve uma reação muito expressiva foi a Amanda; ela começou a pedir votos para ela, chamava as amigas e amigos e pedia para ser escolhida. Não sendo ouvida, começou a fazer chantagens como 'se você não votar em mim não te atendo na loja', 'não falo mais com você depois', tudo isso envolvido com muita risada da parte dela e dos outros que ouviam. Ela começou a demonstrar irritação quando os outros, embora rissem, não 'entraram na dela' e continuaram com suas opiniões. Ela levantava e sentava do banco, começou a andar até outros jovens, mas estes não 'deram bola' para suas provocações. Após algum tempo, ela sentou e disse 'desisto' e esperou o fim da votação.

Outro fato que provocou inquietações no grupo foi a votação na Mirela. A maioria dos jovens não a estavam escolhendo. Os meninos que participaram da entrevista comigo, principalmente o Aldo e o Ezequiel, demonstraram descontentamento: ‘assim não dá’ ; ‘não acredito que não estão votando na Mirela’ ; ‘como esse pessoal é burro’. Também levantavam e sentavam do banco de forma agitada e demonstraram indignação quando a Ane foi eleita ao invés da Mirela: ‘não pode ser que o pessoal tá votando na Ane só porque ela é da brinquedoteca, aqui não tem nada a ver com a brinquedoteca, o fórum é diferente e a Mirela é muito melhor, ela discuti com a gente’. Não houve jeito, não foram ouvidos e a Mirela não foi escolhida pelo grupo.

Durante toda votação, o Renildo (presidente da Associação) e o Márcio estavam assistindo. O Márcio é pai do Felipe e da Maria (uma das candidatas) e quando o Felipe não votou na irmã, o pai começou a gritar seu ‘paga pau tem que votar na família, você tem que votar na sua irmã vai moleque’. O Felipe ouviu seu pai, mas não mudou seu voto e manteve sua opinião: ‘voto na Patrícia porque ela é mais experiente’.

O grupo de coordenação eleito foi formado por Patrícia, Ane, Lidiane, Ezequiel, Aldo, Vagner e Nenê.

Após a eleição, Aldo convidou a Mirela para participar do grupo mesmo sem ter sido eleita, ela ficaria de apoio, assim como o Nenê. Todos concordaram com essa colocação e a Mirela também, que aproveitou e falou que não tinha se importado com o fato de não ter sido eleita, que concordava com as qualidades que tinham falado dela (aqueles que a escolheram), que estava feliz com isso e que gostaria de ajudar o grupo.

Nesse momento, Patrícia falou que a reunião do grupo de coordenação estava aberta a todos que quisessem colaborar, que todos estavam convidados a participar se quisessem, que o grupo de coordenação era apenas um representante do fórum, mas que não decidia nada sozinho, que o grupo todo tinha que dar idéias, opiniões e que eles iam organizar tudo para trazer nas outras reuniões.

Encerrada a eleição, a coordenadora perguntou sobre o passeio e se o critério para a participação no mesmo seria alterado. O Ezequiel falou que todos deveriam dar sua opinião, que o certo seria mudar, mas achava que para esse passeio não dava tempo: 'esse passeio tá muito em cima, vamos mudar para o próximo'. Todos concordaram e decidiram que para esse passeio o critério seria o antigo, ou seja, a presença, e que para os demais seria a participação nas atividades, comissões e proposição de brincadeiras.

Após essa decisão, a coordenadora falou que outra questão em relação ao passeio era a participação das crianças e que pensar em uma solução seria uma primeira tarefa do grupo. A questão que se colocou foi que as crianças também estavam exigindo um passeio igual ao dos adolescentes – queriam ir para o mesmo sítio, porém não havia recursos para dois passeios distintos, a sugestão dela era que as crianças fossem junto com os adolescentes.

O grupo ficou inquieto e alguns se manifestaram contra essa idéia, o grupo de coordenação falou que iriam se reunir para pensar a respeito e que no próximo encontro do fórum trariam alguma sugestão.

A reunião terminou com a coordenadora entregando a lista de presença para o grupo de coordenação ver quais jovens iriam no passeio. Aldo veio sorrindo para mim e disse: "você viu tia Adriana, o fórum voltou, teve debate e durou até agora...". Saíram todos demonstrando muito contentamento, conversando entusiasmadamente entre si.

Após esse encontro não voltei à comunidade. Encontrei novamente com o grupo no dia 07/12/2003, em um evento promovido pelo CENPEC, que consistia em um intercâmbio entre jovens de seis ONGs paulistas. No caminho para este encontro alguns jovens contaram, após muito suspense, o que havia acontecido depois do último Fórum.

Relataram que o grupo de coordenação do Fórum havia se reunido, consultado o grupo de adolescentes e todos decidiram que não haveria passeio. O dinheiro destinado a ele seria destinado às crianças, para elas realizarem o seu

passeio e eles estavam organizando uma festa na comunidade, não só para eles, mas para jovens das outras ONGs que conheceram.

Soube pela coordenadora do grupo que a festa está marcada para o dia 01/02/2003 e que todos os jovens estão muito envolvidos com a preparação da mesma.

V – ANÁLISE DE DADOS

A análise da Entrevista Reflexiva, como proposta por Szymanski (2002) foi feita segundo uma abordagem hermenêutica, em particular em sua relação com a educação, como proposto no livro “Hermenêutica e Educação”, de Nadja Hermann. Esta escolha, como a própria autora expõe:

Se justifica em função dos fecundos resultados obtidos por esse tipo de reflexão no campo educacional, pela possibilidade tanto de autocompreensão do agir pedagógico quanto de produzir novas interpretações sobre o sentido da formação (2002: 9).

Em seu estudo, a autora recupera os diversos sentidos para a palavra hermenêutica, desde sua relação mitológica até as abordagens científicas e, principalmente filosóficas, dando destaque á hermenêutica de Martin Heidegger, que a vincula à interpretação de sentido do ser, e á de Hans-Georg Gadamer, com sua contribuição acerca das condições de possibilidades sob as quais se realiza a compreensão.

Dentre os diferentes significados que a autora traz, entendo como importante observar seu sentido etimológico.

Segundo Hermann:

A palavra deriva do verbo grego *hermeneuein*, traduzido por ‘interpretar’, e do substantivo *hermeneia*, traduzido por ‘interpretação’. As três orientações significativas do verbo *hermeneuein* são ‘dizer’, ‘traduzir’ e ‘explicar’, evidenciando a complexidade do processo interpretativo (2002: 22).

A proposta de hermenêutica apresentada pela autora é decorrente da exigência de se contrapor a uma época, que procurou conhecer seguindo apenas um modelo de explicações causais, fundamentado nas ciências naturais e que determinaram toda concepção de ciência ocidental.

Não pretendi, portanto, com este trabalho trazer á tona relações causais com relação à participação dos jovens. Por que participam? Por que deixam de participar? A intenção foi muito mais compreender o sentido que eles revelariam sobre participação no Fórum e a relação desta com suas vidas. Este sentido revelado é particular e não tem a pretensão de verdade absoluta que determinará normas de conduta no que se refere à participação juvenil, pois ela explicitará

apenas uma possibilidade segundo a ótica particular dos atores envolvidos neste processo.

Nessa perspectiva, uma abordagem hermenêutica para a análise dos dados se fez adequada, uma vez que o problema central da hermenêutica é a busca de sentido e a interpretação, diretamente associada à criação do sujeito e à produção do saber. Segundo esta abordagem, seu maior desafio é abrir novas possibilidades de reflexão.

Com relação à compreensão, esta se dá em uma trama de significados que segundo Arendt (1996), é o próprio mundo e que, portanto, já nos solicita uma pré-compreensão.

Nunca temos uma compreensão desde já fechada. Há a necessidade de se abrir à opinião do outro (expor-se), entregar-se ao texto. Para Hannah Arendt (1993), estar aberto ao outro é um ato de coragem, um ato heróico.

Segundo Hannah Arendt, a compreensão é criadora de sentido; é um processo complexo, “uma atividade sempre variada e em mudança por meio da qual nos ajustamos ao real”. (1993: VII)

Nessa perspectiva, para Hermann (2002), a experiência hermenêutica exige quebrar a resistência para abrir-se ao outro, para deixar valer a palavra do outro; ou seja, para reconhecer que o outro pode ter razão.

De acordo com a autora, nessa abertura ao outro, em uma situação dialógica, todos os envolvidos estão determinados pelo tema, e o objetivo não é enfraquecer a posição do outro, como uma mera disputa, mas penetrar no tema e mostrar sua força. O verdadeiro diálogo, portanto, não tem por objetivo derrotar uma pessoa, mas deixar o tema vir à luz.

O diálogo possibilita condições de reflexão sobre um entendimento ainda não disponível, ou seja, concede aos participantes a oportunidade de fazer uma auto-reflexão sobre seus pontos de vista.

De acordo com Hermann (2002), para a reflexão hermenêutica, todas as estruturas de sentido são concebidas como textos que podem ser interpretados,

desde a natureza, passando pela arte, até as motivações conscientes ou inconscientes da ação humana. A hermenêutica, portanto, colaborou para a reflexão sobre a participação dos jovens, uma vez que esta se refere a uma ação humana.

Sobre a educação, segundo Hermann, o que a hermenêutica pode nos dizer refere-se justamente à produção dos sentidos sobre o ato de educar e sobre seus vínculos com a tradição, diante do domínio da cientificidade que tutelou o agir pedagógico desde que a pedagogia tornou-se ciência.

Para análise dos dados coletados empreguei um procedimento semelhante ao realizado por Szymanski (2002). Este procedimento consta das seguintes etapas:

1. Leitura flutuante dos dados – primeira exploração dos registros, momento em que vamos tendo as primeiras interpretações e organizando os dados para conhecê-los melhor;
2. Organização dos dados em categorias: é uma separação sistemática em que classificamos as unidades de significado e agregamos os dados em categorias de análise. Essas categorias foram criadas posteriormente, pois era necessário identificar os aspectos sobre participação que apareceram;
3. Interpretação: é nesse momento que se desvela o sentido que estava encoberto nos dados categorizados. A partir da releitura das categorias e análise das mesmas, bem como da reflexão sobre o fenômeno a partir dos estudos realizados, busquei, na interpretação, o sentido de participação e como se manifesta.

É importante salientar a minha limitação. O meu revelar, por trazer algo à tona, encobriu outras revelações possíveis que, numa perspectiva dialógica, se abre para a compreensão de outros que detiverem seu olhar sobre esta pesquisa.

1. ENTREVISTA

Após as primeiras leituras da entrevista foi possível identificar muitos aspectos que envolvem o sentido de participação para os jovens entrevistados. Selecionei trechos que me possibilitassem compreender o fenômeno em estudo, que

fossem mais significativos e organizei-os em temas, propondo a seguinte categorização:

1. Antecedentes da participação
 - 1.1. O Diálogo
 - 1.2. A Amizade
 - 1.3. A Esperança
 - 1.4. Espaço Público
2. Participação
 - 2.1. Modos de Participação
 - 2.1.1. Original e Verdadeira
 - 2.1.2. Embalo
 - 2.1.3. Interessados x Outros interesses
 - 2.1.4. Tímidos ou Omissos
 - 2.2. Experiências de Participação
 - 2.2.1. Na Comunidade
 - 2.2.1.1. No Fórum
 - a) Rotina do Fórum
 - b) Adulto Responsável
 - c) Relação meninos e meninas
 - 2.2.2. Fora da Comunidade
3. Resultados
 - 3.1. Pessoais
 - 3.2. Generosos
4. Desdobramentos da Entrevista

Alguns trechos contemplam mais de uma categoria, assim pode ocorrer repetição do registro apresentado. A seguir apresento alguns trechos dos relatos da entrevista que caracterizam os núcleos de significados nos quais foram agrupados

1. Antecedentes da Participação

Foram agrupados nesta categoria os aspectos que constituem, aparentemente, motivos ou condições para a participação dos jovens entrevistados.

1.1 O Diálogo

O diálogo foi apresentado como uma motivação para participarem do Fórum. Nesta categoria reuni trechos relativos à possibilidade de falar e ser ouvido, debater as questões colocadas em grupo.

“A gente fica mais junto assim, porque às vezes as meninas não gostam de ficar com os meninos, lá no fórum que a gente conversa mais. É um momento de união. É, é um momento de união. É um momento em que você pode encontrar todo mundo, você conversa, você tem diálogo. É”.

“Era bom esse clima, de discussão. É um modo de ver se a pessoa tá participando realmente. ‘Vocês concordam?’ Não concorda vai lá na frente, e se você concorda tem que ir lá também, argumentar, defender sua idéia. Por isso que no fórum ia muita gente, era uma discussão gostosa. Era uma discussão gostosa, não era uma discussão do tipo, discutiu e pronto”.

1.2 A Amizade

Nesta categoria foram reunidos os trechos em que os jovens demonstraram vínculo entre eles, afeto e desejo de estar junto de um modo prazeroso, mas sem perder a liberdade de falar o que pensam.

“A gente fica mais junto assim, porque às vezes as meninas não gostam de ficar com os meninos, lá no fórum que a gente conversa mais. É um momento de união. É, é um momento de união. É um momento em que você pode encontrar todo mundo, você conversa, você tem diálogo. É”.

“Aldo também falou, que tem gente que vê a gente reunido e que sente vontade de vir. Lógico, se sente isolado e tal. Ah! Se sente isolado? É, se sente isolado e quer participar da conversa com todo mundo”.

“Também tem muita gente que vai, que vê a gente reunido e vai lá pra participar, tá ‘todo mundo lá e eu tô aqui fora, deixa eu ir lá também’”.

(...) No fórum também, tipo, quando tem um lugar pra gente ir, não vai todos os adolescentes, vai alguns, aí quando chega no fórum a gente tem que explicar o que aconteceu, pra eles ficar a par das idéias. A par das idéias? É, qual foi o objetivo de você sair, o que você viu, o que você gostou, o que não gostou, o que aprendeu... Tá envolvendo os adolescentes tudo, não só quem foi “

1.3 A Esperança

Além da possibilidade de estarem juntos, de dialogarem, a esperança de que algo poderia acontecer, alguma idéia poderia surgir, pareceu-me também ser uma motivação para os jovens freqüentarem o Fórum; esta categoria traz as declarações que revelam esse sentido.

“(...) é um espaço pra gente pensar em um projeto, hoje não saiu, mas quem sabe no outro pode surgir um projeto e aí, se não tiver, como a gente vai poder saber”.

“No momento do fórum é um momento reservado. É um momento reservado? É, o fórum é um momento de surgir idéias. É um momento único”.

1.4 Os Interesses

Agrupei nesta categoria trechos em que os jovens falam que existem diferentes interesses para participar. Ao se referirem ao Fórum, disseram que existem jovens que vão porque se interessam pelo que vai ser dito e em fazer algo para a comunidade, que chamei de interessados. Em contrapartida, disseram que existem aqueles que vão ao Fórum apenas para marcar presença e ir ao passeio de final de ano, que denominei outros interesses.

Interessados

“Porque geralmente você sai daqui pra fazer alguma coisa pra comunidade, aí você vai explicar pros adolescentes tudinho. O que você fez. O que você fez e você sabe que eles vão tá prestando atenção no que você tá falando”.

“Porque se ele tá no fórum, ele está interessado. Acho, que presta atenção sim. Se a pessoa for no Fórum. Porque o pessoal do fórum tá interessado na comunidade. Se ele vai no fórum ele tá interessado na comunidade”.

Outros interesses

“Mas tem gente ali que vai interessada, tipo assim, por que sempre no final do ano tem o passeio, tem gente que está mais interessada no passeio”.

“É se eu faltar eu não vou no passeio. Ah e hoje acho que é mais isso mesmo, antes você ia pro Fórum, porque queria ouvir uma coisa importante...”.

“Eles só vão para marcar presença”.

“A mãe dela votou pra ela ganhar o dinheiro, só ela ganhou, a família dela também, mas ninguém da rua ganhou, a gente no fórum participa, mas é em benefício de todo mundo. Ela usou o exemplo da mãe dela, mas muita gente segue o exemplo da mãe dela. É muita gente”.

1.5 Espaço Público

Parece que existir um espaço público (Fórum) é condição para que a participação aconteça, pois compreendem a rua em que moram com espaço privado.

“Ah, eu comento bastante com o Aldo na rua, quando eu saio assim vou numa festa eu comento com o Aldo. Mas você comenta entre amigo. É entre amigo. Você comenta com ele, você conversa com ele, você vai vir pra mim e falar “olha meu eu fui lá na Gol de Letra nossa, foi maravilhoso”. Eu lá vou querer saber da sua saída? (risadas) E no fórum não, no fórum eu vou estar interessada no que você está falando. É. É e no fórum também. Aparece o interesse”.

“É que ele está falando pra Patrícia, não pra todo mundo. No fórum não. Uma vez por mês você já está ciente, a gente vai ouvir aquela pessoa, que ela tem o que falar pra nós todos. Sei lá, na rua é diferente”.

“No fórum é mais importante do que ficar sabendo do que as meninas acham bonito, se acham o cara bonito, não é importante, é uma coisa pessoal. No fórum tem que ser útil pra todo mundo. É, é uma coisa pessoal. No Fórum você vai falar o que você fez fora da comunidade. Porque geralmente você sai daqui pra fazer alguma coisa pra comunidade, aí você vai explicar pros adolescentes todinho. O que você fez. O que você fez e você sabe que eles vão tá prestando atenção no que você tá falando”.

2. Participação

Nesta categoria reuni os trechos da entrevista em que os jovens revelam o que, na opinião deles, seja participação. Também mencionam diferentes jeitos (modos) que as pessoas podem participar e experiências próprias de participação, tanto na comunidade como fora dela.

“O que é pra vocês a participação? Ir lá e não ficar sentado calado, ir lá e participar, dar opinião, falar... “Falar isso, aquilo, isso tá errado explicar, pode fazer isso, não pode fazer aquilo” Participar é você interagir com o grupo, falar, escutar o que o pessoal tá falando pra você e você também escutar”.

“Dar idéia. Dizer o que acha. Falar o que pensa. Falar o que pensa no grupo”.

“Ouvir, ouvir a idéia dos outros também, explicar o que a gente fala, não é só a gente que fala, não é só a gente que pensa, todo mundo pensa e tem que respeitar a opinião de cada um, das outras pessoas”.

“Pedir a opinião dos outros. Pedir a opinião dos outros. E respeitar o que os outros falam”.

“Vocês estão falando de votação, votar é um jeito de participar? Se tiver prestando atenção é (...) Vocês acham que todo mundo que vota participa? Não. Não? Explica mais. Não sei como explicar, mas eu não acho que todo mundo presta atenção (...)”.

2.1. Modos de Participação

Nesta categoria reuni trechos que me pareceram revelar uma tentativa de compreender as diferentes maneiras que eles consideravam que existem para participação. Empreguei nestas categorias alguns nomes que os próprios jovens deram durante a entrevista para jeitos diferentes de participar, como: original ou verdadeira, *embalo* e tímido.

2.1.1. Original ou Verdadeira

Nesta categoria foram reunidas as manifestações á que foram atribuídas as qualidades de original ou verdadeira à participação.

“Pensando nessas pessoas que estão votando só por votar, ou vota pra conseguir uma coisa só pra si, também é um jeito de participar? É. É né. Participar participa, mas não é uma participação original. É tipo não é uma participação verdadeira. O que seria então uma participação original, verdadeira como vocês estão falando? Vocês falaram de votação, de dar opinião, ouvir o outro. O que seria essa participação e eu queria ouvir todos vocês. Hi, agora você pegou! Aí eu peguei? (SILÊNCIO) O que é essa verdadeira participação, essa participação original? (SILÊNCIO). O que seria uma verdadeira participação? Uma verdadeira participação é...Sei lá, acho que meio que depende. Depende como? Tipo, não tem um modo de participação, acho que não tem, participação é de várias maneiras, tipo dependendo do que você tá participando você, tipo política é um modo de participar, na minha comunidade é de outro jeito, fora daqui é de outro jeito, acho que não existe um foco “ah eu tô fazendo isso eu tô participando” tipo isso é participação, acho que não tem isso (...) Tipo a gente tá participando do teu trabalho. É um jeito de participar. Quando vamos jogar no campinho, estamos participando do jogo. Participando do jogo. Tem muitos jeitos de participar, de participação. É não tem um jeito só, tipo, ‘eu tô fazendo isso de qualquer jeito eu tô participando’ (...).”

“(...) Não importa a maneira que você vai participar, você pode participar de várias maneiras, mas participar da melhor maneira que ajuda todo mundo. Como seria essa melhor maneira? Sei lá, no Fórum de Adolescentes, você participar, você falar o que pensa de modo que possa ajudar os outros e que os outros não sigam o seu embalo, tipo, se eu concordar com você é porque parou pra pensar ‘não, não o que ele tá falando realmente vai ajudar a gente, não vai ajudar só ele ou ele e ele (aponta duas pessoas) vai ajudar todo mundo”.

2.1.2. Embalo

Nesta categoria estão reunidos os trechos em que se trata do *embalo* que, segundo relataram, são as pessoas que não têm opinião própria. Esta postura foi eventualmente considerada participação.

“A Bárbara, Principalmente, Samanta, Ane. O que que é ser linha de frente? Ah não sei. Se ela concordar eu vou concordar também. O que é bom pra ela é bom pra mim. O que ela decidir é bom pra mim. Tem muitos linhas de frente”.

Às vezes nem concorda, tá indo porque é amiga da Mirela, vou pegar inimizade com a Mirela por causa de uma coisinha.

É, tem muito embalo também, não tá prestando atenção e aí vai no embalo, levanta a mão ‘você vota? Ah, voto’.

“Tem, tem muita gente que vai pelo discurso. Vota por votar, tipo foda-se, não vai mudar mesmo, independente de escolher esse ou aquele”.

2.1.3. Tímido ou Omisso

Os jovens relataram que existem pessoas tímidas e também as que se omitem. Agrupei estas posturas em uma categoria, visto que houve controvérsia a respeito da condição de participação das demais.

“Tem pessoas que é tímida num meio de vinte adolescentes, mais se solta em cinco”.

“Quem é uma pessoa que é muito quieta, mas gosta muito do Fórum de Adolescentes é o Fabio. Que presta bastante atenção. Ele é um cara quieto, não fala muito, mas ele presta atenção. Ele fala pelos cantos. Ele comenta com a pessoa do lado, ele... Pra pessoa falar mais alto. Ele comenta com a pessoa do lado. Ele dá opinião? Ele dá opinião, mas tipo, pro cara do lado, ele não fala pra todo mundo...”

“Ele participa ou não? Mais ou menos. Participa. Eu acho que ele participa com a pessoa do lado. Eu acho que ele participa porque ele presta atenção. Ele participa porque ele fala pra pessoa do lado e aí a pessoa vai lá e fala. É, a pessoa que tá do lado fala, porque normalmente quem senta do lado dele num tem tanta vergonha. Ele dá a opinião dele. Ele fala o que tá pensando. Tipo, mas ninguém sabe que foi ele que falou. Se ele falou aqui pra mim e eu vou lá e falo, mas o pessoal tá achando que fui eu que falei”.

“E você falou que ele participa mais ou menos, o que é isso? É que ele participa, mas não participa muito, participa tipo no individual, com uma pessoa. Não participa geral, assim, pra todo mundo”.

“(...) eu acho que ele participa. Você acha que ele participa? Porque se ele não falar, o que a pessoa do lado tá pensando, se ele pensou aquilo, teve uma idéia, se ele não falar pra pessoa, a pessoa não vai falar e não vai adiantar de nada, ele pensa, fala, tá participando. Dá idéia tudo que ele fala”.

“Tem gente que fala mais... Tem uns que falam pelos cantos. Tem uns que se você tem uma idéia, você fala uma coisa, ele não concorda, mas fica pra ele, ele não quer se abrir. Num fala nada, mas quando fala dá cada idéia boa”.

“Eu vou guardar pra mim que eu não concordo, depois que acabar o fórum eu vou lá e falo “Ubaldo eu não concordei”, mas eu tinha que falar no fórum que eu não concordei. A pessoa que faz isso, ela participou? Eu acho que não participou não, porque não abriu a boca pra falar. Então pra participar tem que abrir a boca pra falar? Eu acho. No Fórum. Claro. Porque mesmo que você acha for negativo você tem que abrir a boca pra falar no fórum. Porque muitos também pensam a mesma coisa que aquela pessoa, mas também tem vergonha de falar, e aí fica naquela indecisão”.

2.2. Experiências de Participação

Nesta categoria reuni os relatos de situações em que os jovens consideram haver participado.

2.2.1 Na comunidade

Nesta categoria foram agrupadas outras experiências de participação existente na comunidade, além das do Fórum.

“(...) no fórum de mães também a gente ia e tinha uma boa participação em relação à praia”.

“Na reunião da Lia. Lia é uma coordenadora, que coordena a sala de estudo dos adolescentes, e ela tá com um projeto de teatro com a gente, e a gente tem tipo, e a gente participa. A gente participa, a gente fala o que a gente acha, é um lugar também de participar, que a gente pode participar. (...) E isso pra vocês é participar? É, é dar opinião, mudar algumas coisas”.

2.2.1.1 No Fórum

Grande parte das experiências está relacionada ao Fórum, por este motivo as reuni em uma categoria.

*“Vocês participam do Fórum pelo que vocês estão falando? Eu acho que eu participo. **EU PARTICIPO!**”*

“No Fórum de Adolescentes, você participar, você falar o que pensa de modo que possa ajudar os outros e que os outros não sigam o seu embalo, tipo, se eu concordar com você é porque parou pra pensar ‘não, não o que ele tá falando realmente vai ajudar a gente, não vai ajudar só ele ou ele e ele (aponta duas pessoas), vai ajudar todo mundo”.

“(...) Falar o que pensa, todo mundo ouve o que os outros pensam. Você fala o que você pensa, o que você não pensa Todo mundo ouve... O que você acha, o que você não acha. Eu falo em relação ao fórum. (...)”.

“Primeiro rola um debate antes. Rola um debate? É, “eu acho isso, num acho aquilo, porque você não acha então?” “Eu acho isso, isso e isso”, tem que argumentar. Você tem que convencer a pessoa que ela tá errada. Que ela tá errada e ela tem que provar que ela tá tipo certa, ela usa os argumentos dela e você usa os seus. Aí quando não muda a opinião. Vai pra votação. É. O que a maioria decidir.

Vamos ver se o pessoal prestou atenção, vamos ver a opinião pra ver de que lado eles estão”.

“Era dá hora quando era lá no Fadlo, lançava algumas idéias, falava “você não gostou, porque?” E tinha que ir lá no meio e falar o porque. Eu já fui, o Ubaldo já foi, a Marilene já foi, tipo lá no meio, a Patrícia, tipo, “não gostou não gostou porque?” Porque tipo, isso era bom”.

“Porque geralmente você sai daqui pra fazer alguma coisa pra comunidade, aí você vai explicar pros adolescentes todinho. O que você fez. O que você fez e você sabe que eles vão tá prestando atenção no que você tá falando”.

a) Rotina do Fórum

Os adolescentes apontaram em diversos momentos um conjunto de atividades que era realizado de forma rotineira, bem como falaram a respeito da periodicidade regular dos encontros como um de seus traços; estes são os aspectos reunidos sob esta categoria.

“Que dia a gente ia se reunir, uma vez por mês, e que a gente tinha uma verba de oitocentos reais, que você trabalhava com nós aí teve que ir para outra comunidade Infelizmente. E essa verba a gente tinha que discutir pra ver o que a gente ia fazer com essa verba”.

“Primeiro você apresenta a pauta. Apresentar o que é a sua idéia, a sua proposta, o que foi que você fez. Tem que apresentar logo o que foi que você fez”.

“p.! Até esqueci de assinar a ata! Ah é? Depois você assina. E falando nisso, essa coisa de ata, de ter que assinar, como é que funciona isso? É mais pra organizar. Pra ver quem vai no passeio, quem não vai. Pra organizar? É fica mais fácil ver, depois a gente vê, confere, mas não só pra marcar presença, a gente anota o que foi discutido, o que foi importante, idéias, a gente anota. E se parasse de anotar? Aí esquecia (...) Sei lá podia esquecer né? Podia esquecer? (...) olha pra trás e fala, não, mas. ‘Não você falou aquilo, tá escrito’ (...) tá certo, então é um jeito de ajudar na hora de decisão? A regra também é toda anotada”.

“Duas semanas antes do fórum acontecer a gente se reunia. Pra fazer a pauta, pra ver o que ia falar. Falar sobre projeto. A gente fazia a pauta, levava bastante idéia, proposta (...)”.

b) Adulto Responsável

Um aspecto que ponderaram como sendo necessário para a organização deles no Fórum, seria a presença de um adulto, que foi trazido para esta categoria.

“Eu acho que ninguém respeita, tem que ter um responsável. Tem que ter um mais velho. Alguém que fala mais alto, alguém que fala, ‘para’, ‘não fala isso’. Não

que a gente não respeite um ao outro, mas alguém que a gente respeitasse mais, tipo. Porque da mesma idade é difícil”.

c) Relação meninos e meninas

Nesta categoria reuni trechos que trataram da relação entre meninas e meninos que, segundo eles, se associa com a participação no Fórum.

“Fazer uma coisa que agrada os meninos e as meninas. Eu acho que não, acho que os meninos e as meninas devem se interagir melhor. É porque normalmente as meninas levam coisas que agradam elas e os moleques que agradam eles”.

“Em Primeiro lugar eu acho que tem um problema de mili, mili ano que aí o que acontece, tipo os moleques e as meninas se entenderem melhor (...) menina defende o que ela quer e nós defende o que a gente quer, se as meninas faz alguma a gente faz alguma outra coisa também porque tipo ‘só elas vão sair ganhando’ Tipo o Ezequiel e a Mirela tão disputando um curso, daí eu vou votar no Ezequiel, porque é menino, e elas vão votar na Mirela. Primeiro lugar tinha que acabar com isso tinha que acabar (...)”.

2.2.2 Fora da Comunidade

Agrupei nesta categoria os trechos em que eles relatam as experiências fora da comunidade.

“Eu participei de uma aula sobre o corpo, de dança, do Ballet Stagium. E lá você dava sua opinião, você falava... todo final da aula tinha que dar opinião, o que você gostou, o que não gostou, o que você achou. Isso acontece na oficina de vídeo que eu faço lá na Gol de Letra, chega no final da aula você fica no meio da roda, no meio do grupo, você senta lá e o pessoal começa a fazer um monte de pergunta, em relação o que você achou, o que gostou, o que não gostou, porque gostou, porque não gostou, fazem maior interrogatório, mas não é aquele interrogatório tipo pra pressionar, tipo é pra melhorar, é tipo crítica construtiva”.

“E você Ubaldo participou de coisas fora? Da apresentação do livro. Você acha que é um tipo de participação, apresentar o livro? Lógico! Explica pra mim. Você tem que mostrar interesse, mostrar pras pessoas de fora o que a gente faz aqui dentro, pra ela se interessar por comunidades. Também é o nosso recurso, a gente vende livro pra ter dinheiro no Fórum. Certo. A gente vai em faculdades, em colégio, como o Santa Maria lá em Interlagos, a gente foi falar pra outros adolescentes o que a gente pensa na periferia, que a nossa comunidade é de periferia”.

“Participei da Gol de Letra, lá eu fiz a oficina de vídeo, mas eu tive uns problemas e parei, lá eu dava minha opinião sobre o que a gente ia fazer, porque tinha que fazer o roteiro, aí eu dava minha opinião sobre o que eu achava que ia dar certo, o que ia ficar legal”.

“Eu participei do ENA¹⁷. O que você fez no ENA? Lá é como se fosse um congresso, congresso não, como se fosse um fórum de adolescentes, mas com adolescentes de toda cidade de São Paulo e fora de São Paulo, aí teve várias oficinas, eu participei de algumas e eu tinha que dar minha opinião sobre as oficinas, e tudo era anotado, gravado em fita e tal”.

“Eu participei do negócio da Lia com a AiBi, foi eu o Ezequiel e o Aldo. Que negócio foi esse? A gente foi conhecer a Praça da Sé, a Lia sempre levava para conhecer lugar novo, assim”.

3. Resultados

Nesta categoria, reuni trechos em que os jovens relataram alguns resultados que se pode ter com a participação.

3.1. Individual

Nesta categoria reuni depoimentos que os jovens relatam resultados da participação, em que, em suas opiniões, apenas um ganha.

“A mãe dela votou pra ela ganhar o dinheiro, só ela ganhou, a família dela também, mas ninguém da rua ganhou, a gente no fórum participa, mas é em benefício de todo mundo. Ela usou o exemplo da mãe dela, mas muita gente segue o exemplo da mãe dela. É muita gente”.

“Ler livro com a Lia, ela tá ajudando a melhorar minha leitura, não sei se ajuda os outros, eu acho que sim, mas me ajuda”.

3.2. Generosidade

Nesta categoria reuni trechos relacionados com o pensar coletivo, em que todos fossem beneficiados ou que não se esperasse nada em contrapartida.

“Tem tipo quando a gente participa do Fórum, mas não é só pra gente, a gente ganha coisa pra comunidade, não só pra um, mas pra todo mundo. Vocês têm um exemplo disso, em que vocês ganharam uma coisa que era pra todo mundo? O uniforme do time”.

“Também quando você pensa no grupo, nas pessoas. É tipo quando você não pensa só “pra mim, pra minha família”, mas pensa que vai tá ajudando uma galera. Vocês podiam dar um exemplo disso que o Ezequiel tá falando. O Fome Zero, o Bom Prato”.

“Quando a gente foi vender o livro, tipo assim, a gente foi uma vez vender pra gente que tava fazendo tipo, um curso, tipo, de como cuidar de criança, ajudou a gente e a gente ajudou eles. Lendo livro eles iam ter uma idéia de como cuidar de

¹⁷ Encontro Nacional de Adolescentes do Brasil

criança. De como começar uma comunidade. É eles ajudaram comprando livro e nós ajudamos eles com o livro”.

“Tem o campinho também, com aquele fedor, ajudou o time de futebol, mas ajudou todo mundo que sentia o cheiro. O que vocês fizeram no campinho? Atrás da segunda trave lá, era um esgoto lá antes, e agora não tem mais aquele esgoto lá. A bola caía lá e não dava mais pra nada, era uma bola por semana. Durante muitos, mais muitos anos mesmo era daquele jeito e nunca ninguém chegou lá e fez. Aí a gente ficava falando. O Renildo teve iniciativa, seu Orácio que é dono do campinho fez a mão de obra. E isso foi um jeito de participar? Orra! Ele ajudou nós e nós ajudou os outros porque acabou com o fedor.”

“Você participa quando quer alguma coisa, quando não quer alguma coisa. É quando quer, quando não quer. Falem mais sobre isso, vocês tem um exemplo? Aqui, a gente não quer nada. A gente só tá participando. Não estamos querendo nada em troca. No campinho também, um outro modo de participação que a gente não quer nada”.

4. Desdobramentos

Nesta categoria reuni trechos em que os jovens falaram sobre o que iriam propor na próxima reunião do Fórum e que, segundo eles, deixariam o Fórum mais participativo.

“No próximo fórum levar a proposta de voltar o grupo de coordenação”.

“A gente agora tem um objetivo. Vocês têm um objetivo? Tem, de voltar... A coordenação fazer voltar o fórum ser um fórum porque agora (...). Porque se não tem uma proposta, a proposta é fazer uma brincadeira, todo mundo brincar. Isso! A gente faz uma ciranda, é legal todo mundo canta. E só assina o livro depois que participar da brincadeira. (...) Pra quebrar com essa coisa de ir pro fórum só porque vai pro passeio, eu vou falar a verdade, eu tenho várias faltas aí, eu não tenho a intenção de ir no fórum só pra ir pro passeio, eu não, eu vou pro fórum porque eu quero participar (...)”

“Por isso que tem que voltar a discussão. Tem porque não pode ir só pelo passeio, mas pra participar. Fazer uma brincadeira. Quem participar vai pro passeio (...)”.

“Tipo o pessoal que não tiver participando, tipo eu participo do fórum de coordenação, vou falar, ‘vou dar um tempo’ vou falar praquela pessoa que não tá participando entrar no meu lugar no fórum de coordenação, pra ver o que que ela fala lá, qual projetos, perguntas. É, se você acha que você tá participando, não demais, mas que você tá legal na participação, e tem um que não tá, fala ‘o, vai lá no meu lugar lá, vai lá levar suas idéias, eu tô meio sem idéia, preciso ficar um pouco parado pra voltar as minhas idéias, vai lá”.

“Uma ciranda, tipo assim, cada fórum, um leva uma atividade pra fazer, assim a gente ia participar... É mesmo! E não fica parado. É tipo o das mães, tem sempre

uma brincadeira antes da reunião, é, uma história (...) É tipo a brincadeira já quebra aquela história de chegar e ficar sério. É a gente chega senta lá e fica”.

“Tem que começar a falar, a dar opinião, tipo sei lá a gente fala, ‘quer falar? Pode falar aí.’ Se falar pro colega do lado tipo, é só falar ‘o cara aqui quer falar alguma coisa’, é que tem muita gente que fala que tem vergonha que isso, aquilo, não tem nada que ter vergonha. Você fala pro grupo todo, se o seu colega quer falar alguma coisa, você vai e fala pra todo mundo, ‘foi ele que disse’. E tem a brincadeira que já vai quebrar o gelo. É já era, vai quebrar o gelo”.

“Tem que falar se tá participando ou não, não é porque é amigo que não vai falar, convidar para participar da reunião de coordenação, trazer uma brincadeira... Cada um traz uma brincadeira em um mês”.

“É tipo a gente leva a brincadeira. É só pra dar início pode ser esse grupo aqui. É só pra dar início. É aí no fórum a gente decide quem vai participar. É porque a gente não pode decidir nada, quem decide é o fórum. É o fórum, mas só pra dar início, só pra incentivar. Pra começar. É a gente já monta a pauta. É só pra mostrar interesse. Pra dar o Primeiro passo”.

“A gente se organiza antes do fórum pra levar”.

1.1. SÍNTESE DA ANÁLISE DA ENTREVISTA:

Para eles, diálogo é conversar com todo mundo, discutir idéias de forma gostosa, conversar mais entre eles (meninos e meninas) e ficar mais juntos.

Parece-me que a amizade deste grupo se revela na vontade dos jovens de estarem juntos, de estarem unidos, de poderem conversar, de não se sentirem isolados.

A esperança para este grupo parece ser a crença que tem em uma nova possibilidade que possa surgir no Fórum.

Parece-me que para este grupo os interessados são aqueles que compartilham suas experiências com o grupo todo, que presta atenção ao que é falado e freqüenta o Fórum por estar preocupado com a comunidade. Aqueles que têm outros interesses, parecem ser os que freqüentam o Fórum apenas para passear ou, no caso de eleições governamentais, os que votam para obter benefício próprio, sem pensar em outras pessoas.

O Fórum mostrou-se como sendo, para eles, o espaço público onde os assuntos são ditos para todos e são de interesse comunitário. Há também o

interesse em ouvir uns aos outros. O espaço privado, parece que eles identificam como sendo a rua em que moram, onde os assuntos são pessoais.

Conforme relataram, participação é falar, dar opinião, explicar, interagir com o grupo, dar idéias, pedir a opinião do outro, ouvir, prestar atenção e respeitar a opinião dos outros.

Parece que para o grupo, a participação verdadeira ou original refere-se á melhor maneira de participar. Esta se mostrou como sendo aquela em que as pessoas pensam no coletivo, em ajudar os outros e fazem suas escolhas por pensarem no que foi dito.

Existem para o grupo, os embalo que são as pessoas que se deixam influenciar pela opinião ou discurso de outros e se manifestam segundo a vontade alheia. Também são aquelas que não prestam atenção e votam.

Para os jovens, as pessoas tímidas são aquelas que não falam na frente de muita gente, mas que prestam atenção, dão suas opiniões e pedem para que os mais falantes as digam publicamente. Os jovens que se omitem são aqueles que não falam suas opiniões no Fórum, mas depois que o encontro acaba, falam.

A experiência na comunidade para os jovens é participar de outros fóruns, como o Fórum de Mães e da Sala de Estudo no grupo de teatro.

Participar do Fórum de Adolescentes parece ser o falar, pensando em ajudar os outros; ouvir o que os outros pensam; debater idéias e opiniões; argumentar e votar.

Para os jovens, a rotina do fórum consiste em: reuniões mensais, discussão sobre o uso da verba destinada ao grupo, organização da pauta dos encontros, apresentação de propostas ou projetos e o registro no livro ata.

O adulto responsável, segundo relatam, é aquele que poderá ajudar a organizá-los, que fale mais alto e que garanta um maior respeito entre eles.

Para os jovens, a relação entre meninos e meninas no Fórum é de disputa, em que cada subgrupo defende seus próprios interesses.

Fora da comunidade, todos os exemplos dados de lugares em que participaram se referem a atividades realizadas por eles, normalmente vinculadas ao projeto.

Os jovens identificam como resultados individuais aqueles em que uma pessoa participa (vota), mas apenas para ter benefício próprio. Uma jovem aponta a leitura com a educadora como algo que a ajuda.

Para eles, a generosidade é não pensar só neles, ganhar coisas para a comunidade, pensar no grupo e nas pessoas, ajudar os outros e não querer nada em troca.

Os desdobramentos da entrevista foram: propor a volta do grupo de coordenação; cada mês um jovem levar uma brincadeira e começar o encontro com ela; assinar o livro após ter brincado; ir ao passeio apenas quem participar; voltar o debate; ‘rodiziar’ o grupo de coordenação entre os jovens do Fórum; incentivar os calados a falarem para o grupo; decidir no Fórum quem será o grupo de coordenação.

2. FÓRUM APÓS A ENTREVISTA

“(...) o menor dos atos, nas circunstâncias mais limitadas, traz em si a semente da mesma ilimitação, pois basta um ato e, às vezes, uma palavra, para mudar todo um conjunto”.

Hannah Arendt

Após ler o registro de observação deste encontro posterior à entrevista, extrai trechos significativos, que considerei conteúdos da devolutiva. Organizei-os em temas e propus a seguinte categorização:

1. Ecos da Entrevista
 - 1.1 Reflexões
 - 1.2 Avaliação do Fórum
 - 1.3 Propostas de Participação no Fórum
 - 1.4 Organização do Fórum
 - 1.5 Modos de Participar
 - 1.5.1 Expor idéias
 - 1.6 Resultados
 - 1.6.1 Generosos

Alguns trechos contemplam mais de uma categoria, assim pode ocorrer repetição do registro apresentado. A seguir apresento alguns trechos do registro de observação que caracterizam os núcleos de significados nos quais foram agrupados.

1. Ecos da Entrevista

Nesta categoria reuni trechos em que os jovens revelaram a compreensão de participação na primeira entrevista.

1.1 Reflexões

Agrupei nesta categoria trechos que apontam para algumas reflexões do grupo no período entre a entrevista (inclusive ela) e o presente encontro.

- *“a gente se reuniu com a tia Adriana e a gente acha que vai ser mais legal se antes de começar o fórum fazer uma brincadeira pra desinibir o grupo”.*
- *Ezequiel falou que gostaria de colocar um outro assunto na pauta “eu a Patrícia, o Aldo, a Mirela, o Ubaldo e o Vagner fizemos uma reunião com a tia Adriana e a gente pensou bastante e queria discutir aqui a volta da reunião de coordenação”.*
- *(...) tinham pensado que o grupo que tinha se reunido comigo seria o ‘grupo de coordenação inicial’. Mas depois, discutiram que não podiam decidir isso, pois o fórum não tinha escolhido eles.*
- *Ezequiel colocou que na reunião comigo tinham levantado que outro problema do fórum era a rivalidade entre meninos e meninas. Para isso acabar o grupo de coordenação poderia ser composto meio a meio.*

1.2 Avaliação do Fórum

Agrupei nesta categoria os trechos em que os jovens revelam as avaliações que fizeram dos encontros do Fórum e da participação dos jovens no mesmo.

- *(Ezequiel) Disse que na reunião que tiveram comigo, chegaram a conclusão de que o fórum estava muito sem idéias, sem propostas e que estava muito sem graça.*

- *Afirmou que muitos estavam no fórum só por causa do passeio e que isso deveria mudar, pois o critério deveria ser a participação de todos.*
- *‘não pode ser que o pessoal tá votando na Ane só porque ela é da brinquedoteca, aqui não tem nada a ver com a brinquedoteca, o fórum é diferente e a Mirela é muito melhor, ela discuti com a gente’.*
- *(sobre o critério para o passeio) para os demais seria a participação nas atividades, comissões e proposição de brincadeiras.*

1.3 Propostas de Participação

Agrupei nesta categoria trechos em que os jovens fizeram propostas que parecem buscar a integração de outros jovens, promover o debate, possibilitar que outros jovens falassem e solucionar a *disputa* entre meninas e meninos.

- *Mirela, Patrícia, Aldo e Ezequiel sugeriram que os encontros do Fórum comecem com uma brincadeira;*
- *Mirela e Patrícia falaram que nos próximos fóruns os outros poderiam trazer uma brincadeira diferente, o que todos concordaram.*
- *(...) primeiro tinha que ter uma discussão para avaliar se era importante esse grupo voltar ou não a existir. E, somente depois o grupo teria que escolher quem seriam os representantes.*
- *Ezequiel falou que todos deveriam manifestar a própria opinião.*
- *Patrícia falou que era importante que todos dessem sua opinião ‘de verdade’, que outra coisa que eles tinham discutido na entrevista tinha sido sobre o critério para o passeio.*
- *O Ezequiel falou que todos deveriam dar sua opinião sobre os candidatos e não apenas votar.*
- *Ezequiel colocou que na reunião comigo tinham levantado que outro problema do fórum era a rivalidade entre meninos e meninas. Para isso acabar o grupo de coordenação poderia ser composto meio a meio.*

- (...) o grupo de coordenação era apenas um representante do fórum, mas que não decidia nada sozinho, que o grupo todo tinha que dar idéias, opiniões e que eles iam organizar tudo para trazer nas outras reuniões.
- (sobre o critério para o passeio) para os demais seria a participação nas atividades, comissões e proposição de brincadeiras.

1.4 Organização do Fórum

Nesta categoria agrupei os trechos em que os jovens parecem demonstrar um cuidado com a organização do Fórum.

- (sobre o livro ata) *Patrícia deu uma risada e falou que poderia fazer as anotações.*
- *Ezequiel falou que isso (perderem oportunidades) poderia mudar com o grupo de coordenação, que este poderia organizar mais as idéias.*
- (...) o grupo de coordenação era apenas um representante do fórum, mas que não decidia nada sozinho, que o grupo todo tinha que dar idéias, opiniões e que eles iam organizar tudo para trazer nas outras reuniões.
- (...) o grupo de coordenação falou que iria se reunir para pensar a respeito e que no próximo encontro do fórum trariam alguma sugestão.

1.5 Modos de participar

Nesta categoria trouxe o relato em que revelam a conclusão a que se chegou, na entrevista, sobre participação.

- *Ezequiel falou que não concordava com o que a coordenadora estava falando, pois na reunião que teve comigo tinha chegado a conclusão de que existem muitos jeitos de participar, que na sua opinião ele havia participado 'eu vim em todos os fóruns só não tive idéia nem proposta' e que esse poderia não ser o jeito que a coordenadora pensava de participação.*

1.5.1 Expor idéias

Nesta categoria reuni trechos em que os jovens opinaram e demonstraram interesse. Estas ações foram consideradas pelo grupo, na entrevista, como modos de participação.

- (...) *cada um falou sobre o porque estava se candidatando e o que pensava sobre o grupo de coordenação;*
- *O Felipe ouviu seu pai, mas não mudou seu voto e manteve sua opinião 'voto na Patrícia porque ela é mais experiente'.*
- (...) *os outros, embora rissem, não entraram na dela e continuaram com suas opiniões.*

1.6 Generosidade

Nesta categoria reuni trechos relacionados com o pensar coletivo e com a manifestação de que consideravam e desejavam a participação de todo o grupo.

- *Mirela não foi eleita pelo grupo, mas falou que 'gostaria de ajudar o grupo'*
- *Patrícia falou que a reunião do grupo de coordenação estava aberta a todos que quisessem colaborar, que todos estavam convidados a participar se quisessem.*

2.1. SÍNTESE DA ANÁLISE DO FÓRUM

As reflexões que o grupo fez, entre a entrevista e este encontro, foram: começar o encontro com brincadeiras; discutir a volta do grupo de coordenação; o Fórum é que deveria decidir quem seriam os integrantes do grupo de coordenação e esse poderia ser composto por meninos e meninas para acabar com a rivalidade entre eles.

Essas reflexões levaram à avaliação de que o Fórum estava sem idéias, sem propostas e por isso sem graça; que muitos jovens estavam lá apenas pelo passeio; que o critério para o mesmo deveria mudar – deixar de ser falta para ser a participação - e que o Fórum era um lugar diferente da brinquedoteca.

Assim, formularam propostas para que outros jovens participem, quais sejam: sugestão de começar os encontros com uma brincadeira; cada encontro um jovem traria uma brincadeira; debater as idéias antes de votarem; cada integrante do grupo deveria emitir sua opinião sobre os seus candidatos; compor o grupo de coordenação com meninas e meninos; todos os jovens deveriam dar idéias, opiniões e propostas; de que todos participassem de comissões, atividades e proposição de brincadeiras.

Também percebi o cuidado com a organização, que se manifestou quando a Patrícia aceitou fazer as anotações na pauta e foi proposta a volta do grupo de coordenação para organizar as idéias de todo grupo e que os jovens parecem ter chegado à conclusão de que existem diferentes modos de participar.

Os jovens também demonstraram interesse quando explicaram o motivo de quererem ser representantes do grupo; quando mantiveram suas opiniões e justificaram e não mudaram de opinião apenas em função do pedido de uma das jovens.

Finalmente, a generosidade dos entrevistados foi revelada quando, mesmo sem ter sido eleita, uma jovem se dispôs a ajudar o grupo de coordenação, quando convidaram todos os jovens a colaborarem e participarem do grupo de coordenação.

VI – UM DIÁLOGO COM A TEORIA

“Escutar significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”.

Paulo Freire

A escuta respeitosa dos discursos dos jovens possibilitou *desocultar* muitos aspectos relativos ao fenômeno da participação.

Em muitos momentos da entrevista, eles se remeteram ao Fórum como um espaço que possibilita a troca de idéias, falar e ser ouvido, não de qualquer jeito, como eles mesmos disseram, mas de uma forma gostosa.

Por ver suas expressões e ânimo ao falarem sobre estas possibilidades do Fórum, eu diria que essa forma gostosa se refere à animação, ao envolvimento em uma discussão, à apropriação do seu conteúdo, ao pensar sobre o que está sendo dito e não meramente estar presente. Compreendi que para estes jovens a participação tem um sentido de poder compartilhar ações, crenças e, portanto, constitui-se como a possibilidade de ação conjunta, que, segundo Hannah Arendt (1983), inaugura potencialidades e se dá numa reunião espontânea.

O diálogo compreendido como troca, como o ouvir e considerar o outro, aparece em diversos momentos da entrevista. Para Arendt (1983), a participação é uma ação condicionada pelo fato de que os homens vivem juntos e, portanto, se estabelece como relação em que o outro é constitutivo, tudo é na co-existência e, portanto, a participação é uma possibilidade dialógica que implica uma forma de revelação da subjetividade de cada envolvido, de priorização do sujeito e não dos possíveis produtos do agir conjunto.

Parece-me que esse é um dos sentidos atribuídos, pelos jovens, à participação. Segundo o que pude compreender de seus relatos, o que os motivava à participação no Fórum, além da possibilidade de dialogar, era o fato de ficarem mais juntos, de não se sentirem isolados.

Segundo Arendt:

“Nada do que é, à medida que aparece, existe no singular; tudo que é, é próprio para ser percebido por alguém. Não o Homem, mas os homens é que habitam este planeta. A pluralidade é a lei da Terra” (2002: 17).

Esta motivação me remeteu a uma das possibilidades que levantei no início do presente trabalho, que se referia ao sentimento de pertença a um grupo em que fosse possível o compartilhar e, nesse sentido, compreendi que a participação para estes jovens favorece a integração, a experiência de pertencer à própria comunidade.

Após ter trabalhado sistematicamente com o grupo durante seis anos, ter acompanhado o Fórum de Adolescentes como colaboradora e atualmente como pesquisadora, ficou muito evidente o sentimento de amizade que uns têm pelos outros. Entendo que a partilha seja muito difícil de ser concretizada entre pessoas que não se gostam e, mais difícil ainda é o desejo de estarem juntas.

Nesse sentido, compreendi que o querer falar de suas vontades, estar ‘mais juntos’ e partilhar não poderia se dar em qualquer relação, mas sim em um entre-amigos. Segundo Freire (1980), para que o diálogo seja uma opção é necessário que se estabeleça uma relação de simpatia e reciprocidade.

A humildade também é apontada pelo autor como fundamento para o diálogo, pois para ele não é possível acreditar que o meu saber vale mais do que o de outro. Nessa perspectiva, entendo que cabe retomar a fala de um dos jovens:

“Ouvir, ouvir a idéia dos outros também, explicar o que a gente fala, não é só a gente que fala, não é só a gente que pensa, todo mundo pensa e tem que respeitar a opinião de cada um, das outras pessoas”. Vagner

Outra base para o diálogo apontada por Paulo Freire (1980) é a esperança. Segundo o autor, a existência dos homens se dá no mundo que recriam e transformam incessantemente.

Acredito que, para os jovens, esta seja uma outra motivação que têm para participar do Fórum; relaciona-se com a possibilidade de que a cada encontro

poderão surgir idéias novas, alguma proposta ou projeto e, se assim não for, como eles mesmos relataram, *‘como é que vão saber?’*.

Hannah Arendt nos ensina a ter esperança quando anuncia a possibilidade do homem de instaurar o novo - o poder renovador que o homem traz em suas ações - e, neste sentido, podemos pensar no jovem como este iniciador. “Os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar” (Arendt, 1983: 258).

O Fórum de Adolescentes, por possibilitar ao jovem colocar suas necessidades, falar de suas vontades e poder pensar coletivamente nas formas de viabilizá-las, constitui-se como um espaço em que a participação ganha efetivamente sua possibilidade de exercício de liberdade, num diálogo não só consigo mesmo, mas com os outros.

Dessa forma, entendo que o diálogo é, além de motivação, condição para a participação tal como os jovens a compreendem, por ser um modo de se estar com o outro, que faz com que o agir conjunto tenda a continuar, favorecendo que novas possibilidades surjam e sejam levadas a diante.

Outra condição para a participação, que os jovens parecem ter me revelado, diz respeito ao espaço. Não o espaço compreendido como determinação geográfica, mas de reunião. Esta possibilidade fez com que eu retomasse as considerações de Hannah Arendt (1983) sobre Política e o Espaço Público.

Para a autora, o sentido da Política é a liberdade e esta exige um espaço público da ação e do discurso. Segundo Arendt (1999) a política surge no entre-homens, é resultado desta convivência e, portanto, baseia-se na condição humana da pluralidade (os homens, e não o homem, habitam o mundo).

“A ação e o discurso são circundados pela teia de atos e palavras de outros homens, e estão em permanente contato com ela”. (Arendt, 1983: 201).

De acordo com Arendt (1983), o espaço público é o cenário para que a política aconteça; é a reunião na qual os homens se juntam em torno de algumas questões referentes à vida humana. Esse espaço é um modo de relação baseado no

testemunho, isto é, a ação e o discurso serão vistos e ouvidos. Para isso é necessário estar entre outros e abandonar a vida privada.

Ao relatarem que o Fórum era o lugar de decisão, que eles não poderiam decidir sozinhos, e que as pessoas que freqüentavam os encontros tinham o interesse de ouvir e estavam preocupados com a comunidade, depreendi que o sentido que os jovens estavam atribuindo ao fórum era o de ser esse espaço público sobre o qual nos ensina Hannah Arendt.

A rua, em contrapartida, se mostrou como um lugar “privado”, no sentido de que os assuntos eram particulares, interessando a poucos e que era preciso um outro espaço para se tratar das questões comunitárias.

Na esfera pública, de acordo com Arendt (1983), as pessoas podem se encontrar para fazer coisas que superem as coisas cotidianas; é o espaço onde os homens podem expressar sua singularidade. Para a autora, no momento que as pessoas estão juntas, estão em uma ação política. Quando voltam para casa, não é mais política. A cidade e, no caso dos jovens, o Fórum, é um entre-nós – quando falo com você e você me ouve, cria-se o espaço político.

Pareceu-me que o objetivo da reunião dos jovens é a própria relação, uma relação em que o jovem fala e vê, ao mesmo tempo em que ouve e percebe os outros. Nesta relação, o sujeito é o que importa; é ele que pode convencer, interferir, opinar, enfim, participar segundo sua própria história, delineada na História de todos nós.

Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos (...). A participação, portanto é uma ação condicionada pelo fato de vivermos uns-com-os-outros e pela possibilidade de interferimos nos rumos da história (Arendt, 1983: 31).

Entendo que o Fórum de Adolescentes é esse espaço de reunião de que Arendt nos fala - ele constitui o cenário necessário para que a ação e o discurso saiam do espaço privado, ganhando sua dimensão pública. Entendo que compreender o fórum como um espaço de exercício da dimensão pública na relação entre-homens é compreendê-lo como um espaço de formação do jovem como cidadão, isto é, em uma relação entre iguais.

Percebo que para os jovens, o Fórum de Adolescentes vem se configurando como uma semente de Participação Cidadã (Gohn, 2003) que busca a igualdade, mas reconhece-se na diversidade cultural.

Pude perceber que esta relação entre iguais, assim como as ações coletivas, não se confundem, na fala dos jovens, com a homogeneização dos envolvidos; a singularidade de cada um deve ser respeitada:

- “- E quando ninguém concorda? Cada um tem uma opinião diferente? O que a gente faz? (...)”.*
- Tem que chegar numa conclusão.*
- Como faz pra chegar numa conclusão?*
- Vai para votação.*
- Votar?*
- Primeiro rola um debate antes.*
- Rola um debate?*
- É, ‘eu acho isso, num acho aquilo, porque você não acha então?’ Eu acho isso, isso e isso, tem que argumentar.*
- Você tem que convencer a pessoa que ela tá errada.*
- Que ela tá errada e ela tem que provar que ela tá tipo certa, ela usa os argumentos dela e você usa os seus. Aí quando não muda a opinião. Vai pra votação. É. O que a maioria decidir.” (Ubaldo e Ezequiel)*

Nesta perspectiva, acredito que o Fórum de Adolescentes é uma possibilidade de começar a desenvolver uma cultura participativa na comunidade em que os jovens moram.

De acordo com Gohn:

O coletivo deve ser o cenário, o espaço de construção das vontades, através do pluralismo das idéias, de seus confrontos, e da formulação de linhas comuns que possibilitem a canalização das vontades individuais em vontades coletivas (2001a: 108).

Compreendo que o diálogo, a amizade, a esperança e a existência de um espaço público foram condições relacionadas com o sentido de participação dos jovens no Fórum.

A participação para eles, parece ter também o sentido de exposição de idéias, de opiniões, de proposições e de escuta, não em qualquer lugar, mas no grupo e na circunstância do debate. No decorrer da entrevista, os jovens relataram muitos

modos que consideram como participativo ou não e contaram algumas experiências próprias de participação.

Pareceu-me que embora falassem desses diferentes modos, defendiam uma *melhor maneira* de participar, que parece estar relacionada com a intenção da participação, especificamente com a intenção de ajudar a todos, pensar na comunidade, e com o espaço onde ocorre a participação, que deverá ser o espaço público, conforme já apontado, de modo a ser possível inferir que o objetivo e o espaço são fundamentais no sentido que o grupo de jovens atribui à participação.

Sob a luz do pensamento da fenomenologia existencial, não há um único modo de ser-no-mundo, assim como não há um único modo de ser-no-mundo-participando. A participação então ganha diferentes matizes, que são definidos pela historicidade, pela linguagem e pela espacialidade em que o ser está inserido e pela sua maneira única de experienciá-la e compreendê-la.

“Tipo, não tem um modo de participação, acho que não tem, participação é de várias maneiras, tipo dependendo do que você tá participando você, tipo política é um modo de participar, na minha comunidade é de outro jeito, fora daqui é de outro jeito, acho que não existe um foco ‘ah eu tô fazendo isso eu tô participando’ tipo ‘isso é participação’, acho que não tem isso”. (Ezequiel)

Além dos elementos gerais da *melhor participação*, no Fórum de Adolescentes, o grupo também identificou a atitude de falar o que se está pensando, de forma a ajudar o outro e também de forma que este outro tenha opinião própria e não seja, como eles mesmos nomearam, *embalo*, como uma qualidade da participação.

Esse pensamento do grupo relaciona-se com um ensinamento de Paulo Freire:

A existência porque humana não pode ser muda, silenciosa, nem tão pouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar constantemente o mundo, é modificá-lo (1987: 78).

Esta revelação me fez pensar nas características que Hannah Arendt atribui à liderança. Para a autora (1983), o líder é aquele que aponta para uma nova possibilidade e congrega o auxílio de outros a esta. Esta condição de liderança está no grupo que possibilita, pelo diálogo, uma participação efetiva.

Lembrei-me de quando falaram dos ‘linha de frente’ e de quando, ao final da reunião, falaram que seria o grupo que incentivaria os outros a participar:

“A gente devia começar logo com a brincadeira. Começar com uma brincadeira? É tipo a gente leva a brincadeira. É só pra dar início pode ser esse grupo aqui. É só pra dar início. É aí no fórum a gente decide quem vai participar. É porque a gente não pode decidir nada, quem decide é o fórum. É o fórum, mas só pra dar início, só pra incentivar. Pra começar? É a gente já monta a pauta. É só pra mostrar interesse. Pra dar o Primeiro passo”. (Ubaldo, Aldo e Ezequiel)

Com relação a outros modos de participação, como por exemplo, aqueles que aparentemente não têm opinião própria, pareceu-me que os jovens foram categóricos em considerar esta postura como não participativa no Fórum.

No entanto, sobre as pessoas que têm essa postura nas eleições governamentais, os mesmos consideram que é participação. Manifestaram não concordar com a postura e consideraram que esta não é a *melhor maneira*, mas demonstraram acreditar que muitas pessoas votam *‘por irem no discurso dos outros’*.

Também em relação às pessoas que não emitem as opiniões no Fórum, eles consideraram como sendo uma não participação. Para eles, essas pessoas não participam, pois deveriam falar para o grupo, valorizando o espaço público, cuja importância já destacamos anteriormente.

Entretanto, quando a omissão em relação a colocar as opiniões no Fórum foi relacionada à timidez de alguns jovens, que dividiam essa opinião com apenas uma pessoa, o grupo considerou que existia ‘participação mais ou menos’, com a fundamentação de que, neste caso, aquele que escuta a opinião do tímido tem condição de torná-la pública oportunamente.

Mas é importante destacar que os jovens se manifestaram expressamente na intenção de alterar essa postura, propondo inclusive ações para que esse quadro

deixe de existir, tendo em vista que para eles, estes jovens participam de um *modo individual, não pra todo mundo, mas para a pessoa do lado*.

Sem dúvida, as relações afetivas – marcadas pelo diálogo, pela amizade e pela esperança – são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem e para envolver esses jovens com as propostas, porém percebi que não há um único aspecto que envolve a participação dos jovens.

Um outro aspecto que foi apontado diz respeito à necessidade de um responsável que não seja membro do grupo, alguém que não seja da mesma faixa etária. Eles se referiram à necessidade de um adulto para contribuir na organização do grupo de coordenação do Fórum. Compreendi esse aspecto como condição para a participação, o que possibilitou uma reflexão a partir de alguns pensamentos de Hannah Arendt.

De acordo com Arendt (2001), o adulto é o responsável pelas crianças e jovens, muito mais do que isso, ele é responsável pelo mundo em que estes novos chegam. Na relação ensino-aprendizagem, o educador (adulto) é quem melhor conhece o mundo e o representa. É ele quem apresenta o mundo às crianças, essa é sua responsabilidade. Com essa autoridade, ele deve apresentar o mundo como ele é, com suas oportunidades e desafios, e como um espaço que possibilite o poder renovador do jovem.

A partir do relato dos jovens, pareceu-me que é esse sentido que estavam dando à presença do adulto. Aquele que os ajudaria na organização das propostas, na escuta uns dos outros, que indicaria ‘o certo e o errado’. Para Arendt, o educador, frente à criança e ao jovem, é como se fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo “Isso é o nosso mundo” (Arendt, 2001: 239).

Ao apontar a presença do adulto como uma necessidade, entendo que os jovens estavam se sentindo solitários no próprio fazer e pensar, em um território que desconheciam (organizar propostas) e revelaram que, embora se respeitassem, era difícil se escutarem.

Essa demanda parece ser, em última análise, uma demanda por autoridade, no sentido que dá ao termo Arendt (1983), ou seja, uma decorrência do conhecimento prévio que o adulto tem a respeito do mundo, conferida a um ato ou indivíduo que reconhecemos e desvinculada da força e da violência.

O que podemos perceber na atualidade, e Hannah Arendt (2001) já alertava em sua época, é que os adultos estão negando sua responsabilidade para com o mundo e, portanto estão recusando a responsabilidade sobre a trama de significações às quais trouxeram as crianças e jovens.

Cada adulto tem sua parcela de responsabilidade pelo mundo onde vivemos. É preciso perceber-se na co-existência e, portanto na co-responsabilidade pela sua configuração atual. Esquecemos que o mundo é uma trama de significações construídas por nós, mortais, e, assim como seus criadores, desgasta-se e corre o risco de fenecer caso não seja bem cuidado.

Portanto, ao pensarmos na participação dos jovens, não podemos nos esquecer dessa responsabilidade que nos cabe de apresentar o mundo para eles e de possibilitar a eles que se revelem, conforme o próprio grupo de adolescentes entrevistado solicitou.

Além do adulto como um facilitador do processo de organização grupal, os jovens apontaram para um outro elemento que compreendem como necessário ao desenvolvimento de suas atividades, a saber, a rotina.

Os jovens demonstraram conhecer a rotina do fórum e sua forma de organização. Explicaram sobre o livro ata, que me pareceu ser um instrumento que colaborava com o grupo na medida em que podiam, a partir de sua leitura, lembrar o que era decidido - as regras - e, também, verificar quem iria ao passeio.

A importância da rotina está relacionada à organização do tempo e do espaço desde o nascimento de cada criança, entretanto, no que se refere à relação entre o co-orientador e o grupo, esse elemento denota ainda o respeito recíproco existente entre ambos.

A esse respeito, importa trazer à baila o ensinamento de Costa & Silva (orgs) (2001: 54):

Vínculo se constrói numa constância de tempo e espaço. Regularidade de presença e compromisso. Sem vínculo, nenhum referencial adiantaria, pois este se constrói na aceitação do outro como ele pode ser naquele momento. Aceitar o outro com sua capacidade real para deixar aflorar o seu potencial ou suas possibilidades.

A fala do grupo denota o domínio da organização, da rotina que é essencial para a criação do vínculo não só entre o educador e o grupo, mas também garante a constância do vínculo entre os seus componentes, e conforme foi apontado especialmente quando tratei da amizade e do diálogo, isso é motivo da participação para esse grupo.

O domínio da rotina do Fórum, que é diversa da cotidiana, abre a possibilidade de que os jovens se apropriem do modo de organização de outros espaços em que podem participar.

Outro momento da entrevista em que os jovens demonstram ter domínio a respeito do Fórum, é quando identificam um problema que, de acordo com seu relato, atrapalha a participação, qual seja, a relação entre meninos e meninas.

Os jovens apontam que a apresentação de idéias e de propostas pelas meninas era motivada pelo fato de terem sido anteriormente apresentadas propostas pelos meninos, e vice versa, defendendo interesses peculiares a cada sub grupo, tendo em vista a concepção de que há assuntos de interesse de meninos e assuntos de interesse de meninas.

Essa *competição* foi identificada por eles como uma ocorrência desde o início das atividades do fórum, e ainda de acordo com seu relato, vem se alterando com o decorrer do tempo, embora inicialmente apontada como um problema sem solução.

Ao mesmo tempo em que relatavam essa relação, pude observar que existe uma vontade de ambos, meninas e meninos, de ficar juntos, de conversar mais, inclusive quando, após terem identificado a relação entre eles como um problema no fórum que foi considerado como devolutiva, terem apresentado uma idéia que, segundo eles, resolveria a questão.

Tal idéia consiste no retorno do grupo de coordenação, composto paritariamente por meninos e meninas. Parece que o sentido de participação para este grupo também está na possibilidade da resolução desse conflito, tendo em vista especialmente o fato de que existe vínculo entre os dois sub grupos.

Essa questão de gênero mereceria maiores estudos, porém, tendo em vista o pouco tempo disponível para a realização da pesquisa, bem como a complexidade do tema e, finalmente, o fato de entender que a análise formulada traz as contribuições necessárias ao desvelamento do sentido de participação, deixo no momento de aprofundar a interpretação a esse respeito.

Mesmo identificando questões a serem solucionadas, como a exposta acima, o grupo demonstra perceber claramente conquistas decorrentes da participação, que são avaliadas em termos semelhantes ao utilizado para a descrição do *melhor jeito de se participar*.

Considerando-se o exposto, parece que as conquistas são avaliadas de acordo com o pensamento no bem comum que, segundo eles, deve nortear a ação participativa, mesmo reconhecendo que essa ação poderá acarretar o desenvolvimento de alguns conhecimentos que serão apropriados prioritariamente por quem desenvolve a ação.

A esse respeito é ilustrativo quando uma jovem diz que “*Ler livro com a Bia, ela tá ajudando a melhorar minha leitura, não sei se ajuda os outros, eu acho que sim, mas me ajuda*”.(Mirela)

A atividade descrita pela adolescente, embora tenha resultados fundamentalmente pessoais, foi pensada com foco no bem comum, oferecida às crianças e aos jovens da comunidade.

Diferente é a manifestação do grupo quando se trata de quem vota para receber qualquer vantagem individual, deixando de ter em mente a questão coletiva que está envolvida.

Daí a compreensão que tive de que o sentido de participação para estes jovens envolve uma ação generosa, que implica o reconhecimento da precedência do bem comum sobre o bem individual.

É importante destacar que o sentido de bem comum que foi revelado na entrevista, compreende tanto bens que são de uso exclusivo do grupo de adolescentes, mas que estes consideram como uma conquista comunitária, quanto ações que envolviam não só eles, mas toda a comunidade.

“Tem tipo quando a gente participa do Fórum, mas não é só pra gente, a gente ganha coisa pra comunidade, não só pra um, mas pra todo mundo. Vocês têm um exemplo disso, em que vocês ganharam uma coisa que era pra todo mundo? O uniforme do time”. (Vagner e Aldo)

“Ele ajudou nós e nós ajudou os outros porque acabou com o fedor” [em referência à reforma do campinho] (Aldo)

Outro exemplo em que o grupo demonstrou generosidade foi no Fórum posterior à entrevista, em que os jovens que participaram da mesma sugeriram a volta do grupo de coordenação e, para a constituição deste, que houvesse um rodízio dos integrantes, bem como reuniões abertas a quem tivesse interesse.

Como o sentido de participação parece estar relacionado com o vínculo de amizade, essa proposta revelou através da ação, a intenção de inclusão daqueles que foram considerados pelos entrevistados como menos participativos, a partir da estratégia de montagem de grupos menores e da sugestão de brincadeiras para desinibir os tímidos. A proposição de brincadeiras além do emitir opinião, dar idéias, também foi considerado pelo grupo como uma ação participativa.

Feitas essas considerações a respeito dos desdobramentos da participação, entendo que posso sintetizar o seu sentido para os jovens entrevistados.

A partir dos relatos, as experiências de participação destes jovens são prioritariamente no Fórum de Adolescentes. Essa experiência me pareceu ter o sentido de possibilitar aos jovens falar, escutar, estar junto, conhecer os acontecimentos da comunidade e pensar no bem comum.

Nas experiências externas, a participação parece ter o mesmo sentido, porém não com a mesma intensidade, tendo em vista o caráter fundamentalmente avaliativo e pontual que eles revelam conferir à mesma.

Após essas reflexões, considero importante retomar o sentido de participação para os jovens que colaboraram com esta pesquisa. Para eles, aquele sentido está em participar de um grupo, de união em um espaço público para, de forma envolvida, falar, trocar idéias, tomar decisões, ser ouvido e ouvir respeitosamente. Pensar em todos e fazer com que todos ganhem.

VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Era uma vez um grupo de jovens, que vivia numa comunidade, que vivia numa cidade, que vivia num país, que era na trama do mundo. Esse mundo, país, cidade, comunidade e grupo se revelaram em palavras e gestos. Esses adolescentes de hoje é dos que foram crianças ontem, que ousaram dividir o que pensam, o que sentem, o que querem, o que sonham...

Contar esse sonho começou na realidade da Comunidade Chico Buarque que envolvida na beleza do encontro entre-homens, desvelou-se amiga e solidária. Comprometida em cuidar de suas crianças e jovens, arriscando-se na aventura de educá-los com ternura, cuidado e amor. Estendendo as mãos àqueles que desejavam, mesmo de fora, trilhar esse caminho juntos.

Nesse caminho, a participação se fez como a possibilidade de compartilhar ações e crenças; em um exercício de troca, construído na relação com o outro. Quando acreditamos em algo e criamos um espaço de partilha podemos desenvolver nossa capacidade de projetar e interferir nos rumos da história.

Essa possibilidade não é oferecida pronta, principalmente na atualidade, em que, normalmente, as reuniões se dão em função do consumo e não pelas crenças dos envolvidos.

Assim, compreendo que, a participação do jovem deve se dar em um espaço em que ele revele sua singularidade, possa compartilhar suas crenças, criar acordos próprios de sua compreensão do mundo e, portanto possa cuidar desse mundo quando for adulto.

É nosso papel, como educadores, fundar este espaço, em que essa participação seja possível e este espaço, tratando-se de uma relação e não uma delimitação geográfica, só é viável superando o desafio de fazer juntos, ou seja, no diálogo.

No entanto, tudo destruímos se tentarmos moldar os jovens com nossas ações, de tal modo a projetarmos neles nossas ações e palavras, impedindo sua revelação e a conseqüente renovação no mundo.

Desse modo, pensar a participação do jovem dentro de uma perspectiva educativa implica termos clareza de que somos responsáveis pelo mundo em que vivemos bem como pela não transferência de autoridade. Também temos que atentar para não moldarmos o jovem de acordo com os nossos interesses.

A partir deste trabalho aprendi muitas coisas. Agora compartilho algumas descobertas que fiz no percurso de sua realização.

A primeira descoberta refere-se à importância de compreender o sentido que os jovens atribuem à participação, pois me debruçar sobre o sentido provocou a revisão da prática educativa realizada até então e, a partir daí, foi aberta a possibilidade de outras intervenções.

Desocultar o sentido permite conhecer mais o grupo e, conhecendo melhor o grupo, é possível planejar ações que atendam de forma mais qualificada às necessidades e demandas do próprio grupo, bem como permite avaliar as ações que vem sendo desenvolvidas.

Outra descoberta diz respeito ao Fórum de Adolescentes. Entendo que a criação de Fóruns como estratégia de reunião de grupo, de inauguração do espaço público, cria a possibilidade de pensar o bem comum e, portanto, constitui-se como base para uma ação não tutelada e sim de autonomia dos jovens. Para tanto é fundamental também que os jovens não sejam apenas consultados, mas possam decidir.

Com relação a esse espaço, cabe lembrar duas sugestões dadas pelos próprios jovens, quais sejam: a criação de subgrupos menores em que as trocas possam se dar de forma mais intensa e os envolvidos sejam mais solicitados a participar, e a solicitação de um adulto que os ajude na organização do grupo. Mas entendo que não podemos criar esses grupos artificialmente, de forma mecânica. A troca de idéias, de opiniões, como eles mesmos me ensinaram, é muito importante, não só para a criação do grupo, mas também para sua manutenção.

No que se refere à manutenção, o debate é fundamental, mas entendo ser necessário o estabelecimento de uma rotina como elemento facilitador da organização do grupo, de diferenciação do espaço público do cotidiano e de

ampliação do conhecimento para que o sujeito compreenda diferentes formas de organização. Entendo que a partir da participação no espaço público local aprende-se a participar em outros espaços sociais.

Ao pensar em políticas públicas de juventude ou na promoção da participação dos jovens, por exemplo, em movimentos de juventude, temos que nos debruçar sobre o sentido que os jovens estão dando às ações realizadas. Cabe lembrar um questionamento que Sposito (2003) faz e do qual também compartilho – “(...) seriam os próprios jovens mandatários dessas políticas ou apenas o mundo de adultos articulado no campo das instituições?”.

Ao buscar o sentido de participação para os jovens que participaram do Fórum de Adolescentes, descobri jovens generosos, que acreditam que a melhor maneira de participar seja pensar em todos e possibilitar que todos ganhem. Também querem falar e ouvir de uma forma respeitosa. É preciso, portanto, escutá-los.

Nesse sentido, gostaria de compartilhar uma grande descoberta, a Entrevista Reflexiva como propõe Szymanski (2002). Esse procedimento se revelou não só como um facilitador para a compreensão do sentido de participação para o jovem, como também um instrumental de intervenção.

“Acho que a gente nunca percebeu que isso fez falta. Só agora, que a gente tá percebendo. É agora que a gente parou mesmo pra pensar”. (Ubaldo, Aldo e Ezequiel)

“É, é, agora aqui nesse debate que a gente tá parecendo a reunião de coordenação”. (Aldo)

A Entrevista Reflexiva solicitou a reflexão do grupo, bem como mudanças, o que significa que houve construção de um saber a respeito do próprio grupo e da temática por parte dos envolvidos.

À luz dessas reflexões entendo que as ações voltadas particularmente aos jovens, não podem prescindir da criação de espaços em que eles possam experimentar e aprender o diálogo e a participação. Como ensina Hassenpflug:

“Participar se ensina e se aprende, e aprende-se a participar, participando”. (1999: 20)

VIII – BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, H.W. *Consideração sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, nº 5 e 6, 1997.

ABRAMO, H.W.; FREITAS, M.V. de; SPOSITO, M.P.(Orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Ação Educativa; Cortez, 2000.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. – 8 ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (Série Prática Pedagógica).

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. tradução de Mauro W. Barbosa – 5 ed. São Paulo: Perspectiva, (2001,[1964]). (Coleção Debates; v.64)

_____. *A condição humana*. tradução de Roberto Raposo; introdução de Celso Lafer – Rio de Janeiro, 1983.

_____. *O que é Política?* [editoria, Ursula Ludz] tradução de Reinaldo Guarany. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. *A vida do Espírito: o pensar o querer o julgar*. Tradução Antonio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida, Helena Martins; revisão técnica Antonio Abranches. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

_____. *A dignidade da Política: ensaios e conferências*. Organizador Antonio Abranches; Tradução Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da família*. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1981.

BORDENAVE, J. E. D. *O que é participação*. – 8 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, C.R. (Org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em <senado.gov.br>. Acesso em: 10 de maio de 2003.

CARVALHO, A.; SALLES, F. & GUIMARÃES, M. (orgs) *Adolescência*. Belo Horizonte, Ed. UFMG : Proex UFMG, 2002.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA. *Coleção jovens e a escola pública*. 2.^a ed. São Paulo : CENPEC, 2002 (volumes 1, 2 e 3)

CEPAL. *Protagonismo Juvenil en proyectos locales: lecciones del cono sur*. Santiago do Chile, UNESCO: 2001.

CORROCHANO, M. C. e WRASSE, D. *Elaboração participativa de projeto: um guia para jovens*. São Paulo: Ação Educativa, 2002.

COSTA, A. C. G. *Protagonismo juvenil*. Mimeo, Belo Horizonte, 1996.

_____. *A Presença da Pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa*. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Senna, 1999.

COSTA, A. T. da & SILVA, R. P.(coord.) *Ludicidade: o resgate da cidadania através do lúdico*. Nestlé: UNESCO, s.l., 2001.

CRITELLI, D.M. *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

_____. *Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica*. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1981.

CRUZ NETO, O. *Otrabalho de campo como experiência e descoberta*. In Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Maria Cecília de Souza Minayo (org). 21.^a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DALLARI, D.de A *O que é participação política* – 11 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1992.

DEMO, P. *Participação é conquista*. – 5 ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* – 3 ed. – São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. – 31 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. *Educação como prática da liberdade* – 25 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GOHN, M. da G. *Movimentos sociais e educação* – 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2001a. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.5).

_____. *Educação não formal e cultura política* – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2001b. – (Coleção questões da nossa época; v.71).

_____. *Conselhos Gestores e participação sociopolítica*. São Paulo: Cortez, 2001c. – (Coleção questões da nossa época; v.84).

_____. *Os sem-terra, ONGs e cidadania*. – 3.^a ed – São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. (org.) *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b.

HASSEMPFLUG, W. N. *O que a ONG e a escola podem fazer juntas*. In *ONG parceira da escola*. Série Educação & Participação. São Paulo : CENPEC : ITAÚ : UNICEF, 1999.

HEIDEGGER, M. *Todos nós...ninguém: um enfoque fenomenológico do social*.

Apresentação, introdução, notas e epílogo Sólón Spanoudis; tradução e comentário Dulce Mára Critelli. São Paulo: Moraes, 1981.

HERMANN, N. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (O que você precisa saber sobre).

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAFER, C. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção O Mundo, hoje; v.35)

LEVI, G. & SCHIMITT, JC. *História dos jovens: a época contemporânea*. Tradução Paulo Neves, NilsonMoulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

LIMA, L. C. *A escola como organização educativa*. São Paulo: Cortez, 2001.

LYRA, J. et al. "A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete". *Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos*. In CADERNOS DO CEDES/ CENTRO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. V. 57, São Paulo : Cortez, 2002.

LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. Série Trilhas, São Paulo: Educ., 1999.

MARTINS, J. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____ e BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia*. 2 ed. São Paulo: Moraes, 1994.

MINAYO, M. C. de S. (et al.) *Fala, galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

_____. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21.^a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOROZ, M. e GIANFALDONI, M. H. T. A. *O processo de pesquisa: iniciação*. Brasília: Plano Editora, 2002.

PATEMAN, C. *Participação e teoria democrática*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SMOLKA, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. – 8 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP e Cortes, 1999.

SPOSITO, M. P. *Trajetória na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil*. In. Políticas públicas: juventude em pauta. Maria Virginia de Freitas & Fernanda de Carvalho Pappa (orgs). São Paulo: Cortez: Ação Educativa, 2003a.

SPOSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003b.

SUDBRACK, M. F. O. et al. (orgs). *Adolescentes e drogas no contexto da justiça*. Brasília : Plano, 2003.

SZYMANSKI, H. *Um estudo sobre significado de família*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) – PUC/SP.

_____. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Editora Plano, 2002.

UNICEF. *A voz do adolescente*. Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2002.

ANEXOS

ENTREVISTA REFLEXIVA

A entrevista reflexiva foi realizada no dia 04 de outubro de 2003. Foram entrevistados seis jovens que participam do Fórum de Adolescentes.

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO

Os registros apresentados a seguir se referem aos encontros de Outubro, Novembro, Dezembro de 2002 e Fevereiro, Março e Abril de 2003. Os encontros tiveram a duração de aproximadamente 1h e 30min e contaram com a participação de 22 jovens em média.